

Universidade Federal de Uberlândia

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação



Jorge Luiz de França

**Uberlândia
2013**



Universidade Federal de Uberlândia

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

*Mulheres, Imprensa e Sociedade em Ribeirão Preto
(1930-1940)*

Uberlândia
2013

Jorge Luiz de França

Mulheres, Imprensa e Sociedade em Ribeirão Preto (1930-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação.

**Uberlândia
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F814m França, Jorge Luiz de, 1982-
2013 Mulheres, imprensa e sociedade em Ribeirão Preto (1930-1940)
/ Jorge Luiz de França. -- 2013.
169 p. : il.

Orientadora: Raquel Discini de Campos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Ribeirão Preto (SP) -- História – 1930-1940 -- Teses. 3. Mulheres na imprensa -- Teses. I. Campos, Raquel Discini de. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Contracapa: Propagandas do *Diario de Noticias* e formatos dos jornais ribeirão-pretanos nos anos de 1930.

Jorge Luiz de França

Mulheres, Imprensa e Sociedade em Ribeirão Preto (1930-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação. Orientação: Dra. Raquel Discini de Campos.

Orientadora: _____

Drª. Raquel Discini de Campos
UFU

Examinador: _____

Dr. Wenceslau Gonçalves Neto
UFU

Examinador: _____

Dr. Sérgio César Fonseca
USP (Ribeirão Preto)

Dedico este trabalho às personagens femininas que compõem a minha história.

Agradecimentos

Agradeço àqueles que, direta ou indiretamente, auxiliaram no andamento e na execução deste trabalho.

À agência de fomento CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo auxílio financeiro no desenvolvimento do projeto, assim como ao PPGED (Programa de Pós-Graduação em Educação), da Universidade Federal de Uberlândia.

À amiga e orientadora Dra. Raquel Discini de Campos, pela dedicação, empenho e força oferecidos durante o desenvolvimento da pesquisa. Pelas indicações de leitura, pelo incentivo para participar de congressos ligados à História da Educação.

As três mulheres que formam a base de minha vida: minha avó Maria Ferreira, minha mãe Antônia Gertrudes e minha queridíssima companheira e esposa, Daiane Carolina de Paula França, que estiveram junto a mim nas horas de angústias e alegrias.

Ao meu irmão Marcos Henrique de França, que me ensinou as diferenças dos diversos gêneros musicais, assim como aos meus sobrinhos: Marcos, Guilherme, Gabrielle, Davi e a todos os meus familiares.

Não poderia deixar de mencionar a gentileza de Mauro Porto em sua incansável dedicação na verificação de fontes primárias que nos foram úteis na escrita deste trabalho e os professores: Humberto Perinelli, Fábio Pacono, Carlo Monti, Lilian Rosa, Nainôra Freitas, Rodrigo Ribeiro Paziani, Rafael Cardoso, Ângela Chichittostti, Letícia Carvalho, Lúcia Jayme, Rodrigo Calsani, Tiago Giorgianni, entre tantos outros pesquisadores que colaboraram no desenvolvimento da historiografia ribeirão-pretana.

Aos funcionários dos acervos e arquivos públicos e privados: Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto, Fundação Biblioteca Nacional, Arquivo Público do Estado de São Paulo e Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Aos professores Wenceslau Gonçalves Neto e Carlos Henrique de Carvalho, pela leitura minuciosa durante o exame de qualificação, assim como pelas indicações bibliográficas.

Resumo

O presente trabalho busca contribuir com a escrita da História da Educação em Ribeirão Preto, São Paulo. Procura-se discutir, por intermédio da análise da imprensa regional, particularmente do jornal *Diario de Noticias*, as representações construídas em torno das mulheres daquele espaço nos anos de 1930 e 1940.

Por meio da leitura do *Diario* acreditamos ser possível reconstruir os intentos normatizadores dos impressos de então, visando, sobretudo, à educação das mulheres.

Pela leitura das fontes produzidas pelos letrados do interior paulista, busca-se perceber quais eram os temas privilegiados em torno do universo feminino, bem como as questões consideradas relevantes pelos homens públicos daqueles tempos em relação à educação das mulheres.

Palavras chave: Mulheres, Imprensa, Aspectos Sociais, Educação, Ribeirão Preto.

ABSTRACT

This work seeks to contribute to the writing of the history of education in Ribeirão Preto, São Paulo. It seeks to discuss about the analysis of regional press - particularly the Daily Newspaper News (*Diario de Noticias*), the representations constructed around the women that space in the years 1930 and 1940.

By reading the Daily News (*Diario de Noticias*), we believe it is possible to reconstruct the thoughts that regulate the printed ordering mainly the women's education.

By reading the sources produced by the interior of scholars, we seek to understand which were the favorite themes around the feminine universe, as well as the issues considered relevant by public men of those times in relation of the education of the women.

Keywords: Women, Media, Social Aspects, Education, Ribeirão Preto.

Lista de Imagens

Contracapa

Propagandas do *Diario de Noticias* e formatos dos jornais ribeirão-pretanos nos anos de 1930.

Capítulo I - A *Belle Époque* Cafeeira

1.	Políticos integrantes do PRP	37
2.	Serraria de Gustavo Vielhaber	38
3.	Cafeicultores do Nordeste Paulista	39
4.	Primeira capela, no ano de 1868	41
5.	Prédio do Fórum e Cadeia	43
6.	<i>Theatro Carlos Gomes</i>	46
7.	Grupo Escolar Dr. José Guimarães Junior	47
8.	Ginásio de Ribeirão Preto	48
9.	Casa Alemã	51
10.	<i>Au Bon Marché</i>	51
11.	Quarteirão Paulista de Ribeirão Preto	52
12.	Edifício Antônio Diederichsen	53
13.	Antigo Banco Construtor	53
14.	Quadrilátero Central	55
15.	Cassino e suas bailarinas	58
16.	Bordeleiro do Antarctica	59
17.	Banda Filhos de Euterpe em corporação musical	60
18.	Orquestra do Cinema Bilac	61
19.	Arquibancada do Comercial Futebol Clube em dia de jogo – 1923	62
20.	Grupo de homens no Clube de Regatas	63
21.	Grupo de mulheres no Clube de Regatas	63

Capítulo II - Imprensa e Civilidade em Ribeirão Preto

1.	Juvenal de Sá Macedo e o Semanário: <i>O Reporter</i>	68
2.	<i>Diario da Manhã</i> e os políticos da localidade	71
3.	Inauguração da linotipo do jornal <i>Diario da Manhã</i>	72
4.	Ramo de café	77
5.	Empastelamento do jornal <i>A Cidade</i> em outubro de 1930	80
6.	Os fundadores do jornal <i>A Cidade</i>	82
7.	Revista de propagandas das terras do café, direcionada ao exterior	85
8.	O vespertino do capitão	87
9.	Formato do jornal <i>O Estado de São Paulo</i>	89
10.	Fundadores do jornal <i>Diario de Noticias</i>	92
11.	Propagandas da década de 1930	96
12.	As propagandas e suas apropriações no cotidiano	97
13.	Brindes aos assinantes	99
14.	Concentração da Imprensa em Ribeirão Preto	101
15.	Grupo de crianças e jovens: vendedores e entregadores do <i>Diario de Noticias</i>	102
16.	<i>Diario de Noticias</i> e o 7 de Setembro	103
17.	Informativo sobre o aumento do custo do papel	106
18.	Formatos dos jornais locais nos anos de 1930	108

Capítulo III - Mulheres Impressas

1.	Dicas de bordados para as leitoras	112
2.	Escola de corte e costuras	113
3.	Vestimentas femininas	114
4.	Cinta de modelagem corporal	115
5.	Propaganda da máquina de escrever <i>Royal</i>	117

6.	Ex-prefeito João Rodrigues Guião e família	118
7.	Participação feminina em novos espaços de sociabilidade	119
8.	Cotidiano familiar	126
9.	Filmes de Hollywood	127
10.	Como ter um sorriso de cinema	128
11.	Propaganda da <i>Quaker Oats</i>	129
12.	Instinto maternal	130
13.	Assistência à Infância, (1935)	132
14.	Energia e disposição femininas	133
15.	Mulheres na direção	134
16.	Vida privada	135
17.	Refrigerador <i>G.E.</i>	137
18.	Classificado de empregos	139
19.	Beleza que não necessita de artifícios	140
20.	Produtos de beleza feminina	141
21.	Instituto de Beleza Moura	142
22.	Manicure	143
23.	Concursos de rainhas	145
24.	Fino ornamento da cidade	146
25.	A chave da <i>belleza</i>	149

Lista de Mapas

1.	Caminho dos <i>Goias</i>	28
2.	Divisa das fazendas pioneiras	30
3.	Linha e ramais da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro e Fluviais em 1945	34

Lista de Tabelas

1.	Dados demográficos da população em Ribeirão Preto (1902)	35
2.	Alta Mogiana: população total em algumas cidades (1874-1934)	40
3.	Relação de indústrias, profissões e comércio (1890-1904)	44

Lista de Abreviaturas

AESP - Arquivo Públco do Estado de São Paulo

APHRP - Arquivo Públco e Histórico de Ribeirão Preto

CEARP - Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto

DN - *Diario de Noticias*

FBN - Fundação Biblioteca Nacional

IPAI - Instituto de Proteção e Assistência à Infância

S/A- Sociedade Anônima

Sumário

Introdução	16
Capítulo I - A <i>Belle Époque</i> Cafeeira	27
1.1 - Do padroado de São Sebastião a <i>Petit Paris</i>	27
1.2 - Dimensões do espaço urbano no <i>Pays Du Café</i>	42
1.3 - O advento da boemia na localidade	56
Capítulo II - Imprensa e Civilidade em Ribeirão Preto	66
2.1 - No tempo dos prelos	66
2.2 - O fortalecimento da imprensa/empresa	73
2.3 - <i>Diario de Noticias</i> e o aproveitamento das propagandas publicitárias	90
Capítulo III – Mulheres Impressas	110
3.1 - Educando os olhares na década de 1930	110
3.2 - As propagandas e seus ensinamentos	127
3.3 - Beleza feminina na sociedade ribeirão-pretana	139
Considerações Finais	152
Fontes	154
Bibliografia	160

Introdução

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

(Clarice Lispector)

No ano de 2004, iniciei a graduação em História na Faculdade Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, SP. Enquanto realizava o curso, participei de um grupo de estudos denominado GEHCULT (Grupo de Estudo de História Cultural). Naquele grupo, compartilhávamos diversos temas de pesquisa: gênero, educação, etnia, rádio, política, urbanismo, etc. Buscávamos compreender o passado nas diversas esferas do cotidiano da sociedade ribeirão-pretana. Para desenvolver o trabalho de conclusão de curso, realizei uma pesquisa intitulada “Meretrizes na *Belle Époque* do Café: cabaré e sociedade (1890-1920)”. Para tanto, analisei as representações do uso do corpo a partir dos preceitos do ideal civilizador comungado pelos administradores da cidade de Ribeirão Preto. Continuando a pesquisa na Especialização em História, Cultura e Sociedade, realizada no ano de 2008, busquei estudar as relações entre o movimento feminista e a imprensa local. Tal pesquisa resultou no trabalho intitulado “Na trilha do feminismo: imprensa feminista na Ribeirão Preto de 1914-1918”, onde procurei identificar as ações da imprensa sobre as possíveis falas e/ou o silêncio da escrita feminina na história local.

Em 2011, tive a oportunidade de iniciar o desenvolvimento desta dissertação, buscando analisar as representações sobre as mulheres na imprensa ribeirão-pretana. Para adequar o tema ao desenvolvimento da narrativa, lancei um olhar sobre a imprensa, tendo como objetivo evidenciar os ensinos dirigidos especialmente a elas. Para tanto, realizei uma investigação em arquivos públicos e privados a fim de encontrar fontes que pudessem colaborar com o desenvolvimento do trabalho.

Dos acervos públicos, foram coletadas 444 imagens no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Da Fundação Biblioteca Nacional, foram utilizados os catálogos que sintetizam determinados periódicos de Ribeirão Preto durante a Primeira República. Por fim, no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, foram tiradas 6.129 fotos, divididas entre os jornais: *A Lucta*, *A Revolução*, *O Reporter*, *O Trabalho*, *La Tribuna Ilustrada*, *Diario da Manhã*, *A Cidade*, *A Tarde* e *Correio da Tarde*.

Este material é passível de ser aproveitado, sejam as fotografias que remetem à história local, os álbuns e almanaques ilustrados, as obras de memorialistas, os documentos oficiais (atas, processos e inquéritos policiais), as plantas do perímetro urbano, os códigos de posturas, entre outros. Nestes acervos o que mais me chamou a atenção foi me deparar com certa quantidade de jornais dos quais a maioria era escrita de forma esporádica, ou seja, que tiveram vida efêmera, uns conhecidos pela historiografia local, outros desconhecidos. Mas, por não se constituírem num bom volume para análise, tornaram-se inviáveis para aprofundamento do trabalho ao qual nos dispusemos a realizar.

Após inúmeras andanças à procura das fontes que pudessem compor a representação sobre as mulheres ribeirão-pretanas, deparei-me com relatos da existência do jornal *Diario de Noticias*. Estes foram localizados na biblioteca do CEARP (Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto). Neste local encontramos uma longa e completa série do matutino correspondente à década de 1930. Assim, fotografei 15.499 imagens do *Diario de Noticias*.

Como flash instantâneo, o impresso apresentava-me uma variedade de assuntos ligados à história internacional, nacional, regional e local, sejam artigos evidenciando os avanços das ciências, questões da política, da religião, notas policiais informando assassinatos, roubos, prisões, enfim, o jornal disponibilizava as mais diversas discussões sobre o cotidiano, em especial ligados ao espaço urbano. Entretanto, este encantamento evidenciado pela fonte se tornava uma armadilha, pois não poderíamos perder o foco em nosso objeto de pesquisa, ou seja, as mulheres, e a imprensa em Ribeirão Preto.

Com a coleta das fontes foi possível criar um banco de dados a fim de facilitar a análise das 22.072 imagens. Conforme fomos juntando os fragmentos das fotos, fomos construindo espelhos de uma realidade, a qual representa em si, o passado local. Nesta *investigação*, a pesquisa, por sua vez, é marcada por vestígios, os quais não são obras do acaso ou do vazio, antes são frutos do tempo social, do tempo do trabalho, do tempo das experiências que são compartilhadas pela ação dos grupos sociais. Numa escala de tempo diacrônico é o historiador que constrói os fatos por meio dos vestígios, por isso o tempo precisa ser objetivado em sua própria periodização.¹

Em *Doze Lições Sobre História*, Antoine Prost salienta que “há algo de carnal na História”². Sua fala está legitimada num texto clássico e célebre de Marc Bloch que assemelha

¹ Cf. CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

² PROST, A. *Doze lições sobre a história*. Trad. Guilherme de Freitas Teixeira, Belo Horizonte: Autêntica 2008, p.56 e p.136.

o historiador ao *bicho-papão* da lenda que ao garimpar arquivos, se depara com o cheiro humano e logo reconhece que ali há uma possível caça. Portanto, quando o pesquisador é sensível em buscar e criar fontes fará de tudo para alcançar sua presa. Prost defende que a existência do saber científico precede a elaboração da escrita. Neste trabalho de elaborar a escrita, o historiador realiza escolhas epistemológicas e recortes temporais para estudar os fatos. Contudo, é necessário - para que as palavras sejam validadas - a utilização de procedimentos que, segundo o autor, “reside no método crítico de análise das fontes”. Tal método serve de farol tanto aos pares que julgarão o trabalho quanto ao pesquisador, que deve escrever um texto com características científicas.

Ao dar voz aos *protagonistas anônimos*, esquecidos em arquivos, seja nos jornais, ou nas imagens fotográficas, enfim, nas mais diversas fontes produzidas pela ação humana, o historiador traz a lume o testemunho do passado. Mas, nesta prática de analisar as evidências históricas, devemos utilizar métodos adequados. A este respeito Marc Bloch evidenciou que “é preciso evitar todos os venenos capazes de viciar o testemunho”.³ Portanto, não podemos apontar nossas próprias vontades nos fatos, pois estaríamos viciando o testemunho de acordo com nossos desejos, tornando assim, visões pessoais em generalizantes.

Assim, para ter o acesso aos fatos da história o historiador deve ter definido o que vai buscar, visto que não dá para lançar dardos sem ter em mente o alvo que deve ser alcançado. Portanto, dentro da história, o historiador deve ter estas questões bem definidas. Do contrário encontrará respostas ao acaso, sem nexo com as perguntas direcionadas ao objeto de pesquisa.

Trilhando os caminhos apresentados em *Doze Lições*, poderemos prosseguir neste exercício de escrita, cientes de que nas entrelinhas estamos nos aproximando do universo feminino. Para aproximar nosso olhar à representação feminina, Michelle Perrot esclarece:

Da História, muitas vezes a mulher é excluída. (...) O “ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história do masculino. Os campos que abordam são da ação e poder do masculino, mesmo quando anexam novos territórios. (...) os materiais que esses historiadores utilizam (arquivos diplomáticos ou administrativos, documentos parlamentares, biografias ou publicações periódicas...) são produtos de homens que têm o monopólio do texto e da coisa pública. Muitas vezes observou-se que a história das classes populares era difícil de ser feita a partir de arquivos provenientes do olhar dos senhores – prefeitos, magistrados, padres, policiais... Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a

³ Cf. VAINFAS, R. *Os protagonistas anônimos da história*: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002; BLOCH, M. Apologia da história, Ou ofício do historiador. Trad. André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.96; Cf. KOSSY, B. Realidades e ficções na trama da fotografia. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009; Cf. KOSSY, B. Fotografia e História. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

mulher é observada e descrita pelo homem. (...) Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês?⁴

Ao cotejarmos as fontes utilizadas em nossa pesquisa com o pensamento da autora, percebemos que esta também utiliza a escrita masculina sobre as mulheres. Entretanto, tal análise leva em conta um “olhar crítico das fontes”, portanto estamos cientes de que as fontes as quais utilizamos foram construídas tanto por homens quanto por mulheres, mas são direcionadas especialmente a elas. Deste modo, o tema central que utilizamos: “Mulheres, Imprensa e Sociedade em Ribeirão Preto”, não se torna vago, pois conforme mostra Joan Scott em relação à escrita da história das mulheres:

À medida que as historiadoras feministas resolveram produzir um novo conhecimento, elas necessariamente questionaram a adequação, não apenas da substância da história existente, mas também de suas bases conceituais e premissas epistemológicas. Nisso encontraram aliados entre os historiadores e outros estudiosos de humanidades e nas ciências sociais que estão discutindo entre si questões de causalidade e explicação, atuação e determinação.⁵

Coforme Scott percebe-se que as feministas precisaram levantar o tom da voz para serem ouvidas. Para tanto, saíram do universo da clausura e do silêncio e iniciaram um movimento no intuito de colocar em prática a igualdade entre homens e mulheres, sobretudo buscaram a valorização da participação feminina na história. Deste movimento nasce uma nova escrita historiográfica com enfoque na temática feminina. Nesse complexo movimento, surge o termo “gênero”, que pode representar “uma rejeição ao determinismo biológico”,⁶ ou ainda, de um modo mais amplo, caracterizar as escolhas entre o sexo masculino e o feminino. A historiadora Rachel Soihet observa que a discussão sobre o:

gênero tem sido desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo

⁴ PERROT, M. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001, p.185-186; Sob esta ótica, as historiadoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott observam que: “O que torna possível a todo ser humano se apossar da história é o fato de que ele, ao nascer numa dada ordem consuetudinária, passa a orientar sua ação a partir de alguns marcos estruturados, tanto pelo costume quanto pela norma, a mulher foi convocada a assumir a direção do lar em nome de uma determinada definição de família, e o homem, o papel de provedor chefe dessa família”. MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida Privada no Brasil*. 3. v. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p.420-421.

⁵ SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP 1992, p.94.

⁶ SCOTT, J. História das Mulheres... Op. Cit... p.279; O termo gênero não representa a ordem sexual biológica e condicionada ao nascimento, mas se define por meio das escolhas realizadas por homens e mulheres e suas opiniões relativas às definições de sua própria constituição em ser. Neste termo fica evidenciado que o ser humano transforma sua existência, adaptando seus instintos e suas preferências.

biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres.⁷

Com a utilização deste conceito na escrita da história surgiram diversos temas que foram absorvidos e canalizados pelos historiadores e cientistas sociais. Novamente tomando emprestado o termo de Scott, encontramos a seguinte análise: “A categoria de gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença”.⁸ Assim, ao enveredarmos no método da análise crítica das fontes, deveremos trazer os vestígios das representações construídas sobre a imagem da mulher – contudo e, sobretudo, deveremos fazer aparecer às particularidades do universo feminino em relação ao imaginário construído pelo homem em determinado tempo e espaço.

Tomando conhecimento das questões levantadas nas linhas anteriores podemos nos dirigir à operação histórica realizada por Michel de Certeau, que discute a ação do objeto em documento, modificando sobremaneira seu estatuto. Mas, quem realiza esta transformação e onde ela é operada? Para compreender esta prática, antes devemos conhecer o lugar social da escrita. Para tanto, nada mais justo observarmos as palavras de Certeau e, por intermédio dela, nos interrogar sobre a nossa prática:

Sem dúvida é excessivo dizer que o historiador tem “o tempo” como “material de análise”, ou como “objeto específico”. O historiador trata, segundo seus métodos, os objetos físicos (papeis, pedras, imagens, sons, etc.) distinguidos, no *continuum* do percebido, pela organização de uma sociedade e pelo sistema de pertinências próprias a uma “ciência”. O historiador trabalha sobre um material para transformá-lo em história. Efetua então uma manipulação que, como as outras, obedecem às regras.⁹

Realizando uma *operação historiográfica* percebemos que o historiador transforma os objetos em vestígios sociais, pois tudo o que diz respeito à humanidade pode ser útil à escrita. Não obstante, o sujeito participa ativamente do processo, fazendo da história um ofício que ressalta uma prática. Assim, a pesquisa histórica é um garimpo e um processo de remontagem.¹⁰

⁷ SOIHET, R. História das Mulheres. In: VAINFAS, R. (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.279.

⁸ SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P... Op. Cit., p.87.

⁹ CERTEAU, M. A operação histórica. In: LE GOFF, J. NORA, P. *História: novos problemas*. 2 ed. Trad. Theo Santiago, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979, p.17-29.

¹⁰ Bourdieu salienta: “A história é também, como se vê, uma ciência do inconsciente. Ao trazer à luz tudo o que está oculto tanto pela doxa, cumplicidade imediata com a própria história, como pela alodoxia, falso reconhecimento baseado na relação ignorada entre duas histórias que leva a reconhecer-se numa outra história, a de uma outra nação ou de uma outra classe, a pesquisa histórica fornece os instrumentos de uma verdadeira

Deste modo, o historiador transforma o documento em uma evidência reproduzida num suporte que ampara textos, dados, imagens e vozes. Por sua vez, tal documento é a expressão codificada da ação humana, que pode em si expressar os acontecimentos e sentimentos daquele que os produziu, ou simplesmente guardou.¹¹

Com efeito, a ação humana é captada e fragmentada no tempo. Convém perceber que cabe ao artesão da história lançar um olhar atento aos fragmentos de “carne humana” (para que vidas não se desfragmentem no ar, levando em si cenas que possibilitariam a construção das representações sobre homens e mulheres). Aqui, portanto, o pesquisador deve ter todos os sentidos aguçados para que, por intermédio do ouvido, do olho e de sua mão, reconstrua os fatos históricos de uma forma honesta e verossímil.

No nosso caso, os fragmentos das ações humanas podem ser percebidos através da análise das fontes, especialmente da imprensa, que de certa maneira buscava educar os leitores no cotidiano da cidade, sobretudo as mulheres. Seja ilustrando os tidos “bons comportamentos”, a figura materna, as representações em torno das trabalhadoras, das estudantes, etc., almejando assim, construir um espaço urbano civilizado.

A utilização da imprensa, como corpus privilegiado de análise para entender o universo educacional, vem sendo utilizada por pesquisadores dos meios acadêmicos, os quais utilizam os materiais disponíveis nos mais diversos acervos a fim de compreender e evidenciar as questões educacionais, sejam estas desenvolvidas dentro do espaço escolar e/ou fora dele. Tais estudos demonstram que a imprensa colabora para a compreensão das ideias pedagógicas. Não obstante, é possível analisar através dessas fontes as possíveis rupturas e continuidades de determinadas práticas educacionais no campo do ensino.¹²

A historiadora Tânia Regina de Luca aponta que “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970 ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica”.¹³ Por seu

tomada de consciência ou, melhor, de um verdadeiro autodomínio”. BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 4^a ed. Tradução Fernando Tomaz, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.105.

¹¹ Cf. LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: LE GOFF, J. *História e Memória*. 5 ed. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2003, p.525-541

¹² Cf. GONCALVES NETO, W; CARVALHO, C. H; ARAUJO, J. C. S. Discutindo a História da Educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, J. C. S; GATTI JR, D. (Orgs.). *Novos Temas em História da Educação: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002, 67-89; Cf. CARVALHO, C. H. *República e Imprensa: as influências do Positivismo na concepção de Educação do professor Honório Guimarães Uberabinha 1905/1922*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2004; CAMPOS, R. D. *A Princesa do Sertão na Modernidade Republicana: urbanidade e educação na Rio Preto dos anos 1920*. São Paulo: Annablume; São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Cultura, 2004.

¹³ LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B; et al (Orgs.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p.118.

intermédio, obtemos informações que possivelmente não seriam encontradas em outro registro histórico. António Nóvoa enfatiza que:

É difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os atores estão presentes nos jornais e revistas: os professores, os alunos, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre o “quente”, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época. A escrita jornalística não foi ainda, muitas vezes, depurada das imperfeições do cotidiano e permite, por isso mesmo, leituras que outras fontes não autorizam. Por outro lado, é através deste meio que emergem “vozes” que têm dificuldade em se fazerem ouvir noutros espaços sociais, tal como na academia ou no livro impresso. A imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifesta, de um ou de outro modo, o conjunto de problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projetos e as realidades, entre a tradição e a inovação... São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia.¹⁴

Para Nóvoa, a imprensa é uma fonte documental que fornece dados sobre a vida social cotidiana e que também possibilita ao pesquisador ficar mais próximo do objeto problematizado. Não obstante, os trabalhos desenvolvidos pelo autor, contribuem para a compreensão da imprensa no meio educacional, disponibilizando assim, determinados aspectos do ensino. Nesse sentido, Wenceslau Gonçalves Neto evidencia que por intermédio da imprensa podemos nos aproximar das representações sociais que marcaram a cultura de determinado tempo.¹⁵

Seguindo essa mesma linha, a pesquisadora Raquel Discini de Campos, em *A Princesa do Sertão na Modernidade Republicana*¹⁶, utiliza-se de jornais publicados no interior do Estado de São Paulo como fontes para a escrita da história da educação, demonstrando como os periódicos foram importantes instrumentos de formação e ensino da população do noroeste

¹⁴ NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, D. B; BASTOS, M. H. C. *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo, Escrituras, 1997, p.30-31.

¹⁵ Cf. GONÇALVES NETO, W. Imprensa, civilização e educação Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, J. C. S; GATTI JR, D. (Orgs.). *Novos Temas em História da Educação: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002, p.197-225; A pesquisadora Isabel Lustosa na obra *O nascimento da imprensa brasileira*, mostra que no inicio da formação da imprensa nacional, confundia-se o jornalista como um educador, foi deste modo que o primeiro jornal endereçado ao Brasil surgiu com o título *Correio Braziliense*, de Hipólio da Costa, este pretendia influenciar os brasileiros e portugueses sobre as ideias liberais, doutrinando contra o Absolutismo, o obscurantismo e a corrupção. Cf. LUSTOSA, I. *O nascimento da imprensa brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

¹⁶ Cf. CAMPOS, R. D. *Ibidem*.

paulista e que, por isso, constituem fontes privilegiadas para o estudo das representações sociais que circularam na região no começo do século XX. Segundo a autora, os impressos constituem:

O espaço privilegiado para exposição dos problemas, apresentação das soluções, criação e difusão dos padrões entendidos como corretos para a cidade, para o Estado e para o Brasil. Concebia-se o jornalismo como palco ideal para que os “cérebros iluminados” refletissem sobre os “assuntos palpitantes da realidade brasileira”, todos eles ligados de forma direta ou indireta à modernização da cidade e da “pátria mãe”.¹⁷

Segundo Maria Helena Câmara Bastos, “um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão é a imprensa portadora e produtora de significações”. Não obstante, para Wenceslau Gonçalves Neto, é principalmente por intermédio da imprensa que se divulgam e se consolidam as identidades sociais e o jornal se torna o meio primordial “para se captar as principais representações de uma época, uma vez que centraliza boa parte das opiniões e das atenções da elite intelectual que trabalha na moldagem da cultura”.¹⁸ Assim, a imprensa representa uma fonte inigualável de pesquisa, posto que a palavra escrita pode ser resgatada posteriormente e utilizada como documento na construção de interpretações históricas.

O texto apresentado no jornal evidencia o emissor dialogando com a realidade que o cerca por meio da linguagem textual. Simboliza o modo de viver e de pensar de determinados grupos. Assim, quando o orador assume uma narrativa, reproduz as diversas práticas culturais existentes na sociedade, ao mesmo tempo busca introduzir valores e modos de pensar a partir daquilo que ele percebe em relação à determinada cultura. A esse respeito, Robert Darnton enfatiza que “as matérias jornalísticas precisam caber em concepções culturais prévias relacionadas com a notícia”.¹⁹ Portanto, de acordo com o autor, seria necessário aos editores garimpar o estilo de linguagem do seu público-alvo para alcançar não apenas um grupo, mas um público diversificado, seja de advogados, médicos, professores, comerciantes, donas de casa, etc. De modo geral, os jornais buscam cativar os mais variados leitores, ganhando sua confiança e respeito. Ao mesmo tempo, os impressos disseminam sua própria linguagem ao construir, reafirmar e reconstruir a representação dos valores da cultural local. Não obstante, Campos afirma a importância dos impressos para a compreensão das mudanças culturais realizadas durante o século XX, para ela:

¹⁷ CAMPOS, R. D. *A Princesa do Sertão na Modernidade Republicana ...* Op. Cit., p.42.

¹⁸ BASTOS, M. H. C. *Espelho de papel: a imprensa e a história da educação...* Op. Cit., p.151; GONÇALVES NETO, W. *Imprensa, civilização e educação Überabinha (MG)...* Op. Cit., p.206.

¹⁹ DARNTON, R. *Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica.* In: DARTON, R. *O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução.* Trad. Denise Bottmann, São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p.96.

O processo de transformações políticas, econômicas, sociais e especialmente culturais que caracterizou o mundo ocidental na época teve no jornalismo uma força de ressonância ímpar, sendo mesmo impossível dissociar o modo de vida urbano triunfante e a propagação de periódicos. República, urbanismo, sanitarismo, higienismo, cosmopolitismo, feminismo, moda, elegância, progresso, modernidade, nacionalismo e outros valores diversos que deram o tom característico àqueles tempos não apenas ecoavam na imprensa. Antes de tudo, eram mesmo realimentados ou criados por ela.²⁰

Portanto, os letrados ligados à imprensa com a que trabalhamos buscavam consolidar a construção de uma nação ondeira e, sobretudo, à luz do progresso disseminado a partir dos projetos de urbanismo e dos novos objetos desenvolvidos pelo avanço tecnológico que reformulavam os hábitos e as práticas sociais. Assim, a imprensa almejava construir ações que viabilizavam ou inviabilizavam as transformações sociais. Para tanto, utilizava o texto escrito que ganhava forma e corpo, criando uma sensação de cumplicidade entre editores, jornalistas, anunciantes e, por fim, entre os leitores que assumiam ou não determinados posicionamentos sobre o impresso. Mesmo querendo falar de tudo e de todos, nota-se que o *Diario de Noticias*, por exemplo, selecionava os temas a serem discutidos e comandava de forma indireta o direcionamento da opinião pública segundo os anseios de seus editores e colaboradores.

Podemos dizer que o *Diario de Noticias* divulgou determinadas práticas educativas acerca das mulheres que estavam fora do ambiente escolar, inclusive as profissões que admitiam a atuação feminina, especialmente da década de 1930 em Ribeirão Preto. Segundo Chartier, as representações culturais produzidas por indivíduos e grupos posicionados são produtos de realidades sociais, na medida em que constituem estratégias, discursos e práticas de sociabilidade em meio a lutas de poder e de dominação em uma devida sociedade. Este mesmo autor ainda afirma que “a história cultural (...) tem por principal objeto identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.²¹ Deste modo, a imprensa é uma fonte importante para investigação da sociedade. Segundo Jane Soares de Almeida:

A imprensa brasileira educacional e feminina, de um modo geral, mostra o Brasil como um país omisso em relação à educação feminina e resistente à saída do espaço doméstico. Transparece, nessa imprensa, uma masculinidade imposta à sociedade como modelo padrão por excelência e homens dirigindo a nação e a vida das mulheres. Também se pode ler nas entrelinhas um avanço sutil das mulheres em direção a um espaço profissional, avanço que elas poderiam conquistar sem lutas inglórias e desgastantes e que lhes

²⁰ CAMPOS, R. D. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica para a escrita da história da educação. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. v. 11, 2012, p.50.

²¹ CHARTIER, R. Introdução: por Uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, R. *História cultural: entre práticas e culturais*. Trad. Maria Manuela Galhardo, 2ed. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 2002, p.16-17.

permitiria manter o casamento como suprema aspiração de suas vidas. Se, a princípio, a educação lhes fora vedada e considerada inútil para o que delas se esperava, exercer o ofício de ensinar foi certamente uma conquista.²²

Ao sobrepormos as fontes utilizadas com o recorte cronológico, buscamos evidenciar as alterações econômicas vivenciadas em Ribeirão Preto durante a década de 1930 que aos poucos iniciava a substituição da economia cafeeira a qual era antes controlada primordialmente pelos coronéis, por outros modelos econômicos, em especial dos pequenos e médios empresários, comerciantes, etc. Neste período, Ribeirão Preto vai alterando as atividades tipicamente rurais pelo fortalecimento dos estabelecimentos urbanos.

Neste caleidoscópio de transformações do cenário urbano, os jornais locais passam a orientar o cotidiano da sociedade, para tanto, organizam uma variedade de assuntos ligados às práticas civilizadoras. Além de ser por essência um veículo informativo, os impressos buscavam educar os cidadãos ribeirão-pretanos. Portanto, utilizamos a imprensa como fonte/objeto de pesquisa. Sobretudo, o *Diario de Noticias* é tido como palco de discussão de ensinos voltados às mulheres, seja com referência às casadas, às solteiras, às trabalhadoras, às *donas do lar*, etc. Buscamos construir uma análise representativa do que se pensava sobre as mulheres daquele tempo e daquele espaço social.

No primeiro capítulo buscamos verificar as transformações culturais na *A Belle Époque Cafeeira*. Nesta, observamos Ribeirão Preto em dois momentos distintos. No primeiro, a localidade é vista sob a luz de um povoado recém-formado, porém com certa dinâmica capitalista em curso. No segundo, visualizamos a mistura étnica ocorrida com a vinda dos imigrantes para o trabalho nas lavouras de café, através da linha férrea da Alta Mogiana, assim como as transformações sucedidas na cidade que modificaram num curto período o cenário urbano por intermédio do comércio, da religião e do entretenimento.

No segundo capítulo, intitulado *Imprensa e Civilidade em Ribeirão Preto*, procuramos mostrar o surgimento da imprensa ribeirão-pretana e, para tanto, enfatizamos o formato dos jornais: *A Lucta*, *O Ribeirão Preto*, *O Reporter*, *La Unione Italiana*, *La Tribuna*, *Jornal do Oeste*, *Diario da Manhã*, *Jornal de Notícias*, *O Sorriso*, *A Cidade*, *A Palavra*, *A Lanterna*, *A Pátria*, *Brasil Magazine*, *Almanach Ilustrado*, *A Tarde* e *Diario de Noticias*. A discussão deste capítulo está relacionada à atuação dos homens letRADOS e seus respectivos impressos, assim como o posicionamento do jornal *Diario de Noticias* em relação à utilização das

²² ALMEIDA, J. S. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.159.

propagandas como meio de capitalização de renda e da transformação do jornal como uma empresa de informação e lucro.

Por fim, o terceiro e último capítulo procura observar as *Mulheres Impressas*. Para tanto, utilizam-se análises da imprensa regional, particularmente do jornal *Diario de Noticias*. Neste, discutimos as representações construídas em torno das mulheres daquele espaço e daqueles tempos. Além disso, acreditamos ser possível reconstruir as práticas educativas daqueles impressos, com vistas à normatização dos costumes não apenas das mulheres, mas, sobretudo, delas. Assim, procura-se também discutir a potencialidade dos jornais como veículos educativos em relação a determinado padrão de feminilidade. Por intermédio da leitura das fontes produzidas pelos letrados do interior paulista, busca-se perceber as temáticas privilegiadas em torno do universo feminino bem como as questões consideradas relevantes pelos homens públicos daqueles tempos em torno da educação das mulheres.

Capítulo I - A *Belle Époque* Cafeeira

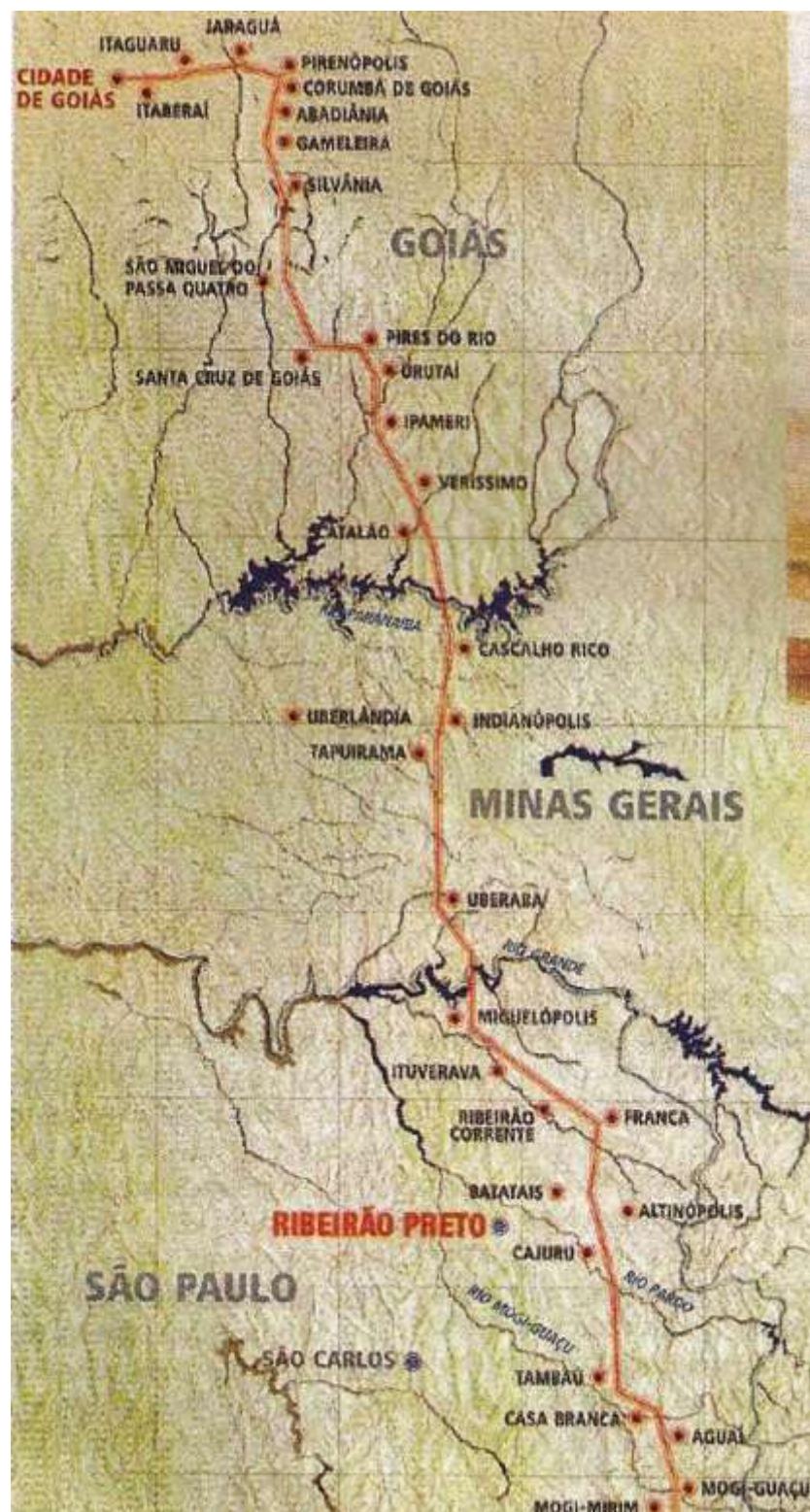
1.1 - Do padroado de São Sebastião a *Petit Paris*

No início do século XIX, a população localizada na região do nordeste paulista havia aumentado rapidamente, mas, relacionando-a com outras áreas da Capitania de São Paulo, a representação ainda era pequena. Contudo, ao tornar-se a primeira via de penetração a partir de São Paulo rumo à Capitania das Minas Gerais, esta área recém - penetrada pelos *desbravadores* participaria efetivamente da ocupação do chamado *sertão* desconhecido.

Segundo Munford Lewis, na maioria das vezes as cidades surgem a partir de “aglomerados” e de edificações que se desenvolvem ao longo do tempo em decorrência da evolução das relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Desta forma, apareceram em locais transformados pela ação humana, os quais eram antes apenas “paisagem natural”. No caso de Ribeirão Preto, de uma paisagem natural foram se formando povoados no “oeste paulista”.^{*} Mas antes de serem ocupadas essas terras foram habitadas pelos “índios Caiapós” que viveram na região aproximadamente até 1819. Foram eles que fizeram os primeiros roçados e abriram as primeiras trilhas.¹

* Geograficamente a cidade está situada no nordeste paulista, entretanto, se utilizava da coordenada “oeste paulista” em referência aos trilhos das Companhias de Estrada de Ferro que avançavam no interior do Estado de São Paulo.

¹ LEWIS, M. *A cidade na história*: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. Neil R. da Silva, 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.9; LAGES, J. A. *Ribeirão Preto*: da Figueira à Barra do Retiro - o povoamento da região pelos entrantes mineiros da primeira metade do século XIX. Ribeirão Preto: VGA Editora e gráfica, 1996.



Mapa 1: Caminho dos Goiases (*A Cidade*, 2006).²

No início do século XIX, já era visível a ocupação de *sertanistas* realizando diversas viagens neste território a fim de encontrar terras cultiváveis, momento este que coincide com o enfraquecimento das minas e a busca de novas fontes de rendas, tais como a pecuária, a

² Mapa 1: Caminho dos Goiases. In: *A Cidade*. Ribeirão Preto, 18 Jun. de 2006, p.3.

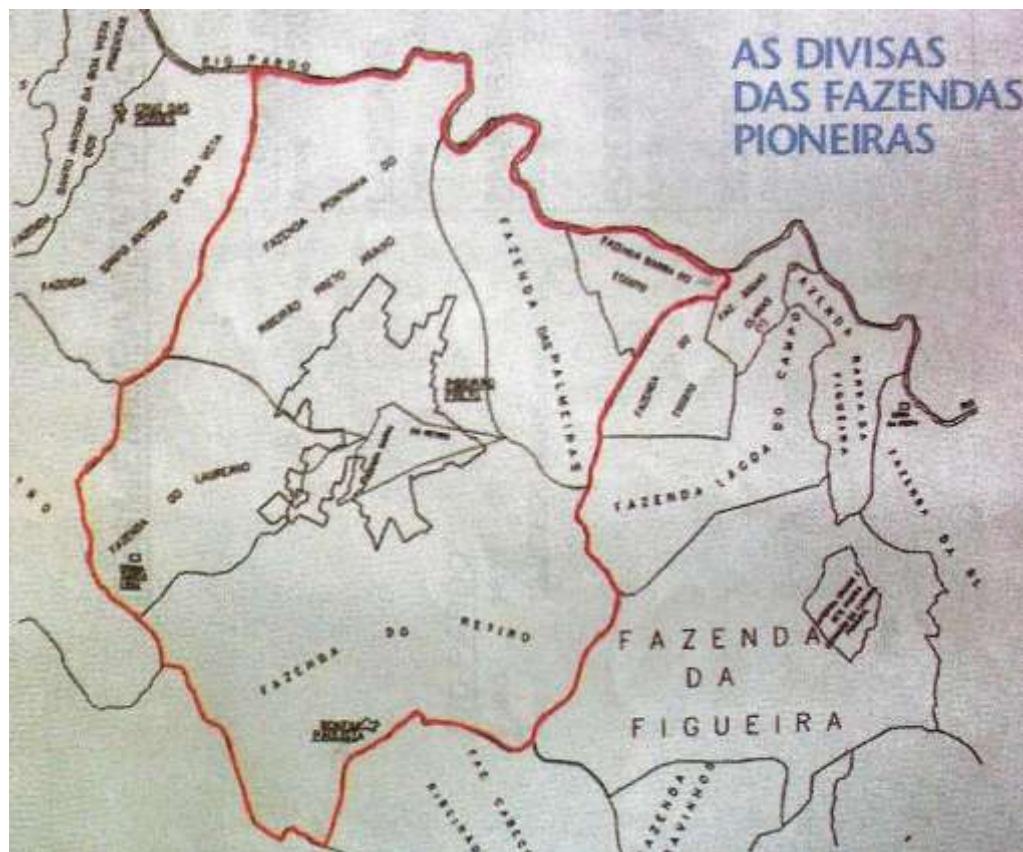
agricultura e o artesanato. Ligando São Paulo a Minas Gerais, os *pioneiros*^{*} que desbravaram a região do nordeste paulista reabriram uma rota que passava na extensão transversal de Ribeirão Preto. Tratava-se da antiga Estrada do Anhanguera (Caminho dos Goiases), nome dado em alusão ao *bandeirante* que perfez este percurso para chegar a Goiás. Esta via teve um período de estagnação entre as décadas de 1740 a 1790, quando se exauriram as minas do sertão de Goiás e foi descoberta uma nova passagem, que saía da província do Rio de Janeiro, para a zona mineradora.³

Ainda que o caminho dos Goiases não tenha passado diretamente sobre as propriedades que integraram as divisas das fazendas pioneiras, os *desbravadores*^{*} acabaram utilizando as antigas trilhas como pontos de referência, tanto quando realizavam deslocamentos internos, como quando as viagens eram longas. Não obstante, até a metade do século XIX a ocupação territorial era marcada por inúmeras apropriações. A este respeito, José Antônio Lages defende: “Terra devoluta, a área teve a família Reis como a sua mais antiga desbravadora; em 1811, já habitava ali Vicente José dos Reis. Com o tempo outras famílias foram chegando”.⁴

³ Durante o século XVIII, a população que residia nas localidades apresentadas no mapa “Caminho dos Goiases” se dedicava a práticas da agricultura de subsistência e realizava diversas incursões ao interior para a captura de nativos; não obstante, tais entradas visavam também à conquista de metais e pedras preciosas. Deste modo, o interior paulista foi se tornando o caminho para acesso à região das minas, e rapidamente esta rota foi estabelecida como área de comércio de muares e gados vindos do Sul. Esta área também abastecia a região mineira com alimentos como o milho, o feijão, a farinha, o trigo e toucinho. Este comércio era realizado por moradores que se estabeleceram ao longo deste caminho. Por fim, os pioneiros utilizaram a estrada dos Goiases, um antigo caminho aberto pelos índios Caiapós. Com a clareira aberta, houve relações econômicas entre os atuais municípios de Mogi-Mirim, Moji-Guaçu, Aguá, Casa Branca, Tambaú, Cajuru, Altinópolis, Batatais, Patrocínio Paulista, Franca, Ribeirão Corrente, Ituverava, Igarapava, Miguelópolis e tais entrantes cruzavam o Rio Grande com destino a Uberaba, Tapurama, Indianópolis, Uberlândia, Cascalho Rico, Catalão, Veríssimo, Ipameri, Urutaí, Pires do Rio, Santa Cruz de Goiás, São Miguel do Passa Quatro, Silvânia, Gameleira, Abadiânia, Corumbá de Goiás, Pirenópolis, Jaraguá, Itaguaru, Itaberaí, Goiás.

* Utilizamos ás expressões *pioneiros* e *desbravadores* sabendo da carga simbólica que elas carregam, quais seja: os paulistas os grandes líderes do processo de ocupação das terras brasileiras.

⁴ LAJES, J. A. C. *O povoamento da mesopotâmia Pardo-Mojiguacu por correntes migratórias mineiras: o caso de Ribeirão Preto (1834-1883)*. Dissertação de Mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 1995, p.154-158.



Mapa 2: Divisa das fazendas pioneiras (*A Cidade*, 2006).⁵

Tais atitudes geraram ocupações desorganizadas e desenfreadas. Em 2004 a Câmara Municipal de Ribeirão Preto publicou um livro intitulado “*Memória: As Legislaturas Municipais 1874 – 2004*” e evidenciou que: “a ausência de demarcações precisas dos limites da maioria das propriedades provocou diversos conflitos e demandas pela posse das terras”.⁶ Estas competições envolvendo os primeiros habitantes ocorreram em sua maior parte por questões referentes às demarcações das “*cercas que andavam*” e invadiam as propriedades vizinhas.

No início dos anos de 1840, os primeiros habitantes realizaram as divisões da terra de acordo com suas demarcações, ou seja, repartiram as fazendas “a olho”. Com a propriedade em mãos, foram realizadas inúmeras grilagens de documentos e até mesmo casamentos entre parentes próximos, tudo com o intuito de oficializar a posse da terra. Neste intento, em 1845, José Mateus dos Reis realizou uma tentativa frustrada de doação de uma área para construção da primeira capela, a qual estaria localizada na Fazenda das Palmeiras. Porém, o terreno

⁵ **Mapa 2:** Divisa das fazendas pioneiras. A fazenda que os Reis de Araújo ganharam em disputa judicial foi desmembrada em cinco partes. E as fazendas Retido, Barra do Retiro, Laureano, Palmeiras e Pontinha formaram o núcleo urbano de Ribeirão Preto. In: *A Cidade*. Ribeirão Preto, 18 Jun. de 2006, p.12.

⁶ CÂMARA MUNICIPAL. *Memória: As Legislaturas Municipais 1874 - 2004*. Ribeirão Preto SP: Villimpress Complexo Gráfico, 2004, p.7.

cedido não agradou à Igreja Católica, porque além de ser pequeno, se encontrava sob ação judicial, assim a doação não foi aceita.⁷

Conforme publicação da Lei de Terras, de 18 de setembro de 1850, as propriedades rurais só poderiam ser ocupadas por meio de compra, venda e/ou por autorização real. José Lages afirma que esta lei “contemplava como objetivos básicos a garantia de suprimento de mão - de - obra para a cafeicultura em expansão no Vale do Paraíba fluminense e paulista e a regularização da propriedade da terra”.⁸ Portanto, a referida Lei beneficiava os antigos latifundiários, dificultando a posse da terra por pessoas que não conseguiam comprovar a origem da propriedade.

Na região, após a publicação da Lei de Terras, algumas pessoas buscaram legitimar suas propriedades. Para tanto, tentaram oficializar seus patrimônios por meio de demandas judiciais. Entretanto, muitos não conseguiram juntar os documentos necessários. Por fim, certas famílias encontraram como saída para a manutenção da posse a doação de parte de suas áreas para formação do patrimônio eclesiástico. Segundo Lages, essas doações “eram registradas em livros paroquiais que passavam a ter valor legal como título de propriedade”.⁹ Com essa união, os *sertanistas* conseguiram legitimar as propriedades.

Com o avanço populacional ocorrido durante as primeiras décadas do século XIX, os habitantes das fazendas da futura vila de “São Sebastião do Ribeirão Preto” encontravam-se dispersos nas regiões ao norte e noroeste da vila de São Simão, cujos limites naturais eram os rios Pardo e Mogi Guaçu. Portanto, o “Patrimônio do Santo” surgiu de um grande agrupamento de população rural composto principalmente de posseiros, criadores, senhores de engenho e agricultores que estavam espalhados entre as encostas do rio Pardo, dos ribeirões Tamanduá, Palmeiras e Preto.¹⁰

Em 1870 o Patrimônio é reconhecido como Freguesia do *Distrito da Capela de São Sebastião do Ribeirão Preto*, e em 1871 recebe a denominação de *Vila da Capela de São Sebastião do Ribeirão Preto*. No ano de 1879 a vila teve seu nome mudado para *Entre Rios*,^{*} entretanto, a reação popular não foi boa e, logo, o nome foi estabelecido: Ribeirão Preto.

⁷ LAGES, J. A. *Ribeirão Preto... Op. Cit.*, p.171-207.

⁸ *Ibidem*, p.207.

⁹ *Ibidem*, p.210.

¹⁰ Cf. PINTO, L. S. G. *Ribeirão Preto a dinâmica da economia Cafeeira de 1870 a 1930*. Dissertação de Mestrado em Economia – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara, 2000; Cf. LAGES, J. A. Ribeirão, provocação e esbulho nos confins do rio Pardo. In: *Gazeta. Ribeirão Preto junho de 1997*.

* **Entre Rios** foi uma das denominações oficiais da cidade de Ribeirão Preto, definida pela Lei Provincial nº 34, de 07 de abril de 1879. O nome Ribeirão Preto é retomado em 30 de junho de 1881, pela Lei Provincial nº 99.

A economia local até o final da década de 1870 era composta basicamente pela atuação de pequenos agricultores, madeireiros, pecuaristas, tropeiros, etc. Tal sistema foi alterado quando grandes proprietários de terras, especialmente de outras localidades, começaram a comprar fazendas na região. Este fato aconteceu quando houve um empobrecimento do solo da região cafeeira do Vale do Paraíba e os cafeicultores buscaram novos locais para o plantio dos pés de café. Assim, foi realizada uma especulação sobre os valores das propriedades da antiga vila e, ao mesmo tempo, a região foi incorporada ao projeto de expansão do mercado cafeeiro.¹¹ Portanto, com as dificuldades produtivas enfrentadas no Vale, a região mergulhou em diversas mudanças. O historiador Joseph Love enfatiza:

A fronteira pioneira, que apenas se adiantou às ferrovias de expansão, foi definida pelas exigências peculiares do produto que a impulsionou, o café. Em 1º lugar, os cafeeiros precisam de um clima temperado e de certos tipos de solo, sendo que o melhor é a terra roxa em terreno elevado (para evitar geadas). Em 2º lugar, a produção de café requer a contínua criação de novas plantações, já que a planta se deteriora após algumas décadas, depois de ter despojado o solo de seus elementos nutritivos.¹²

O café Bourbon, trazido em 1876 por Luís Pereira Barreto, rapidamente se adaptou ao clima e à terra roxa da região, gerando enormes cafezais que promoveram a economia da Província de São Paulo. Thomas Holloway evidência que a atividade cafeeira nesta região “desenvolveu-se mais intensamente nos espiões interfluviais do que nas terras baixas e vales dos rios, que geralmente tinham solos mais pobres, mal drenados e mais suscetíveis a geadas”.¹³ Neste período, o Brasil mantinha o Regime Imperial, que se apoiava no sistema escravista como base da economia. Com a aceleração financeira promovida pelas recém-formadas burguesias paulistas, mineiras e sulistas, surgem movimentos com o propósito de

In: Diário Oficial. Ribeirão Preto, 16 de junho de 1993. Em 1871, Ribeirão Preto foi desmembrado do município de São Simão. Cf. Diário Oficial. Ribeirão Preto, 16 de junho de 1993.

¹¹ Cf. MONBEIG, P. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC/POLIS, 1984; Cf. LOVE, J. *A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira 1889-1937*. Trad. Vera Alice Cardoso da Silva, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

¹² LOVE, J. L. *A Locomotiva...* Op. Cit., p.20.

¹³ HOLLOWAY, T. H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. São Paulo: Paz e Terra, 1984, p.40; Por conta do café, foram se formando reis e rainhas deste fruto. Quanto mais o mercado do **Bourbon** crescia, mais a cidade recebia novidades e transformações no cenário urbano. Juntamente com Martinho da Silva Prado Júnior (que utilizava o pseudônimo de Martinho Botelho Junior), Luiz Pereira Barreto foi o grande propagandista da **terra roxa**. Em 1876, Luiz P. Barreto percebeu que o solo do Vale do Paraíba estava exausto por conta do cultivo extrativista do café. Foi quando iniciou diversas publicações de artigos sobre a terra do **oeste paulista**, no jornal *A Província de S. Paulo*, atual *O Estado de S. Paulo*. Com tais publicações, a região ficou conhecida e vieram diversos cafeicultores, principalmente do Vale do Paraíba e da cidade de Rezende, e do Rio de Janeiro. Cf. BOTELHO JUNIOR, M. *Brazil Magazine: Revista Ilustrada d'Arte e Actualidades*. Rio de Janeiro: s.ed., v.57, 1911, p.16-19; Sobre a ocupação da região de Ribeirão Preto, Martinho Prado Junior se mostrou entusiasmado com a “terra roxa” e com o avanço da ocupação das propriedades localizada entre Ribeirão Preto e São Simão. Cf. PRADO JUNIOR, M. *In memoriam*. São Paulo: 1943.

abolir a escravatura, de modo a inserir o país no contexto mundial do capitalismo e a introduzir a mão - de - obra qualificada para atender a um vasto mercado de consumo.

Utilizado como atividade capitalista moderna, o café dinamizou a economia local, impulsionando investimentos nos mais diversos setores. Introduzido em 1876, teve início o processo gradual da substituição do escravo pela mão - de - obra dos imigrantes assalariados que, além de trazerem inovações técnicas, eram necessários para o trabalho qualificado no campo e na vila de Ribeirão. Contudo, para promover um produto de qualidade, além da força braçal na colheita, na secagem e no beneficiamento, necessitava-se conquistar um meio rápido e seguro para escoar os cafés até os armazéns do porto de Santos. Travando disputas judiciais, as Companhias de Estradas de Ferro e Fluviais Paulistas e Mogiana, competiam pela concessão das linhas que ligariam a região do nordeste paulista à Província de Minas Gerais. Nessa disputa, a Cia. Mogiana vence e inaugura uma estação provisória em Ribeirão.¹⁴

¹⁴ BORGES, M. E. *A pintura na “capital do café”*: sua história e evolução no período da Primeira República. Franca: UNESP/Franca, 1999, p.19; Cf. SAES, F. A. M. *As ferrovias de São Paulo, 1870-1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC/INL - MEC, 1981; TUON, L. I. *O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1890-1920)*. Dissertação de Mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 1997, p.29; Segundo, Maria Célia Zamboni, a oficialização da assinatura da concessão da linha entre Casa Branca e Ribeirão foi finalizada pela Mogiana e governo paulista em 16 de agosto de 1882. Após este ato, a Cia. rapidamente estendeu as linhas na região. Cf. ZAMBONI, M. C. *A Mogiana e o café: contribuições para a história da Estrada de Ferro Mogiana*. Dissertação de mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 1993.



Mapa 03: Linha e ramais da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro e Fluviais em 1945.¹⁵

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Fluviais foi fundada em 1872 e “avantajando-se a todas as demais estradas, levou mais longe seus trilhos, além do rio Grande, conquistando para São Paulo todo o chamado Triângulo Mineiro”.¹⁶ Estendendo suas linhas,

¹⁵ **Mapa 03:** Linha da Cia. Mogiana, no ano de 1945, esta tinha como ponto inicial a cidade de Campinas (SP) e ponto final, Araguari (MG). Imagem modificada pelo autor. Disponível em:

< http://blogdogiesbrecht.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html > Acessado em: 22 de Agosto, 2012.

¹⁶ MATOS, O. N. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. 2 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1974, p.91-92; No ano de 1872, assistiu-se à fundação da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro e Fluviais, com sede em Campinas e com capital ligado aos homens do café (Souza Aranha, Queiroz Telles...). Ela foi se expandindo rapidamente no interior paulista, atingindo no final do século XIX as divisas do Estado de Minas Gerais, onde interligou-se com outros ramais. GERODETTI, J. E; CORTEJO, C. *Lembranças de São Paulo*. O interior paulista nos cartões-postais e álbum de lembranças. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2003, p.108-129.

Com capital privilegiado: "Pela lei provincial nº 18, de 21 de março de 1872, o governo concebeu privilégios e juros de 7%, sobre um capital de três mil contos de réis". VIARTI, P. *Estrada de Ferro: Ribeirão Preto – SP*. In: Fascículo 29, Revide. 145. Ribeirão Preto SP: São Francisco Gráfica e Editora, [s/d], p.3; Portanto, a Cia.

chegou a Ribeirão Preto em 1883; a Franca, em 1887; a Águas da Prata, no ano de 1886; e daí foi até a Estância Balneária de Poços de Caldas, inaugurada por D. Pedro II, em 1866.

Sergio Milliet considera que a região da Alta Mogiana participou ativamente da economia paulista e nacional. Por conta da viabilidade logística, a ferrovia resolveu o problema de escoamento do café e promoveu uma série de novidades em Ribeirão - como a chegada dos imigrantes, que desembarcavam no antigo bairro Barracão (atual Ipiranga). Por fim, eram enviados aos grandes cafezais dos *reis do café*, para cumprir o contrato trabalhista firmado antes de embarcarem para o Brasil. Traziam em suas bagagens novos valores e visões de mundo, promovendo um verdadeiro sincretismo cultural e uma nova dinâmica social.¹⁷

Dados demográficos da população em Ribeirão Preto (1902)				
Nacionalidade	Homens	Mulheres	Número de habitantes	% de habitantes
Austríacos	301	250	551	1,041%
Alemães	123	76	199	0,376%
Africanos	16	7	23	0,043%
Argentinos	9	12	21	0,040%
Asiáticos	2	12	14	0,026%
Brasileiros	10.614	9.115	19.729	37,274%
Belgas	6	4	10	0,019%
Chilenos	1	-	1	0,002%
Dinamarqueses	2	3	5	0,009%
Espanhóis	924	779	1.703	3,218%
Americanos	2	3	5	0,009%
Franceses	35	17	52	0,098%
Húngaros	22	21	43	0,081%
Italianos	15.473	12.292	27.765	52,457%
Ingleses	6	5	11	0,021%
Portugueses	1.554	1.081	2.635	4,978%
Poloneses	6	4	10	0,019%
Peruanos	1	2	3	0,006%
Prussianos	1	6	7	0,013%
Russos	9	7	16	0,030%
Suíços	10	7	17	0,032%
Suecos	5	5	10	0,019%
Turcos	65	34	99	0,187%
Total	29.187	23.742	52.929	100%

Tabela 01: Fonte: CINTRA, R. A. *Italianos em Ribeirão Preto*: vida e vinda de imigrantes (1890-1900). Dissertação de Mestrado em História. Unesp, Franca, 2001, p.87.

Mogiana era ponto estratégico de interesses de uma sociedade que estava em constante crescimento; MATOS, O. N. *Café e ferrovias...* Op. Cit., p.91-92; No dia 24 e 25 de outubro de 1886, D. Pedro II e Dona Tereza Cristina Maria de Bourbon pernoitaram em Ribeirão Preto, na casa da chácara de Rodrigo Pereira Barreto, que ficava localizada na Rua Luiz da Cunha (antigo nº 2), entre Augusto Severo e Jerônimo Gonçalves, em frente à Praça Schmidt.

¹⁷ Cf. MILLIET, S. *O roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: HUCITEC/INL – Fundação Pró-Memória, 1982; A região do nordeste paulista não teve apenas o rei do café, mas também, a rainha deste fruto. A mais conhecida era Iria Alves Ferreira, a rainha do café, e Francisca Silveira do Val, uma grande negociante. Cf. MELLO, R. C. *Um “coronel de saias” no interior paulista*: a “rainha do café” em Ribeirão Preto (1896-1920). Dissertação de Mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 2009.

(Porcentagem inserida pelo autor, esta é uma amostragem sobre as nacionalidades que viviam em Ribeirão Preto no ano de 1902, tendo como referência o total de habitantes do senso).

Na tabela acima visualizamos que “de um montante de 52.929 pessoas, 19.729 eram brasileiros e 33.200 estrangeiros. Movimento parecido ocorreu em São Paulo, cidade conhecida pela diversidade e quantidade de europeus que para lá imigraram”. Ainda de acordo com a tabela, havia 37,274% de brasileiros e 62,726% de imigrantes residindo na cidade de Ribeirão Preto, segundo o senso de 1902. Sobre esses dados, é possível que tais imigrantes tenham auxiliado na divulgação de novos valores culturais na sociedade local, por comportamentos ligados à moda, pelas relações trabalhistas com que ajudaram a desenvolver os sindicatos e/ou pela educação, quando colaboraram com a criação de escolas e associações, entre elas, a Sociedade Dante Alighieri, que “procurou garantir aos italianinhos uma educação vinculada aos conceitos de civilidade”.¹⁸

Por volta de 1910, tornava-se perceptível no cenário urbano de Ribeirão Preto o ideal civilizador em curso, posto em prática principalmente pelos senhores do café e pelos bacharéis. Esta ideia de modificar o espaço urbano seguindo os princípios racionais europeus passou a ser difundida e praticada em determinados locais da cidade, onde se destruíam e levantavam prédios, casas, instalavam-se canalizações de rios, construían-se matadouros.

Na Ribeirão Preto do período idealizavam-se mudanças radicais, semelhantes às que tinham sido realizadas na Europa. As elites locais procuravam transformar o espaço urbano em áreas seguras, limpas e modernas, facilitando assim o deslocamento de mercadorias e a entrada de capital nacional e internacional.

¹⁸ JAYME, L. R. *A educação pública na Petit Paris paulista (Ribeirão Preto, 1890-1920)*. Dissertação de mestrado em Educação Escolar. Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2011, p.54 e 110.



Ilustração 01: Políticos integrantes do PRP. Fonte APHRP (Correio Paulistano, 1945 foto de 1892).¹⁹

Nas décadas de 1890 a 1920 as elites locais passaram a divulgar o nome do município nos mais variados meios de informação, sejam em jornais, almanaque e livros, Ribeirão era ilustrada como uma cidade civilizada e em constante construção. Ligados ao PRP (Partido Republicano Paulista), os políticos locais moldaram os laços partidários e econômicos da região. Em parceria com o poder privado dos coronéis do café e de certos empresários, criaram uma alusão ao *Eldorado Paulista*^{*}, a fim de difundir os produtos da cidade em outras localidades.

Num universo de dinamismo econômico, as paisagens naturais da Mata Atlântica foram dando espaço às grandes fazendas, residências e áreas comerciais que dinamizaram a criação da *Califórnia* Brasileira do Café*.²⁰

¹⁹ **Ilustração 01:** Políticos integrantes do PRP. Sentados, da esquerda para a direita - Fernando Ferreira Leite, José Alves Guimarães Júnior e Antônio Barbosa Ferraz Júnior. Em pé, da esquerda para a direita - Joaquim José de Faria, Francisco Augusto César, Arthur Diederichsen (terno claro), José de Amorim, Manoel Marcondes, Dr. Juvenal Malheiros e Manoel dos Santos Saraíba. Fonte APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto). In: Correio Paulistano, 02 de dezembro de 1945. Foto de 1892 - fotógrafo não identificado.

* *Eldorado Paulista* e *Califórnia brasileira* são conceitos que traduzem uma representação sobre a região em voga na época. O termo *Eldorado Paulista* pode ser encontrado nos Trabalhos de: BOTELHO JUNIOR, M. *Brazil Magazine... Op. Cit.*, p.12; LOVE, J. A *Locomotiva... Op. Cit.*, p.46.

²⁰ Cf. BRIOSCHI, L. R. et al. *Entrantes no sertão do Rio Pardo: o povoamento da Freguesia de Batatais século XVIII e XIX*. São Paulo: CERU, 1991; BOTELHO JUNIOR, M. *Brazil Magazine... Op. Cit.*, p.17.



Ilustração 02: Serraria de Gustavo Vielhaber. Fonte APHRP (João Passig, 1900).²¹

Conforme consta no *Almanach Illustrado*, com os cortes promovidos pelo avanço dos cafezais, foram abertas clareiras. Em boa medida, a antiga floresta era composta por árvores de “canela, cedro, jacarandá, pau d’alho, peroba, vinhaço”. Por sua alta qualidade, estas madeiras foram destinadas às serrarias e marcenarias para a construção de casas e móveis. Para os acabamentos delicados eram utilizadas “madeiras resinosas como bálsamo, jatobá, mamoeiro, urucueiro, palmeiras”. Não obstante, para decorar ambientes ou utilizar as folhas para o uso medicinal, os habitantes utilizavam “baunilha, quina, salsa”. Por fim, colhiam as frutas de “abacateiro, jabuticabeira, goiabeira, pitangueira e jaqueira”.²² As sobras dos troncos serviram de lenha para os fornos residenciais e comerciais, auxiliando, portanto, na rotina da cidade.

Segundo Thomas Walker, Ribeirão vivia tempos de política coronelista a qual “era dominada pelos fazendeiros de café que possuíam títulos militares honoríficos como tenente, major, coronel, etc.” Os maiores representantes da cidade eram o cel. Francisco Schmidt, que recebeu o *status* de rei do café e era reconhecido na época como o maior produtor desta bebida no mundo. Em seguida vieram os engenheiros Henrique Santos Dummont; Martinho da Silva Prado Júnior, irmão do prefeito de São Paulo, Antônio da Silva Prado, do clã dos

²¹ **Ilustração 02:** Serraria Serraria de Gustavo Vielhaber. Vista de grandes toras de madeira, um carro de boi e grupos de pessoas. Fonte APHRP. In: Foto de 1900, fotografada por João Passig.

²² SÁ, Manaia & Cia. *Almanach Illustrado de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Tipologia do Almanaque*, 1913, p.13.

Prados; seguido de Francisca Silveira do Val; Iria Alves Ferreira; Francisco Maximiano Junqueira e, por fim, o cel. Joaquim Dinis Junqueira, “líder político do rico, extenso e aristocrático clã dos Junqueira”.²³ Tais personagens foram - ora coligados, ora individualmente - os responsáveis pelas decisões econômicas e políticas da cidade.

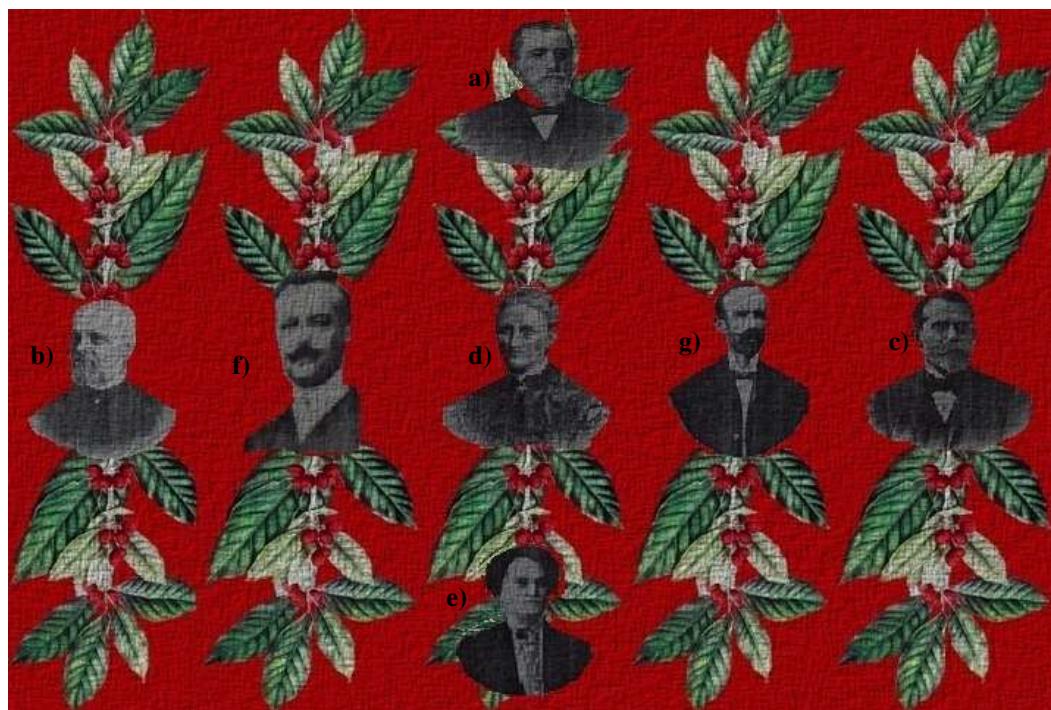


Ilustração 03: Cafeicultores do Nordeste Paulista. Fonte APHRP (BOTELHO JUNIOR, M. 1911).²⁴

²³ Tomas Walker, enfatiza que a Primeira República é marcada pela atuação da política do coronelismo. WALKER, T; BARBOSA, A. S. *Dos coronéis a metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX*. Tradução Mariana Carla Magri, Ribeirão Preto, SP: Palavra Mágica, 2000, p.55; A ordem dos fazendeiros se refere ao ano de 1913. In: SÁ, Manaia & Cia. *Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto... Op. Cit.*, p.25; “Ao lado do fazendeiro, essencialmente rural, apareceram outros tipos, na maioria cidadinos mas diretamente interessados nos problemas da terra e colaboradores do povoamento. Em primeiro lugar o coronel, cujo período próspero começou a partir de 1890, para terminar entre 1920 e 1930”. MONBEIG, P. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo...* Op. Cit., p.142-143; Henrique Santos Dummont era casado com Francisca de Paula Santos, o casal eram os pais do aviador do XIV Bis, Alberto Santos Dummont; Martinho Botelho, conhecido como Martinico, era Martinho da Silva Prado Júnior, propagandista do café brasileiro no exterior e que também auxiliou na propaganda do governo brasileiro, divulgando a cidade de Ribeirão Preto para os imigrantes europeus. Cf. BOTELHO JUNIOR, M. *Brazil Magazine. Ibidem*, p.2; “Os Prado foram líderes nos primeiros estágios da modernização de São Paulo. A flexibilidade da estrutura familiar, a disposição de membros da família em testar e expandir as obrigações nominais de aprovação e controle familiar eram um pré-requisito para os esforços modernizantes dos Prado. Uma abertura à influência estrangeira, combinada à consciência das forças e dos limites do ambiente nacional deram aos Prado uma visão cultural que, embora frequentemente ambígua e perturbadora, forneceu um útil quadro de experiências para a luta com os problemas de uma sociedade que passava por súbitas mudanças. A adoção dos valores capitalistas, que salientavam os lucros, a acumulação de capital e o investimento, o valor do trabalho, o oportunismo, a agressividade e a inovação – encontráveis na história da família desde o começo do século dezenove – permitiram à família desempenhar um papel especialmente importante na modernização econômica de sua região”. In: LEVI, D. E. *A família Prado*. Trad. MENDONÇA, José Eduardo. São Paulo: cultura 70, 1977, p.314.

²⁴ **Ilustração 03:** Cafeicultores do nordeste paulista. **a)** Francisco Schmidt. In: BOTELHO JUNIOR, M. *Brazil Magazine...* Op. Cit., p.51; **b)** Henrique Dummont. In: Ibidem, p.21; **c)** Martinho Prado. In: Ibidem, p.15; **d)** Francisca S. Val. In: Ibidem, p.65; **e)** Iria Alves. In: Ibidem, p.59; **f)** Francisco M. Junqueira. In: Ibidem, p.58; **g)** Joaquim D. Junqueira. In: Ibidem, p.22. Imagem modificada pelo autor.

Impulsionada especialmente pela economia cafeeira, a população de Ribeirão Preto aumentou significativamente entre 1874-1934. Com isto, a vida cultural local começou a apresentar profundas modificações com a circulação dos primeiros jornais, a instalação dos teatros e o fortalecimento dos grupos escolares. Tais espaços eram frequentados, majoritariamente, por senhores e senhoras do café, os barões e as baronesas das famílias cafeeiras, bem como pelas camadas médias emergentes. A cafeicultura gerou um comércio local diversificado que, por sua vez, promoveu o surgimento de empresários responsáveis pelas transformações idealizadas no *Eldorado Paulista*. A partir de ideias consideradas modernas e civilizadas, as elites da localidade puderam construir a sua *Petit Paris** do nordeste paulista.

Município	Alta Mogiana: população total em algumas cidades - 1874-1934									
	1874	%	1886	%	1900	%	1920	%	1934	%
Batatais	13.404	1,60%	19.915	1,6%	19.164	0,84%	21.816	0,48%	24.772	0,38%
Cajuru	5.394	0,64%	6.497	0,5%	10.850	0,48%	19.294	0,42%	19.277	0,30%
Franca	21.419	2,56%	10.040	0,8%	15.491	0,68%	44.308	0,96%	60.237	0,93%
Ribeirão Preto	5.532	0,66%	10.420	0,9%	59.195	2,59%	68.838	1,50%	81.565	1,26%
Subtotal	45.749	5,46%	46.872	3,84%	104.700	4,59%	154.256	3,36%	185.851	2,88%
Total Estado de São Paulo	837.354	100%	1.221.380	100%	2.282.279	100%	4.592.188	100%	6.450.931	100%

Tabela 02: Dados demográficos de algumas cidades localizadas na região da *Alta Mogiana* 1874-1934. Fonte: BACELLAR, C. A. P; BRIOSCHI, L. R. (Orgs.). *Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999, p.153.

(Porcentagem inserida pelo autor - está é uma amostragem da população das cidades de Batatais, Cajuru, Franca e Ribeirão Preto, em relação ao total de habitantes do Estado de São Paulo, entre 1872 - 1934).

Fato é que até mesmo São Paulo e Rio de Janeiro, no início do século XX, ainda eram cidades com ruas estreitas e sujas, não distantes da realidade regional dos recônditos do Brasil. Por sua vez, estes locais estavam repletos de cortiços onde se amontoava a população que sofria com a falta de saneamento básico e pelas condições mínimas de higiene, as quais favoreciam as epidemias, principalmente de Febre Amarela, Varíola e Tuberculose. Diante desta realidade e por meio do desejo constante de adquirir uma imagem idealizada do mundo moderno, ambas as cidades passaram a ostentar em determinados bairros uma arquitetura europeia, realizando obras de melhorias no cenário urbano.²⁵

O mesmo se pode dizer em relação a outras pequenas e médias cidades brasileiras. A este respeito, o historiador José Evaldo de Mello Doin verificou como foi realizado o processo de urbanização nas terras do café do interior do Estado de São Paulo, incluindo Franca, Mococa, Ribeirão Preto e outros municípios que integravam a geografia do café. Segundo

* *Petit Paris* era o nome que os visitantes estrangeiros colocaram em Ribeirão Preto no início do século XX, em referência ao modelo arquitetônico incorporado da França. Benedictus qui venit! In: *Diário da Manhã*. Ribeirão Preto, 02 de março de 1909.

²⁵ Cf. SEVCENKO, N. Introdução. In: SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida Privada no Brasil...* Op. Cit., p.7-48.

Doin, ao se apropriar da influência europeia, as elites locais buscavam praticar os modos refinados por meio da gastronomia, da moda, enfim, dos novos hábitos instituídos no cotidiano local. Não obstante, a ideia do moderno surgiu na localidade sob a imagem do belo e do idealizado, a qual foi fomentada pelo juiz de paz, pelos bacharéis, médicos, políticos e funcionários públicos, ou seja, pela cultura letrada. Portanto, “aquele desejo tornar-se-ia um objetivo planejado pelos agentes sociais, todos interessados na ruptura daquele ambiente rural, em favor de um ambiente urbano caracterizado pelo controle, pela ordem, pela higiene”.²⁶ Não obstante, as tradições religiosas, adotadas durante a formação do Distrito, permaneceram no cotidiano da sociedade. Assim, conforme a localidade ia recebendo novos habitantes, a sociedade se tornava unida pela fé, em especial sob a Igreja Católica. A religião auxiliava na construção dos valores coletivos, buscando sempre zelar pelas relações que traziam a ordem e a direção dos “bons costumes”.



Ilustração 04: Primeira Capela, no ano de 1868. (CIONE, R. *Revivescências na História de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1992, p.46).

²⁶ FARIA, R. S. *Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930): o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina*. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003, p.123-124 e 130.

Não foi por acaso que a primeira capela foi edificada no Quadrilátero Central Local, onde hoje está a fonte luminosa da Praça XV de Novembro. Construída no coração da cidade, foi abençoada em 25 de março de 1868. Dois anos após a realização da primeira missa, ou seja, em 1870, foi nomeado o primeiro vigário, o Padre Ângelo José Phillidory Torres. Portanto, o surgimento da cidade traz a marca do poder religioso.²⁷ Deste modo, a modernidade local não foi laica no estilo francês, antes, representou os costumes dos *sertanejos* e, sobretudo, dos religiosos.

Mesmo praticando ações consideradas modernas, os ribeirão-pretanos não abandonaram a vivência religiosa. Assim, a religião auxiliava nas relações dos mais diversos setores da sociedade, presente nas práticas cotidianas tidas como corriqueiras e, às vezes, imperceptíveis a cada cidadão. Além disso, a crença servia para polir as práticas cotidianas, ajustando-as e adequando as relações habituais de uma sociedade diversificada. Logo, a missão dos religiosos seria conscientizar a comunidade local sobre os atos por eles considerados corretos. Desta forma, tais manifestações seriam visíveis no cotidiano, fossem por meio das músicas, da moda, do lazer, do ensino, do trabalho, de vínculos familiares, etc.

Mediante a existência desta fé, a vida social e cultural dos habitantes de Ribeirão Preto foi dirigida e subordinada pelos diversos instrumentos de voz do poder clerical ali estabelecido e mantido. Contudo, a vida *boemia* - desejada e, de certo modo, praticada pela elite – foi construída de acordo com as especificidades locais e em diálogo com os preceitos de higiene e civilidade em voga.

1.2 - Dimensões do espaço urbano no *Pays Du Café*

Nos primeiros anos da década de 1900, propagou-se pelo interior do Estado de São Paulo um desejo idealizado por uma modernização nos moldes europeus. A partir da dinâmica econômica cafeeira, a cidade de Ribeirão Preto vivenciou mudanças urbanísticas nas áreas comerciais - principalmente nas atividades ligadas ao lazer e entretenimento. Tais novidades chegavam à cidade por intermédio das pessoas letradas que eram enviadas à Europa para finalizar seus estudos e pela intervenção dos políticos locais. Quando retornavam para suas localidades, vislumbradas as largas avenidas arborizadas de Londres ou de Paris, tais pessoas pretendiam transformar Ribeirão Preto em um pedaço da França, a *Petit Paris*. O modelo para a reinvenção do *cenário colonial* “foi a Paris do século XIX – demolida e reconstruída pelo

²⁷ SÁ, F. M; SOUZA, M. C. *Memórias de Ribeirão Preto: rumo ao novo milênio*. Ribeirão Preto: Clips Editora S/C, 1999-2000, p.27.

então prefeito de Sena, o barão Georges-Eugène Haussmann. A elite cafeeira prontamente adotou o modelo de reconstrução de Hausmann e o aplicou à cidade de Ribeirão Preto”.²⁸

Um bom exemplo é sua manifestação na urbanização, seja na construção de espaços exclusivos àqueles considerados loucos, às meretrizes, aos transgressores, etc., ou nos prédios de utilidade pública e/ou aos grandes casarões. Tais espaços foram construídos segundo princípios racionais de higiene, em benefício do ordenamento público e do movimento civilizador propagado pela República.

Para legitimar o ordenamento público, instrumentos legais foram criados com o intuito de controlar e punir rupturas das normas sociais desejadas e estipuladas pela elite local. Com este propósito, o Poder Municipal, por intermédio da Câmara e da Cadeia, se prontificava a atentar para essa necessidade “a partir da constituição da primeira Câmara Municipal, em 13 de julho de 1874”.²⁹



Ilustração 05: Prédio do Fórum e Cadeia. O então Primeiro Distrito. Fonte APHRP (Flósculo de Magalhães 1910).³⁰

²⁸ Sobre as transformações do espaço urbano, assim como da esfera política e/ou das definições e práticas dos projetos de higiene, o historiador Rodrigo Ribeiro Paziani faz uma análise do cenário de Ribeirão Preto durante a Primeira República, por intermédio das ações do prefeito Joaquim Mamede Bittencourt. Cf: PAZIANI, R. R. Construindo a Petit Paris: Joaquim Mamede Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). Tese de Doutorado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 2004, p.3 e 306; FRANÇA, J. L.; APARÍCIO, L. R. Novos Hábitos: espaços sociais e moda feminina na *Belle Époque*. In: DIALOGUS. Ribeirão Preto, v.1, n.3, 2007, p.348.

²⁹ FARIA, R. S. *Ribeirão Preto, uma cidade em construção...* Op. Cit., p.101.

³⁰ **Ilustração 05:** Prédio do Fórum e Cadeia. Prédio localizado na Rua Duque de Caxias esquina com Marcondes Salgado. Foto de 1910, fotografada por Flósculo de Magalhães.

Anos depois da assinatura da construção do prédio da Câmara e da Cadeia, é oficializado na cidade o local para regularizar e aplicar as leis. O estabelecimento finalmente foi construído entre 1885 e 1890 e abrigou no princípio somente a Cadeia. A Câmara passou a funcionar neste edifício a partir de 1904. Rodrigo Faria observa que, a partir do funcionamento legal destas casas, foram normatizados as leis municipais, os códigos de posturas e decretos, assim como as questões de saneamento e serviços públicos, os quais viabilizavam o crescimento urbano, em especial no Quadrilátero Central. Deste modo, a ordem seria resultado da aplicação das leis, tanto pelo poder público quanto pelos cidadãos. Foi oficializada a exigência de uma instituição que representasse o controle do funcionamento da ordem social. As construções da Câmara Municipal e da Cadeia Pública buscavam estabelecer a ordem civilizadora, com regulamentação dos códigos de posturas e punição de possíveis infratores.³¹

No início do século XX, a cidade efetivamente se transformava, conforme consta na tabela abaixo:

Gênero de negócios ou indústrias	Nº de casas	Gênero de negócios ou indústrias	Nº de casas
Secos e Molhados	124	Oficinas de Ourives	4
Botequins	50	Oficiais de Justiça	4
Lojas de Fazendas	29	Oficina de Ferreiro	4
Alfaiatarias	19	Máquinas de Beneficiar Café	3
Hospedarias	18	Torrefações de Café	3
Açougués	17	Agências Bancárias	3
Oficinas de Sapateiro	16	Bilhares	3
Barbeiros	15	Confeitarias	3
Escritório de Advocacia	15	Oficinas de Ferrador	3
Oficinas de Costuras	14	Oficinas de Carreiro	3
Padarias	13	Refinação de açúcar	3
Restaurantes e Casas de Pastagens	11	Serrarias à Vapor	2
Construtores	11	Fotografias	2
Oficinas de Funileiros	10	Fábricas de Sabão	2
Oficinas de Carroças	9	Casas de Ferragens	2
Oficina de Relojoarias	9	Tinturarias	2
Consultório Médico	9	Empresários de Pedreira	2
Farmácias	7	Oficinas de Colchões	2
Casas de Móveis	7	Fábrica de Licores	2
Oficinas de Carpinteiro	6	Parteiras	2
Tipografias	6	Casas de Armas	2
Charutarias	5	Conservador de Armas	2
Hotéis	5	Serralheiros	1

³¹ Os **Códigos de Posturas** regulamentavam as normas de sociabilidade e criaram ordem nas definições da expansão urbana, principalmente do quadrilátero central. Estes traziam questões de segurança pública, higiene e salubridade e, por fim, regulamentavam a área comercial e industrial, definindo como e onde seriam expandidas as redes de água e esgoto, assim como a iluminação pública. Cf. *Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: s.n., 1889; *Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Tipografia a Vapor do Diário da Manhã, 1902; *Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Tipografia Livro Verde, 1921; *Código de Posturas da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Câmara Municipal, 1932, s.n.; FARIA, R. S. *Ribeirão Preto, uma cidade em construção... Op. Cit.*, p.102.

Fábricas de Camisa	5	Vidraceiros	1
Dentistas	5	Casas de Câmbio	1
Fábricas de Massas	5	Escrivães de Paz	1
Máquinas de Beneficiar Arroz	5	Capitalistas	1
Bazares	4	Outros	21
Casas de Bilhetes de Loteria	4	Total	538

Tabela 03: Relação de indústrias, profissões e comércio 1890 - 1904. APHRP. Fundo: Intendência/Câmara Municipal; Grupo: Finanças/administração; Subgrupo: fragmentos de relatórios de prefeito (1890 e 1904). In: PAZIANI, R. R. *Construindo a Petit Paris...* Op. Cit., p.240.

A partir de novos espaços urbanos, praças, clubes, teatros, escolas, etc., a cidade se apropriava cada vez mais do modelo racional da modernidade. A este respeito, Rodrigo Paziani mostra que “Ribeirão Preto tornou-se palco de projetos de modernização que remodelaram sua paisagem”.³² Com tais modelos, a urbe se orgulhava de ser reconhecida no território nacional e internacional.

A modernidade na *Petit Paris* propiciava uma gama de novos hábitos e consumo que transformava a vida experimentada principalmente pela classe média. O universo urbano era construído e destruído pelas transformações econômicas da elite cafeeira. As calçadas de terra batida davam lugar a outras de concreto. As vias públicas foram cobertas por paralelepípedos que trouxeram segurança ao tráfego dos moradores. Estes passaram a trocar os poços subterrâneos por redes canalizadas de água e esgoto. Os抗igos e perigosos lampiões de querosene perdiam espaços com a instalação elétrica da Companhia de Força e Luz. E para se comunicar entre as grandes distâncias, bastava utilizar o telégrafo e/ou o telefone. A cidade vivia, a seu modo, a *Belle Époque Cafeeira* tardia que, grosso modo, abrangeu de 1883 a 1930, marcada especialmente pela urbanização.³³

³² PAZIANI, R. R. *Construindo a Petit Paris...* Op. Cit., p.17.

³³ Um bom exemplo de sociabilidade seja da elite ou da classe trabalhadora, eram as atividades realizadas principalmente aos sábados e domingos na Praça XV de Novembro. Neste espaço, a população podia frequentar o bar da Antarctica, ou assistir apresentações musicais e teatrais no coreto da praça, ou ainda podiam participar dos clubes e associações. Enfim, era um tempo de sedução e de novidades dos espaços de convivências; Segundo Flávio Azevedo Marques de Saes a *Empresa de Águas e Esgotos de Ribeirão Preto* teve um investimento da família de Martinho da Silva Prado, estes controlaram o fornecimento de água e esgoto em Ribeirão Preto e em algumas cidades da região, assim como, detiveram o fornecimento de energia elétrica. Cf. SAES, F. A. M. *A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira, 1850-1930*. São Paulo: Hucitec, 1986, p.143-145; SAES, F. A. M. A. *Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto*. V. II. São Paulo: Casa Gráfica José Braulio e Comp, 1921, p.181; Nilton Chiaretti mostra que a concessão para instalação do telefone em Ribeirão Preto foi concedida a José Antônio Marinho em 30 de setembro de 1898, a Camará Municipal tornou o ato público em 23 de agosto do mesmo ano. A partir de 1938, o serviço telefônico passou ao município. Cf. CHIARETTI, N. *História do telefone em Ribeirão Preto (1898-1998)*. CETERP/Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto: Laguna, 1998; Sobre o termo *Belle Époque* Humberto Perinelli Neto, José Evaldo de Mello Doin e Fábio Augusto Pacano enfatizam que: “A partir de meados do século XIX, por conta das plantações de café, o Brasil Caipira se transformaria num espaço capaz de coadunar tais características com um profundo gosto pelo moderno e por toda a materialidade e simbolismo que o envolviam e que eram experienciados na Europa como marca de um novo tempo, ou melhor, do melhor dos tempos: *Belle Époque*. O termo revela que tais emblemas modernos possuíam relação estreita com um lugar em especial: a França. Viver um grande amor em Paris, desfrutar de seus cafés e *cabarets*, passear pelas suas ruas, olhando as vitrines das boutiques e admirando a luz elétrica, entre outras novidades técnicas e materiais, eram sonhos que povoavam muitos homens no interior paulista, durante o término do século XIX e princípio do XX. Era, enfim, a *Belle Époque* que tomava conta dos corações e das mentes das cidades do interior paulista, por obra especial de sua elite, desejosa de modernizar-se”. PERINELLI NETO, H; DOIN, J. E. M; PACANO, F. A. Incursões pela *Belle Époque* Caipira: proposta de uma prática de História da Cidade e do Urbanismo.

No intuito de favorecer o desenvolvimento cultural da cidade, em 1897 foi inaugurado o “Theatro Carlos Gomes”, a grande casa de espetáculos da localidade, construído pelo arquiteto Ramos de Azevedo. Infelizmente, foi demolido em 1946. Pertencia ao espaço que integrava o Largo da Matriz, terreno cedido pela Câmara Municipal em comodato com empresários. Sua construção foi financiada por ricos fazendeiros da época que tinham à frente o coronel Francisco Schmidt.



Ilustração 06: Theatro Carlos Gomes (Atual Praça Carlos Gomes). Fonte APHRP (J. Gullaci, 1936).³⁴

A primeira peça apresentada no “Theatro” foi a Ópera “*O Guarani*”, de Antônio Carlos Gomes. No período que marca o apogeu da economia cafeeira em Ribeirão Preto, ou seja, do final do século XIX até 1930, foi palco de diversas apresentações teatrais, exposições artísticas, bailes, festas, banquetes, reuniões de políticos, entre outras atividades sociais. Na imagem do teatro reproduzida acima, encontram-se duas faixas fixadas na entrada. A primeira com os dizeres: “Vinde Ouvir Plínio Salgado - 7 de Setembro” (de 1936), a segunda informando que se trata da: “Acção Integralista Brasileira* – Núcleo Municipal de Ribeirão Preto”.

In: *Dialogus*: Revista do Departamento de História e Geografia. Ribeirão Preto: Centro Universitário Barão de Mauá. 2006, v.1, n.2. p.225-226.

³⁴ **Ilustração 06:** Theatro Carlos Gomes. Fachada de frente para a Rua Visconde de Inhaúma. Foto de 1936, fotografada por J. Gullaci.

* A AIB - Ação Integralista Brasileira foi fundada em 7 de outubro de 1932 por Plínio Salgado. A doutrina do partido se fundamentava nos valores religiosos, morais e nacionalistas, sintetizados pela exaltação a “Deus, Pátria e Família”. Cf. LOPES, D. H. *As Experiências Femininas na AIB, 1932-1938: Revendo o Passado. Gênero e Representações*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília 2007; Cf. POSSAS, L. M. V. *Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-1938)*. In: GOMES, A. C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

No que concerne à temática educacional, nas décadas de 1870/1880, Ribeirão Preto possuía apenas colégios particulares e escolas de primeiras letras, inclusive as escolas para moças (religiosas e laicas) e alguns cursos profissionalizantes direcionados geralmente para o comércio e o universo cafeeiro. No intuito de estimular o desenvolvimento elementar, os senhores do café, ligados aos políticos importantes, conseguiram instalar na cidade uma escola pública. Batizado inicialmente com o nome de Grupo Escolar Dr. José Guimarães Junior (atual Guimarães Junior), suas atividades se iniciaram em 1º de julho de 1895, em dois prédios distintos. O primeiro, na Rua Duque de Caxias, esquina com a Rua Cerqueira César, local onde hoje está instalada a Escola Auxiliadora. O segundo, na Rua do Comércio. Depois de concluídas as obras do prédio próprio, os alunos foram transferidos e passaram a estudar na escola situada na Rua Lafayete, esquina com a Rua Visconde de Inhaúma. O projeto arquitetônico foi desenhado pelo engenheiro Samuel das Neves, autor da Estação Júlio Prestes, em São Paulo.³⁵



Ilustração 07: Grupo Escolar Dr. José Guimarães Junior. Fonte APHRP (João Passig, 1902).³⁶

³⁵ O terreno cedido para a construção da escola foi doado por Arthur de Aguiar Diederichsen e sua esposa, Adelaide Araújo Diederichsen, em escritura datada de 03 de janeiro de 1902. Sobre o ensino em Ribeirão Preto durante a Primeira República, recentemente a historiadora Lúcia de Rezende Jayme realizou um trabalho em nível de mestrado, intitulado: “A educação pública na *Petit Paris* paulista (Ribeirão Preto, 1890-1920)”, em que a autora analisou o ensino público ministrado nas áreas urbanas e rurais da cidade. Para tanto, utilizou uma variedade de fontes, tais como diários de professores, atas escolares, etc., a fim de se aproximar ao máximo da representação do ensino público no período em que acontecia a expansão urbana.

³⁶ **Ilustração 07:** Grupo Escolar Dr. José Guimarães Junior. Primeiro Grupo Escolar de Ribeirão Preto (atual Guimarães Junior). In: Foto de 1902, fotografada por João Passig.

O grupo escolar ribeirão-pretano, conforme demonstrado na fotografia do período, seguia rigorosamente os padrões arquitetônicos em voga, quais sejam: janelas amplas, estilo neoclássico, obra monumental e, conforme defende Rosa Fátima de Souza, a arquitetura se mostrava imponente para ser o “templo da civilização de uma cultura letrada e racional”.³⁷

Entretanto, faltava na cidade uma escola oficial ginásial que foi instituída no ano de 1907, quando foi inaugurado o segundo ginásio do interior e o terceiro do Estado de São Paulo. O estabelecimento de ensino recebeu o nome de Ginásio de Ribeirão Preto (atual Otoniel Mota). Marcus Vinicius da Cunha salienta na obra “*O Velho Estadão*” que no princípio o ideal do ginásio era o de contribuir para a formação geral dos jovens das elites locais. Para tanto, o ensino mostraria “a eles um cenário do futuro”, levando-os “a construir sua autoimagem como membros de uma elite intelectual em cujas mãos deveriam permanecer o progresso do país”.³⁸



Ilustração 08: Ginásio de Ribeirão Preto (atual Otoniel Mota). Fonte APHRP (J. Gullaci, 1935).³⁹

Coube aos Estados à concretização e à manutenção dos estabelecimentos de ensino. Por sua vez, no caso específico do Estado São Paulo, os grupos e ginásios geralmente eram localizados em áreas centrais das cidades, passando a existir salas de aulas amplas, com

³⁷ Cf. SOUZA, R. F. Templos de Civilização. São Paulo. Editora da UNESP. 1998.

³⁸ O Ginásio de Ribeirão Preto foi inaugurado em primeiro de abril de 1907. Esteve no ato de abertura o então presidente do Estado de São Paulo, Jorge Tibiriçá Piratininga, e Gustavo de Oliveira Godoy, secretário do Interior; CUNHA, M. V. *O velho Estadão. Ribeirão Preto*: Palavra Mágica, 2000, p.111.

³⁹ **Ilustração 08:** Ginásio de Ribeirão Preto. Atual Otoniel Mota. In: *Álbum - A.P.I. Lembrança da Concentração jornalísticas de Ribeirão Preto*. Foto de 01 a 02 de setembro de 1935, fotografada por J. Gullaci

mobiliário e recursos adequados: lousas, cadernos, mata-borrões, materiais didáticos, etc. A educação passou a ser considerada uma questão social e constituiu um dos temas frequentes de discussão entre os letrados do país. Era, portanto preciso solucionar a falta de escolaridade dos brasileiros, tida como a causa dos problemas nacionais relacionados ao atraso econômico, à proliferação de doenças endêmicas e à demora para o progresso e a civilização.⁴⁰ Em *História da Educação*, Cynthia Greive Veiga mostra que com a sociedade do trabalho, especialmente as localizadas nas áreas urbanas:

A própria escola passou a ser interpretada como um equipamento urbano e sofreu intervenção técnica, recebendo dispositivos que asseguravam higiene e salubridade ao ambiente. Como no caso de outros espaços, concluiu-se que o traçado arquitetônico das instituições de ensino influenciava o comportamento, o desempenho, o aprendizado e a saúde das pessoas. Foi igualmente planejada a sua localização espacial, que obedeceu a critérios técnicos (infraestrutura), econômicos (racionalidade de custos) e políticos (a imagem da escola como monumento da civilização).⁴¹

Neste ambiente foram criados ritos e práticas educativas que visavam estimular a consciência do aluno em relação ao ambiente escolar. Deste modo, eram instituídos métodos de ensino, os quais tinham como finalidade desenvolver uma cultura escolar na qual alunos e professores se vissem como participantes de uma nova identidade brasileira. Percebemos, portanto, que a defesa da instrução como elemento de integração do povo à nação foi fortalecida com a proclamação da República, que propiciou a necessidade de criação de uma *nova escola*, organizada de acordo com os interesses da nova ordem que se implantava. Assim, foi atribuído à educação o papel de formação do cidadão republicano, buscando consolidar o próprio regime e promover o desenvolvimento social e econômico. Conforme aponta Rosa Fátima de Souza:

A Escola Primária Republicana instalou ritos, espetáculos e celebrações, Em nenhuma outra época a escola primária no Brasil mostrara-se tão francamente como expressão de um regime político. De fato ela passou a celebrar a liturgia política da República; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria.⁴²

⁴⁰ Cf. VEIGA, C. G. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007; Cf. NAGLE, J. *Educação e sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 1974; Hoje, sabemos que os colégios e grupos de ensino da Primeira República eram destinados a uma minoria da sociedade. Porém eles foram a porta para o avanço e a discussão sobre o ensino público no país.

⁴¹ VEIGA, C. G. *História da Educação*... Op. Cit., p.209.

⁴² SOUZA, R. F. *Templos de Civilização*... Op. Cit., p.241.

Segundo Lúcia Rezende Jayme, a educação escolar em Ribeirão Preto estava organizada em ensino primário, ginásial e escolas isoladas. Nestes estabelecimentos, conforme constatado pela autora:

O ensino primário ocupava-se em propagar saberes elementares como leitura, escrita, noções de higiene e valores cívicos. A escola secundária buscava atender os interesses de grupos privilegiados da sociedade. No entanto, apesar da oratória e das promessas nem sempre cumpridas pelos governantes acerca da educação, os grupos e os ginásios formaram, ainda que circunscritos à historicidade brasileira, cidadãos republicanos e alguns ideais imaginados na constituição de um homem moderno, civilizado e patriótico.

Quanto aos ginásiais, os alunos não somente aprendiam novos valores como difundiam as ideias nas quais acreditavam. O Centro de Culto a Ciência e o Centro Ginásiano “Olavo Bilac”, configuravam agremiações discentes em que os alunos reuniam-se para debater acerca de obras literárias e científicas e, principalmente, sobre questões relacionadas ao cotidiano educacional e político vivido pelos adolescentes. No salão do ginásio, o alunado declamava preleções e discorriam temas republicanos ligados ao civismo, sobretudo, a partir dos anos de 1915.

Embora nas escolas isoladas fosse ministrada a instrução primária como nos grupos escolares, a escassez de recursos materiais e o ensino reduzido a saberes rudimentares tornaram-nas conhecidas como “escolinhas da roça”, instaladas em fazendas, zonas de população rarefeita na área urbana ou em bairros distantes do quadrilátero central da urbe de ares parisienses.⁴³

Portanto, a Primeira República buscava propagar os ideais de civilidade, progresso e urbanização. Para tanto, o ensino era o palco mais utilizado para difundir os novos códigos, que buscavam transmitir uma nova identidade, especialmente aos jovens republicanos em idade escolar. Assim, os ritos praticados no ambiente escolar - fossem por intermédio do hino, da bandeira, dos selos nacionais, dos heróis, das datas comemorativas e cívicas - buscavam construir um sentimento cívico comum. No entanto, este ensino se destinava ao atendimento de um grupo minoritário, geralmente de representantes de grupos sociais com poderes econômicos. A este respeito, Rosa Souza afirma que “a formação das classes dirigentes continuou privilegiando a arte da expressão, a erudição linguística, o escrever e o falar bem, o domínio das línguas estrangeiras e a atração pela estética literária”. Não foi por acaso que o ensino, tanto primário quanto ginásial, buscava difundir a aprendizagem de leitura, escrita, oratória e de higiene pessoal, pois se buscavam cultivar determinados valores na sociedade.

Além da questão educacional, no início da primeira década de 1900, Ribeirão possuía diversas casas comerciais, tais como as lojas de departamentos, agências bancárias, confeitarias, armazéns, boutiques, indústrias médias e pequenos estabelecimentos que

⁴³ JAYME, L. R. *A educação pública na Petit Paris paulista...* Op. Cit., p.133 e 152-153.

produziam “massa, sabão, vinagre, colchão, chapéus de palha, charutos, foguetes e gelo”. Não obstante, a cidade se orgulhava de construir as elegantes “carruagens, selarias, serrarias, olarias, fornos de cal, uma fábrica de sapatos, várias tipografias, oficinas mecânicas e de fundição”.⁴⁴



Ilustração 09: Casa Alemã (Fonte - DN, 1934).⁴⁵



Ilustração 10: *Au Bon Marché*. Fonte APHRP (João Passig, 1901).⁴⁶

⁴⁴ DEAN, W. *Rio Claro*: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.155.

⁴⁵ **Ilustração 09:** Casa Alemã. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934.

⁴⁶ **Ilustração 10:** *Au Bon Marché*. Loja localizada na Rua General Osório esquina com a Rua Amador Bueno ou Saldanha Marinho. Foto de 14 de junho de 1901, fotografada por João Passig.

No Perímetro Urbano Central, as alterações não se restringiram aos casarões. O comércio local também refletia os projetos arquitetônicos franceses, italiano e americano. Mostra disso eram os estabelecimentos comerciais da *Casa Allemã*, do *Au Bom Marché*, do *Au Louvre*, etc. Os nomes de cada estabelecimento já mostrava a influência estrangeira no cotidiano da sociedade local. Tais lojas vendiam os mais variados artigos. Fossem nacionais ou estrangeiros, sempre estavam nas páginas dos jornais, apresentando na comunidade local tudo quanto existia de sofisticado no mundo da moda.

No intuito de mostrar a grandeza da empresa e auxiliar no engrandecimento e progresso da cidade, em 1927 a Cervejaria Paulista comprou do Sr. Adalberto Henrique de Oliveira Roxo, o edifício do antigo “Central Hotel” e as casas que ficavam ao lado deste. Em 1928 o presidente da cervejaria, João Meira Júnior, iniciou a construção de uma moderna casa de teatro e ópera. Pouco tempo depois, os dirigentes da empresa mandaram derrubar as casas e no seu lugar fizeram construir o “Palacete Meira Junior” e o “Theatro Pedro II”, que pelas suas proporções e pela estética arquitetônica de suas linhas era considerado o mais imponente de todo o interior do Estado de São Paulo, rivalizando com os teatros da capital paulista e do Rio de Janeiro. Para finalizar os propósitos da companhia, foi ainda reformada a fachada do “Hotel Central”. O projeto, de autoria do arquiteto Hipólito Gustavo Pujol Júnior, finalizado em 1930, passou a ser denominado “Palace Hotel”. Em 8 de outubro deste mesmo ano, o Teatro foi inaugurado com apresentação do filme “Alvorada do Amor”.⁴⁷

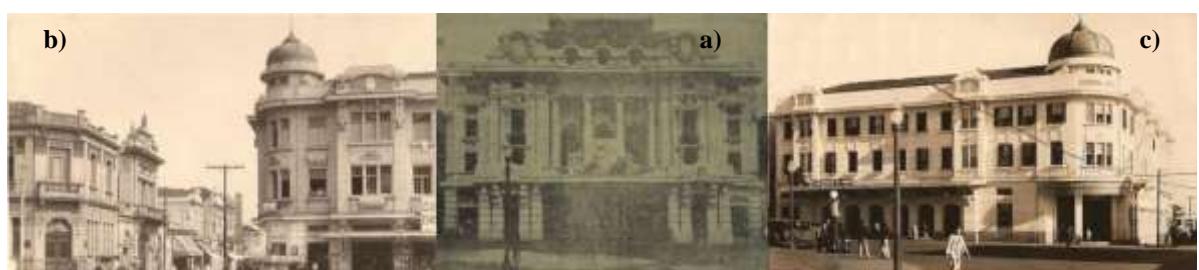


Ilustração 11: Quarteirão Paulista de Ribeirão Preto (Fonte – DN, 1934; J. Gullaci, 1935).⁴⁸

Do conjunto desses três edifícios: o “Palacete Meira Junior”, o “Theatro Pedro II” e o “Palace Hotel”, surgiu o Quarteirão Paulista de Ribeirão Preto, que pelo seu aspecto

⁴⁷ Cf. CIONE, R. *História de Ribeirão Preto*. I Volume, Ribeirão Preto: IMAG – Gráfica e Editora, 1987.

⁴⁸ **Ilustração 11:** Quarteirão Paulista de Ribeirão Preto. a) Teatro Pedro II. In: *Diario de Noticias*, Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934. b) Rua General Osório esquina com Rua Álvares Cabral, tendo ao lado direito o **Palacete Meira Júnior** e ao lado esquerdo o Banco Francês e Italiano, Banco Comércio e Indústria e, ao fundo, Banco do Brasil e Empresa Força e Luz. In: *Álbum - A.P.I. Lembrança da Concentração jornalísticas de Ribeirão Preto. Foto de 01 a 02 de setembro de 1935, fotografada por J. Gullaci*. c) Hotel Central, visto a partir da Rua Duque de Caxias esquina com Álvares Cabral. In: *Ibidem*. (API – Associação Paulista de Imprensa).

majestoso e pela harmonia de suas linhas, constitui ainda hoje um monumento da *Art Nouveau* interiorana. Juntos, eles são admirados por diversas pessoas que visitam a cidade.⁴⁹

Deste modo, a atividade cafeeira gerou um comércio diversificado, assim como o surgimento de novas construções urbanas apropriadas ao espírito do projeto moderno, em boa medida, no estilo da *Art Nouveau*. As obras arquitetônicas do “Theatro Carlos Gomes”, do “Palace Hotel”, do “Edifício Meira Junior”, da “Sociedade Recreativa” (atual MARP - Museu de Artes de Ribeirão Preto) e do “Theatro Pedro II” refletem o mesmo estilo. Não obstante, a cidade possuiu inúmeros prédios e casarões que denotam tal estilo; todavia, tais construções foram derrubadas ao longo do tempo.



Ilustração 12: Edifício Antônio Diederichse
(Fonte - DN, 1937).⁵⁰



Ilustração 13: Antigo Banco Construtor. Fonte APHRP (J. Gullaci, 1940).⁵¹

⁴⁹ Em 1928, quando a Cervejaria Paulista iniciou a construção do Teatro, foi realizada uma consulta popular para escolher o nome do recinto. Para tanto, o jornal *A Cidade*, em comum acordo com a cervejaria, trouxe em algumas edições um cupom e fixou uma urna em sua sede. Após a apuração, vence o nome ‘Pedro II’, em homenagem ao imperador.

⁵⁰ **Ilustração 12:** Edifício Diederichsen. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 10 de janeiro de 1937; **b)** Antigo Banco Construtor, edifício localizado na Rua Saldanha Marinho, esquina com Rua São Sebastião. Foto da década de 1940, feita por J. Gullaci

⁵¹ **Ilustração 13:** Antigo Banco Construtor. Edifício localizado na Rua Saldanha Marinho, esquina com Rua São Sebastião. Foto da década de 1940, feita por J. Gullaci.

Mostrando o poder econômico local, em pleno desenrolar da década de 1930, mais especificamente em 22 de setembro de 1934, foi iniciada a obra de construção do primeiro prédio multifuncional do interior do Estado de São Paulo. Projetado pelos engenheiros e arquitetos Antonio Terreri e Paschoal de Vicenzo, o “Edifício Antônio Diederichsen” foi construído no coração da cidade, localizado no entroncamento da Rua Álvares Cabral com a Rua General Ozório. Projetado para ser utilizado de forma variada, com cinco andares, o prédio contemplava diversas salas comerciais e dormitórios fixos, e no último andar ficava o “Grand Hotel”. Após dois anos e meio de obras, foi oficialmente inaugurado, em 20 de dezembro de 1936. O prédio leva o nome de seu proprietário, fruto dos investimentos do empresário Antônio da Rocha Diederichsen, que possuiu diversos estabelecimentos, tais como o “Antigo Banco Construtor”, que teve dentro do Perímetro Urbano Central uma área de cerca de 10 mil m², e se instalaram neste quarteirão diversas lojas, escritórios, vendas de automóveis, posto de gasolina, garagem, seção de pintura, oficinas de veículos. Na Vila Tibério, este empreendedor possuiu fábricas, serrarias, oficinas mecânicas e de fundição e depósito de madeira. Em suas fábricas eram construídas máquinas para a lavoura e diversas aplicações, como aparelhos para usinas de açúcar e turbinas. Além dessas fábricas e oficinas, o empresário possuiu uma fábrica de parafusos, a “Santa Olympia”. Em consonância com seus empreendimentos empresariais, Antônio transformou seu grande edifício em sinônimo de suas atividades e de seu nome.⁵²

⁵² Cf. *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 10 de janeiro de 1937.



Ilustração 14: Quadrilátero Central (Fontes diversas, modificações realizadas em realce pelo autor).⁵³

⁵³ **Ilustração 14:** Quadrilátero Central. Plano de Fundo, planta Patrimônio da Fabrica da Matriz em 1932. **Imagen 24)** Sede da Cia. de Cerveja Paulista (Atual Estúdio Kaiser de Cinema). Foto de 2010, de Jorge Luiz de França; **30)** Palacete do Camilo de Mattos, na Rua Duque de Caxias esquina com Rua Tibiriçá, vista pela praça XV de Novembro. Foto de 1910, feita por Aristides Motta; **31)** Vista comercial da Rua Duque de Caxias. Foto de 1910, feita por Aristides Motta; **32)** Palacete Innecchi, construído em 1929 (atual Banco Itaú). In: Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 28 de outubro de 1940; **33)** Prédio na Rua Cerqueira César esquina com Rua Duque de Caxias onde funcionou o Primeiro Grupo Escolar e o Ginásio do Estado. Local hoje ocupado pelo Colégio Auxiliadora. Foto de 1907, realizada por J. S. Mattos. **43)** Prédio do Fórum e Cadeia na Rua Duque de Caxias esquina com Marcondes Salgado. Foto de 1910, obra de Flósculo de Magalhães; **44)** Palácio Rio Branco (Prefeitura). In: CAGNO, C. *Ribeirão Preto: Memória fotográfica*. Ribeirão Preto: Editor Colégio LTDA, 1985, p.44; **45a)** Agência do Correio. Foto da década de 1930-1940, fotógrafo não localizado, snd; **45b)** Sede social da

Na imagem do Quadrilátero Central, identificamos que foram realizadas transformações que privilegiaram o modelo urbanístico em voga na Europa. Tais espaços eram frequentados, na grande maioria das vezes, pelos grupos privilegiados locais. A economia gerada favoreceu o surgimento de empreendedores responsáveis por auxiliar nas transformações idealizadas da construção de uma nova urbe, a fim de tirar o estigma do antigo e ruralista patrimônio eclesiástico.

1.3 - O advento da boemia na localidade

Na passagem do século XIX para o século XX, a modernidade já estava de certa maneira *assentada* no Ocidente. Suas inovações trouxeram benefícios para o gênero humano, principalmente com o avanço da ciência e suas descobertas, tais como as relacionadas aos remédios e vacinas, ao desenvolvimento tecnológico, aos novos alimentos, ao encurtamento das distâncias com a rapidez dos transportes e da comunicação, a imprensa com suas máquinas tipográficas e tantas outras.

De forma rápida, Ribeirão Preto vivencia tais mudanças, principalmente por intermédio de uma vida noturna agitada que motivou letrados, artistas e intelectuais a escreverem sobre os costumes locais. Monteiro Lobato, por exemplo, na *A Barca de Gleyre* - coletânea de cartas que o autor trocou com amigos - retrata a imagem da *Belle Époque Cafeeira* de Ribeirão Preto. Em mensagem enviada para Godofredo Rangel no dia 18 de janeiro de 1907, o escritor relata detalhes sobre as viagens que fez pelo interior paulista:

Costumes, hábitos, ideias, tudo lá é diferente destas nossas cidades do velho S. Paulo e da tua Minas. Em Ribeirão dizem que ha 800 "mulheres da vida",

Sociedade Recreativa, inaugurada em 1908; entre os anos de 1956 e 1984 sediou a Câmara Municipal (atual MARP). Foto de 1930, fotógrafo não identificado; **47)** 90º sobre a Praça XV de Novembro, mostrando o Theatro Carlos Gomes, bar Antarctica, acima Rua General Osório, à esquerda, as Ruas Duque de Caxias e Barão do Amazonas, à direita, as Ruas Álvares Cabral e Tibiriçá; em frente do Theatro temos a Rua Visconde de Inhaúma. Foto provavelmente da década de 1930, fotógrafo Photo Studio Zerbetto, Pirassununga; **48)** Quarteirão Paulista – **a)** No centro, vemos o Theatro Pedro II. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934; **b)** À direita, o restaurante Poker, Palacete Meira Junior (atual Pinguim). In: *Álbum, A.P.I... Op. Cit., Ibidem.* **c)** À esquerda, o Palace Hotel. In: *Álbum, A.P.I... Op. Cit.*; 51: Avenida Jerônimo Gonçalves; ao fundo, à direita, estação Ribeirão Preto e o armazém da Mogiana. *Álbum, A.P.I... Op. Cit.*; **58)** Casa Alemã. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934; **57)** Edifício Diederichsen, na esquina das ruas Álvares Cabral e São Sebastião. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 10 de janeiro de 1937; **77)** Prédio do Cassino Antarctica e do restaurante Rotizzerie Sportman, na esquina da Rua Américo Brasiliense com Amador Bueno. Foto de 1920, fotógrafo não identificado; **85)** Fotógrafo Aristides Motta, no Largo da Matriz (Praça 13 de Maio, posteriormente, Praça das Bandeiras). Foto da década de 1910, feita pelo estúdio de Aristides Motta; **103)** Catedral de São Sebastião e Praça da Bandeira. Foto da década de 1950, feita por Foto Esporte; **112)** Palácio Episcopal, entrada pela Rua Lafaiete. In: *Álbum, A.P.I... Op. Cit.*; 113: Primeiro Grupo Escolar... *Op. Cit.*; **129)** Ginásio do Estado... *Op. Cit.*; **160)** Sociedade Beneficência Portuguesa. *Álbum, A.P.I... Op. Cit.*

todas “estrangeiras e caras.” Ninguém “ama” ali à nacional. O Moulin Rouge funciona há 12 anos e importa champanha e francesas diretamente.

Lá ninguém mora; apenas estaciona para ganhar dinheiro. Esse meu longo passeio de 3.453 quilômetros de via férrea buliu muito com as minhas ideias. Tenho que estacionar lá também, Rangel. Estou apertando minhas cunhas para ser nomeado para Ribeirão Preto ou coisa equivalente.⁵⁴

Nesta carta, encontramos descrições dos costumes dos habitantes de Ribeirão no início do século XX. Há recorrência dos hábitos considerados modernos e civilizados que contribuíram para a construção da cidade como modelo do ideal da Primeira República. É uma constante, também, a afirmação de que os homens se deleitavam na vida *boemia* proporcionada pelas requintadas estrangeiras “*damas da noite*”. Os cabarés descritos por Lobato eram estabelecimentos dedicados exclusivamente aos indivíduos do sexo masculino e serviam como espaço de rituais amorosos e/ou práticas administrativas e políticas do homem urbano.

No meio do burburinho noturno surge a figura de François Cassoulet, um francês de meia idade que chegou a Ribeirão Preto em finais do século XIX e conseguiu sua inserção no universo burguês da pequena *Petit Paris*, via investimentos em espaços de sociabilidade urbana. O memorialista Prisco da Cruz Prates, recordando este personagem escreve:

Francisco Cassoulet lembra-se de dotar a florescente cidadezinha como um Cassino no estilo dos existentes na França. Como o Cassoulet não possuísse recursos nenhum, alugou um terreno baldio, de propriedade da família Torres à Rua São Sebastião, edificando no local um tóscio barracão, de acordo com a sua penúria financeira. O mesmo fora coberto de zinco e o piso de chão batido! Foi deste modo rústico que surgiu o célebre ELDORADO PAULISTA, que mais tarde, após a construção de um prédio adequado, tomara fama que refletia até na velha Europa, porque Francisco Cassoulet, conhecedor profundo do ramo que dedicara, contratava as mais famosas artistas para serem exibidas naquele teatro. Era nos áureos tempos em que o café semeava dinheiro às mancheias e Ribeirão Preto mandando no ouro, foi se agitando cada vez mais, não só com o seu aromático café, como também pela fama daquela Casa de Diversões, aonde infinidade de coronelões ricaços vinham atraídos pelos “BRÔTOS” importados, gastar nababescamente ao lado daquele manancial de famosas artistas.⁵⁵

O sucesso de Cassoulet esteve relacionado a sua união com empresários e políticos locais, os quais formaram parcerias entre o poder público e o privado. Acordos de cordialidade foram firmados, marcando o período identificado pelo historiador José Evaldo de Mello Doin como “capitalismo bucaneiro”. Com tais laços, foi possibilitado a Cassoulet um

⁵⁴ LOBATO, M. A Barca de Gleyre. 1º Tomo, 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1950, p.153-154.

⁵⁵ PRATES, P. C. Ribeirão e os seus Homens Progressistas. Ribeirão Preto: Copiadora Off-Set Rossi, 1981, p.180-181.

rápido enriquecimento. Ele passou a ser o grande administrador dos entretenimentos da cidade entre o final dos anos de 1886 a 1917. Neste período, os estabelecimentos dirigidos por este administrador foram palco de glórias e derrotas de jovens e velhos que buscavam diversões com os *brotos*.⁵⁶

Cassoulet observou o universo comercial em que estava se inserindo e, rapidamente, tratou de galgar meios para iniciar a vida empresarial. Aos poucos, de pequeno administrador de um botequim (misto de bar e prostíbulo) foi paulatinamente adquirindo e gerenciando teatros (Carlos Gomes, Paris Theatre e Polytheama), cassinos (Eldorado e Antarctica), restaurante (Rotisserie Sportsman) e cinemas (Rio Branco e Odeon). Por fim, gerenciou um rinque de patinação, dominando assim, as atividades ligadas ao entretenimento e à vida noturna da cidade.⁵⁷

A imprensa local o descrevia com atributos que o ligavam ao bom francês, seja por sua cordialidade, ou pelo humor ou polidez. Assim, este personagem espelhava a imagem que a parte da sociedade queria para si, principalmente os homens, que deveriam apreender, por intermédio das regras de etiqueta, os elementos necessários para a civilidade urbana.

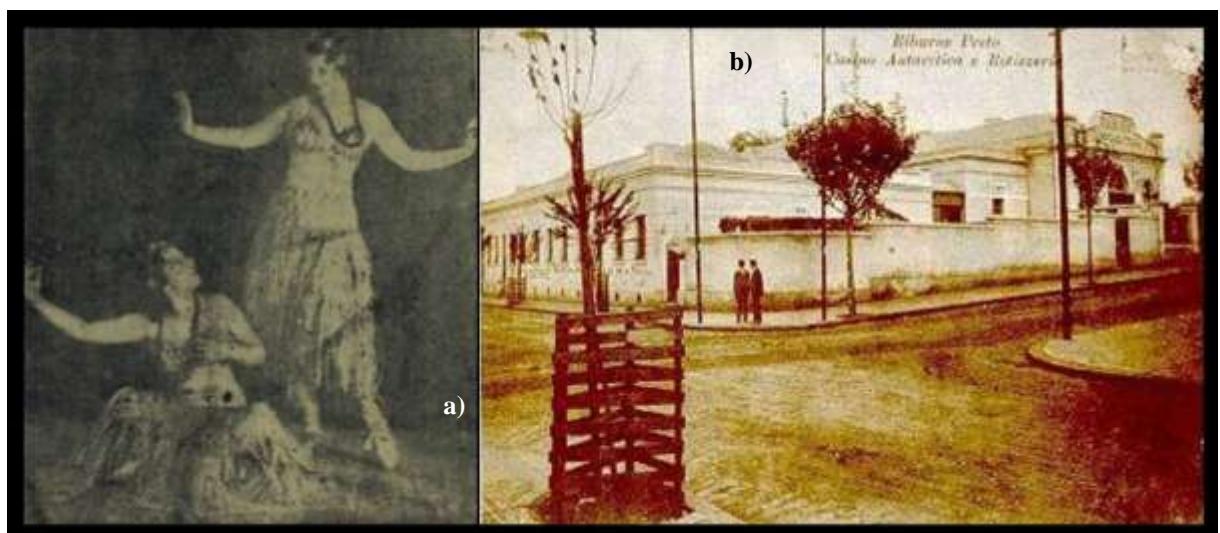


Ilustração 15: Cassino e suas bailarinas (Fontes - DN, 1936; CIONE, R. 1920).⁵⁸

⁵⁶ Capitalismo bucaneiro é expressão que destaca a vivência da sociedade local forjada pelas indistinções entre público/privado, numa ambiguidade entre rural e urbano, civilizado e bárbaro. Cf. DOIN, J. E. M. *Capitalismo bucaneiro*: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café (1889-1930). V. 1. Tese de Livre Docência em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP/Franca, 2001.

Cf. FRANÇA, J. L. *Meretrizes na Belle Époque do Café*: cabaré e sociedade (1890-1920). Monografia em História - Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2006; Cf. FRANÇA, J. L. Na trilha do feminismo: imprensa feminista na Ribeirão Preto de 1918-1914. Monografia apresenta ao curso de Especialização em História, Cultura e Sociedade - Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2008.

⁵⁷ Cf. GUIÃO, J. R. *Flôr de café*: o romance de Ribeirão Preto. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1944.

⁵⁸ **Ilustração 15:** Cassino e suas bailarinas. a) Corista Cassino Antarctica. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 16 de maio de 1936. b) Prédio do Cassino Antarctica e do restaurante Rotizzerie Sportman, na esquina da Rua Américo Brasiliense com Amador Bueno. Fonte APHRP. Foto de 1920, fotógrafo não identificado.



Ilustração 16: Bordeleiro do Antarctica (CIONE, R. 1992 e 1920).⁵⁹

Se por um lado o Cassino Antarctica, juntamente com suas bailarinas/coristas, era identificado enquanto local de desejos e profanações carnais, por outro, o *Restaurant* e *Rotisserie Sportsman* detinha o *status* de lugar de luxo. Era frequentado geralmente pelas damas da sociedade, sendo reservado à família e também servia como ponto de encontro da elite intelectual. Cafeicultores, políticos, empresários, bacharéis, escritores e viajantes, todos, personagens de destaque que utilizavam o local como ponto de reunião e mostra do poder econômico.

Durante os anos 1920 a 1940, o Cassino Antarctica ainda funcionava, agora não mais com o gerenciamento do francês que lhe conferiu uma identidade; todavia, ainda era palco de diversões. Nele se apresentaram artistas que tinham no seu repertório a alegria e o picaresco, e o Cassino dividia as atrações da cidade com as inovações musicais trazidas pela rádio P.R.A.7 (Prefixo Radiofônico nº 7).⁶⁰ Surgiam também novos estilos de danças, tais como a dança de salão, tango, fox, valsas, dança oriental, etc. No fundo do salão, havia uma orquestra do típico jazz-sinfônico, animando a mocidade boemia.

⁵⁹ **Ilustração 16:** Bordeleiro do Antarctica. a) Caricatura de François Cassoulet. In: CIONE, R. *Revivescências na História de Ribeirão Preto...* Op. Cit., p.210. b) Frente do Cassino Antarctica. In: Prédio do Cassino Antarctica e do restaurante Rotizzerie Sportman... Op. Cit., idem.

⁶⁰ Sobre a P.R.A.7, Cf. GIORGIANI, T. S. *Pelos caminhos das palavras: uma breve interpretação da Rádio P.R.A.7, a partir das suas representações*. Monografia em História - Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2005; SANTIAGO, G; REZENDE, A. L. *PRA-7: a primeira rádio do interior do país*. Ribeirão Preto: São Francisco, 2005; JORGE, S. *Rádio, modernidade e sociedade em Ribeirão Preto, 1924-1937*. Dissertação de Mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP/Franca, 2008.



Ilustração 17: Banda Filhos de Euterpe em corporação musical. Fonte APHRP (José da Silva Mattos, 1899).⁶¹

Os ribeirão-pretanos não tinham apenas os teatros, cassinos e cinemas como entretenimento. Desde o final da década de 1880, a cidade passou a contar com bandas de música que faziam apresentações, utilizando especialmente instrumentos de sopro e de percussão. A primeira foi a *Banda São Sebastião*, em 1887, dirigida pelo negro Pedro Xavier de Paula. Com a chegada dos imigrantes, inicia-se um novo momento na vida cultural da urbe. No ano de 1894, surge a *Banda Bersaglieri*, organizada por José Munhai e colonos italianos. A esse respeito Thathy Mariana Fernandes afirma que:

Até 1910 quatro bandas haviam se consolidado na cidade: Filhos de Euterpe, Bersaglieri, Banda Progressista (União Progressista da Companhia Mogyana), Giacomo Puccini e Ítalo-Brasileira. Em 1920 teria se formado a Banda Independente, dirigida pelo maestro Luís Delfino Machado. Estas bandas serviam para acompanhar todo tipo de festividades, desde as comemorações cívicas mais formais até os bailes de carnaval. Sem dúvida, constituíam a forma mais comum de acesso à audição musical, procuravam compor repertórios com os estilos musicais considerados “cultos” e de “bom gosto”: trechos de óperas e sinfonias, hinos cívicos, música dançante europeia (valsas, mazurkas, scottishes), marchas, dobrados, tangos, habaneras.⁶²

⁶¹ **Ilustração 17:** Banda Filhos de Euterpe em corporação musical. Integrantes da corporação musical *Filhos de Euterpe*, o qual era regido pelo maestro José Gomes Dephino que esta em pé na primeira fila da esquerda. Foto de 1899, fotografada por José da Silva Mattos.

⁶² FERNANDES, T. M. *Atividades musicais urbanas em Ribeirão Preto: nas primeiras décadas do século XX*. Dissertação de mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 2008, p.55.



Ilustração 18: Orquestra do cinema Bilac. Fonte APHRP (Photographia Artística CM, 1924).⁶³

Nota-se nas bandas de músicas de Ribeirão Preto a presença de negros em quase todos os grupos musicais, fato que demonstra certa abertura étnica nas atividades que remetiam à arte. No mais, participar das bandas era uma oportunidade artística para o futuro de todos os integrantes dos conjuntos. Assim, o cuidado com a aparência e principalmente com a vestimenta era um dos quesitos necessários para manter elegância e status social.

Até a década de 1910, a maioria das bandas musicais da cidade era composta exclusivamente por homens. Entretanto, na década de 1920, este fato se modifica quando as mulheres começam a entrar em cena. Das bandas que permitiram a participação feminina, a primeira que se tem notícia foi a *Orquestra do Cinema Bilac*, composta por duas mulheres e 11 homens. Das senhoritas, uma tocava violino e a outra, piano. Os cavalheiros se dividiam nos instrumentos de sopro, percussão e cordas.

Além da arte entretenimento das casas de espetáculos e das bandas musicais, tornou-se comum a prática esportiva, principalmente do futebol, que possibilitou a criação de diversos times, como o *Comercial*, o *Italia* e o *Botafogo*.

⁶³ **Ilustração 18:** Orquestra do cinema Bilac. Da esquerda para direita, em pé 5 homens sendo o primeiro, Antenor Ribeiro, Amadeu [Mugnahaia], Joaquim Rangel, Joaquim [Cunha] e Pacoal. Sentados da esquerda para

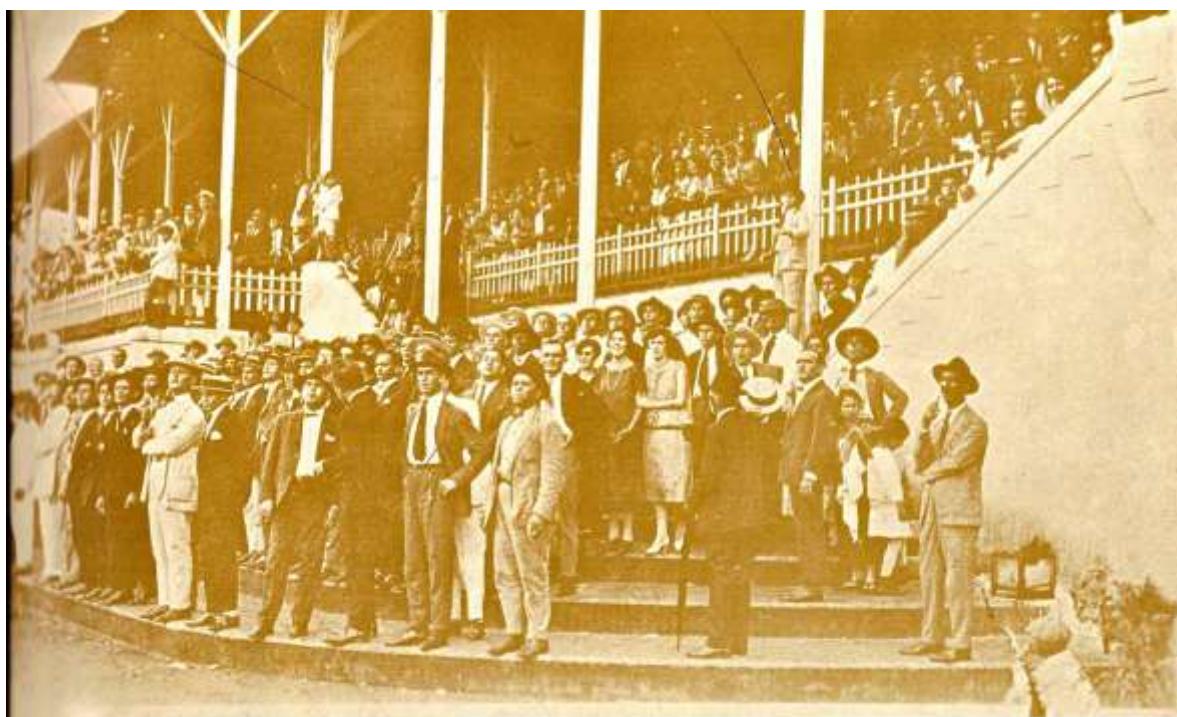


Ilustração 19: Arquibancada do Comercial Futebol Clube em dia de jogo - 1923 (CAGNO, C. 1985).⁶⁴

Nas décadas de 1920 e 1930, surgia ainda, nas arquibancadas dos clubes, uma tímida participação feminina durante partidas de futebol. A imagem acima mostra três mulheres que aproveitaram o momento de descontração para mostrar que também poderiam torcer - neste caso para o Comercial Futebol Clube. Além disso, em meio a ternos, gravatas e chapéus, o trio conferiu suavidade a um ambiente tipicamente masculino. No mais, devemos reparar na postura das pessoas, boa parte delas está com o corpo ereto, passando-se uma sensação de civilidade, ordem e atenção ao jogo. Talvez a imagem tenha sido tirada num dia de domingo, pois é possível visualizar algumas crianças em maior número em comparação ao grupo feminino.

Impulsionada pela diversidade cultural, a cidade recebeu e se apropriou de diferentes esportes; além do futebol, na década de 1930 passa a ser divulgada a prática de remo e natação. Com este intuito, surge o *Clube de Regatas e Natação Rio Pardo*, que atendia remadores, nadadores e propiciava um momento de lazer à família. Aos poucos foram surgindo no clube a lanchonete, os quiosques, escorregadores, etc., tudo para atender às elites da localidade de forma adequada.

direita há, 6 homens e duas mulheres, sendo eles, Raphael Leite, Barilari, Helena, Eduh Rangel, Luiz Spanó, Sebastião Soma e Caetano. Foto de 13 de março de 1924, realizada por Photographia Artística CM.

⁶⁴ **Ilustração 19:** Arquibancada do Comercial Futebol Clube em dia de jogo - 1923. In: CAGNO, C. *Ribeirão Preto...* Op. Cit., p.47.



Ilustração 20: Grupo de homens no Clube de Regatas (Fonte - DN, 1935).⁶⁵

Na ilustração “Grupo de homens no Clube de Regatas”, o *Diario de Noticias* flagrou dois momentos de descontração nas dependências do clube: a imagem evidencia, em primeiro plano, os esportistas, sócios e, possivelmente, diretores e funcionários, uns vestidos de terno, outros com trajes comuns.



Ilustração 21: Grupo de mulheres no Clube de Regatas (Fonte - DN, 1935).⁶⁶

Contrariamente à primeira imagem, na foto “Grupo de mulheres no Clube de Regatas”, é destacada a participação das mulheres e das crianças. Pela vestimenta utilizada por elas, nota-se que na década de 1930 a presença feminina passava a ser aceita nos locais de entretenimento e lazer, porém a exibição dos corpos com roupa de banho ou com short ainda não se massificou, pelo contrário, destacam-se os vestidos longos, os quais não marcam o corpo, no máximo mostram cinturas e quadris, mas de forma discreta e não provocativa.⁶⁷

⁶⁵ **Ilustração 20:** Grupo de homens no Clube de Regatas. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 29 de agosto de 1935.

⁶⁶ **Ilustração 21:** Grupo de mulheres no Clube de Regatas. Ibidem.

⁶⁷ Hoje denominado Clube de Regatas, foi fundado oficialmente em 25 de agosto de 1933.

Além do futebol e do remo, tornava-se comum a prática do tênis em quadras particulares; do jogo de bocha, realizado principalmente pelos imigrantes italianos; do atletismo; de corrida em sacos e de bicicleta, entre outras infinidades de esportes subsidiados por associações e escolas.

Entretanto, não apenas de entretenimento, lazer e esporte vivia Ribeirão Preto. Desde o momento em que a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Fluviais instalou seus trilhos na cidade, esta passou a vivenciar transformações em boa parte do cenário urbano e rural. Eugênio de Andrade Egas destaca que na localidade era forte a atividade econômica gerada através dos estabelecimentos:

A Companhia Electro-Metallurgica Brasileira, destinada a transformar em ferro e aço a matéria prima para as indústrias do país, conta o município, entre outras, as seguintes fabricas: 3 de massas alimentícias; 3 de móveis; 1 de balaios; 4 de licores e xaropes; 3 de cerveja; 2 de bolachas; 5 de cadeiras; 2 de camas de ferro; 3 de cigarros; 1 de ladrilhos; 2 de louças de barro; 1 de malas; 1 de perfume; 3 de sabão; 1 de salames; 32 de vassouras. Há também muitas machinas para o beneficiamento do café, arroz e algodão, mas só nas fazendas, mas no arredores da cidade.⁶⁸

Entretanto, com o *crack da Bolsa de Valores de Nova York*, ocorrido em 1929 , em meados de 1930 os pequenos e médios negociantes da cidade sofreram os impactos da crise econômica mundial. Dentre as pessoas jurídicas com forte influência na economia local que perderam capitais com o desastre da Bolsa, destaca-se a Companhia Electro-Metalúrgica,⁶⁹ do empresário Flávio Uchoa, que em face do valor cobrado por maquinários e peças, não conseguiu continuar competindo no mercado nacional e decretou falência em 1931.

Do mesmo modo que a Cia. Metalúrgica sofreu com a crise, é patente que os grandes senhores de café perderam grandes somas de dinheiro. Em primeiro lugar, por conta do volumoso estoque que ficou sem mercado consumidor. Em segundo lugar, porque a crise pôs fim ao modelo político adotado durante a Primeira República, com Getúlio Vargas levado ao poder durante a Revolução de 1930.

Não obstante, a crise de 1929 levou o país a adotar medidas rápidas e eficazes, no intuito de solucionar a questão econômica do mercado interno. Portanto, restou à cidade fortalecer as medidas que já eram adotadas antes do crack. Nisto, o comércio local foi o grande propulsor da economia local, pois além de oferecer vagas de emprego, auxiliou o crescimento interno, gerando capital e lucro para novos investimentos. Realizando prestação de serviços e investindo no desenvolvendo das pequenas e médias usinas de cana-de-açúcar, a

⁶⁸ EGAS, E. A. *Os municípios paulistas*. 2v. São Paulo: Secção de Obras do Estado de São Paulo, 1925, p.1548.

⁶⁹ BACELLAR, C. A. P; BRIOSCHI, L. R. (Orgs.). *Na estrada do Anhanguera... Op. Cit.*, p.189.

cidade pôde sobreviver à grande tempestade econômica, alcançando-se a outros cenários econômicos. Era o tempo da cana-de-açúcar, que invadia as regiões onde, até então, eram plantados os pés de café.

Neste processo de transformação do cenário rural em urbano, surgiram pequenos e médios jornais no início do século XX em diversas cidades brasileiras, não apenas em Ribeirão Preto. Naquela localidade, entretanto, além de surgir de forma artesanal, apareceram devido a forte penetração do pensamento liberal que avançou pelo interior do Estado. Assim, os homens de letras da cidade se autoproclamavam “arautos do liberalismo”, utilizando o espaço do jornal para as mais variadas discussões, fossem ligadas à política nacional, questões educacionais ou comerciais. Surgiram e desapareceram inúmeros jornais que compõem a historiografia local. Mas, para compreendermos suas histórias, deveremos nos ater aos atos operados pelos primeiros formadores de opinião pública da localidade, os quais serão apresentados a seguir.

Capítulo II - Imprensa e Civilidade em Ribeirão Preto

2.1 – No tempo dos prelos

Para compreendermos o processo de formação da imprensa ribeirão-pretana, investigaremos seu surgimento dentro do contexto de desenvolvimento urbano. Em função do crescimento da cidade, impulsionado pelos estrangeiros e auxiliado pela cultura liberal de bacharéis, médicos, engenheiros e empresários, ocorreram mudanças significativas na urbe no final do século XIX até a metade do século XX.

Concomitantemente, em uma época em que a cidade sofria o processo de urbanização, surgia nos trilhos do progresso o fenômeno social da imprensa, que é por essência “uma prática social e cultural constituída e constituinte de modos de viver e de pensar, fundamentando-se, por isso, num importante veículo educativo para a população”.¹ Sobretudo, a imprensa local começou a tentar educar o olhar, o gosto e o desejo dos leitores.

Durante a década de 1880, os jornais que circulavam em Ribeirão Preto eram, em sua grande maioria, trazidos da capital paulista. Dos trens da Companhia Mogiana, desembarcavam, especialmente, *A Província de São Paulo* e o *Correio Paulistano*. Em consonância com os jornais já consolidados, surge na vila uma imprensa artesanal, escrita primeiramente por imigrantes portugueses, italianos e espanhóis que auxiliavam na elaboração de jornais e revistas, os quais eram prensados esporadicamente. Aos poucos, surgem periódicos direcionados aos mais variados públicos. Articulada aos *grandes impressos* de São Paulo e Rio de Janeiro, esta ia florescendo, ganhando cores e formas dentro do Perímetro Urbano.²

O primeiro jornal impresso de Ribeirão Preto foi *A Lucta*, fundado em 1884 pelo imigrante Ramiro Pimentel, que desejava noticiar as transformações ocorridas na sociedade local. Na cidade, Pimentel percebeu que não havia jornais impressos, fato que motivou sua vontade de fazê-lo. O jornalista Will Parisi, da Revista *Lucta*, informa que Pimentel era “descendente de portugueses das ‘Ilhas’, viveu em Areias até a queda do café, mudou-se para São Paulo por um período, mas em 1872, aos 21 anos, resolveu morar em Ribeirão Preto”. Na cidade, “trabalhou em vários cargos, como coletor estadual e agente dos correios. Foi tenente-

¹ CAMPOS, R. D. *Mulheres e crianças na imprensa paulista...* Op. Cit., p.19.

² Cf. SANT’ANA, A. M. *Imprensa, Educação e Sociedade no interior paulista: Ribeirão Preto (1948-1959)*. Dissertação de mestrado em Educação Escolar: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2010.

coronel da Guarda Nacional, vice-presidente da Câmara Municipal entre os anos de 1887 a 1890”.³

Conforme acontecia em outras localidades, alguns imigrantes iam para a lavoura, outros se deslocavam para a área urbana. Segundo relatos dos memorialistas, Ramiro Pimentel já havia passado por São Paulo e percebido as transformações que estavam sendo realizadas, tais como o surgimento das suntuosas lojas de departamentos, confeitarias, butiques, as alfaiatarias, os clubes, o telégrafo, etc. Pimentel ficou entusiasmado ao manusear e visualizar os diversos jornais da Província e, ao mesmo tempo, pôde perceber as possibilidades de anunciar em um único artefato os diversos assuntos do cotidiano. Em 07 de setembro de 1884, lançou *A Lucta*, um semanário repleto de composições poéticas, artigos e charadas.⁴ Como podemos notar nas palavras escritas no primeiro exemplar da *A Lucta*, Pimentel demonstrou confiança e conhecimento das dificuldades do exercício da escrita jornalística, quando disse:

Nas condições as mais precárias, pois, nasce a Lucta. A Lucta será em summa, uma publicação literária, noticiosa e crítica no terreno de boa cortesia. Advogará especialmente em prol dos melhoramentos intellectuais. Si entretanto, por alguma vicissitude, a Lucta não puder subsistir, ficará a glória para seus fundadores que, em tais condições, foram os que primeiro iniciaram a imprensa nesta localidade. E assim a Lucta se exprime ao entrar na vasta arena jornalística.⁵

Naquele universo, para ver o empreendimento crescer era necessário realizar acordos de cordialidades, seja com o poder público, seja com a iniciativa privada. Fruto do capitalismo de compadrio, ser empreendedor neste período era saber agradar a quem queria ser agradado e, principalmente, evitar conflito com o partido que estivesse no poder. Por estar ligado à política local na função de vereador de oposição, Pimentel foi perseguido. Desta forma, o texto de abertura do impresso que dizia de forma irônica que, se a *Lucta* não pudesse existir ficaria a glória para seus fundadores por terem tido a iniciativa de pensar a informação, se concretizou quando o semanário foi proibido de circular na cidade, no mesmo ano de sua criação.

Em 1889, Manuel França criou *O Ribeirão Preto*, um semanário político cuja tipografia se situava na Rua Saldanha Marinho. No entanto, a publicação deste jornal não foi

³ PARISI, W. 125 anos de Jornalismo: Ramiro Pimentel, um homem e um marco para Ribeirão Preto. In: *Lucta. Ribeirão Preto: Litterati Editora Ltda, São Francisco Gráfica e Editora, Outubro, 2009*, p.12.

⁴ CIONE, R. *História de Ribeirão Preto*. v III. Ribeirão Preto: Summa Legis, 1992, p.196.

⁵ *Ibidem*, p.195.

bem sucedida. Por defender o ideário republicano, o jornal foi invadido por um grupo de homens simpatizantes do regime monárquico. Nesta ocasião, a milícia local retirou da oficina o prelo manual e em seguida o equipamento desapareceu subitamente da delegacia, ocasionando o fechamento do jornal. Não obstante, em 1897 Antônio Guimarães tentou reativar a publicação semanal, mas com falta de patrocinadores e descrédito popular, a circulação durou pouco tempo, o que ocasionou o fechamento definitivo do órgão.⁶



Ilustração 01: Juvenal de Sá Macedo, e o semanário *O Reporter* (Fonte – *O Reporter*, 1899; SÁ, Manaia, 1913).⁷

Em 15 de novembro de 1891, Juvenal de Sá Macedo, um carioca vindo de Rezende, fundou o jornal *O Reporter*. O título sugeria que o impresso seria testemunha da notícia, abordando reportagens e críticas necessárias para a informação dos ribeirão-pretanos. Para

⁶ CIONE, R. *História de Ribeirão Preto...* Op Cit., p.198; Cf. *O Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, 21 de Abril de 1898. Neste exemplar, Antonio Guimarães relata como era espinhosa a vida dos jornalistas. Para tanto, escreve um artigo com o título *Injustiça*, descrevendo a prática redatorial, o qual levou a um desentendimento com duas leitoras.

⁷ **Ilustração 01:** Juvenal de Sá Macedo, e o semanário *O Reporter*. **a)** Página central do *O Reporter*. Fonte APHRP. In: *O Reporter*. Ribeirão Preto, 09 de fevereiro de 1899; **b)** Juvenal de Sá Macedo. Fonte APHRP. In: SÁ, Manaia & Cia. *Almanach Illustrado de Ribeirão Preto....* Op. Cit., p.23.

realizar esta façanha, Juvenal contratou diversos profissionais, tais como Alfredo Sodré e Tito de Sá, os quais eram auxiliados por Elpídio Gomes e Braz Arruda. Anos depois, em 1899 este último passa a ser apresentado como proprietário do noticioso. O impresso semanal conquistou grande expressão na localidade, ao seguir o formato gráfico *Standard* editado pelos grandes jornais do período, com as colunas divididas em editorial, crônicas, sonetos, notícias com letras pequenas e algumas propagandas. Assim, modestamente, os jornalistas da localidade começavam a abandonar o estilo dos pasquins, para se dedicarem ao formato informativo.⁸

A ideia de publicar jornais se propagava na localidade. Brasileiros, imigrantes faziam os mais variados usos deste espaço de sociabilidade/visibilidade. Fato é que, no dia 02 de junho de 1892, foi lançado o *Fanfulha*, por Vitaliano Rotellini. No ano de 1896, surgem mais dois jornais escritos e destinados aos imigrantes italianos. O primeiro foi o *La Unione Italiana*, o segundo, o *La Tribuna*. Ambos contestavam a situação sofrida pelos colonos nas fazendas produtoras de café. Foram veiculados aproximadamente até 1897, quando os coronéis conseguiram sufocar o grupo editorial e enviar parte deles para os países de origem.⁹

Nos primeiros anos de República, muitos dos jornais paulistas estavam ligados ao PRP (Partido Republicano Paulista). Em contrapartida, como forma de combater o monopólio da escrita jornalística, as associações trabalhistas, além de defenderem melhores condições de trabalho no campo e na cidade, passaram a criar jornais próprios. Embalados pelo sonho republicano, estes jornalistas e sindicalistas repudiavam as práticas das grandes oligarquias, que eram contra a liberdade da imprensa.

Neste processo de transformação do cenário urbano, começaram a surgir no final do século XIX, em inúmeras cidades brasileiras, os pequenos jornais escritos de forma artesanal

⁸ Cf. CAPELATO, M. H. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989; JACOB, C. B. Jornalismo escrito em Ribeirão Preto: empresas familiares e planejamento sucessório. In: *Matteria Primma. Ribeirão Preto*: Ed. Faculdades COC, 2008. v.2, n.2, p.124; SANT'ANA, A. M. *Imprensa, Educação e Sociedade no interior paulista...* Op. Cit., p.24; *O Reporter*. Ribeirão Preto, 09 de fevereiro de 1899; O formato Standard na tipografia aproveita uma área de impressão de 56 por 32 centímetros.

⁹ Entre 1892 a 1914, por conta da imigração italiana destinada aos cafezais, foram publicados diversos jornais impressos e destinados aos italianos, tais como, *Il Corriere Italiano*, *L'Eco Italiano*, *Il Messagero*, *Lo Scudiscio*, e por fim, *La Voce degli Italiani*, editado em 1914. Além dos impresso direcionados aos italianos também eram editados jornais que atendiam aos temas nacionais a exemplo citamos, *A União*, *O Intransigente*, *O Município*, *Jornal dos Lavradores*, *O Commercio* e *Aurora*, todos estes eram semanários que tiveram curta duração. Contudo, estes semanários, não deixaram vestígios de suas existências, assim, como os jornais *São Paulo* e *Minas*, *Jornal d' Oeste e Diario d' Oeste*, que não se mantiveram no mercado; Cf. CIONE, R. *História de Ribeirão Preto...* Op Cit., p.191-253; A FBN (Fundação Biblioteca Nacional) tem catalogado e micro filmado os seguintes periódicos de Ribeirão Preto: *A Lucta* (1884), *O Ribeirão Preto* (1891), *Folha do Povo* (1892), *A Petala* (1896), *A Tagarella* (1897), *A Tribuna e A Mocidade* (1898), *Lo Scudiscio* (1899), *Jornal de Notícias* e *O Jornal* (1902), *A Cidade* (1905), *O Trabalho* (1910).

que muitas vezes eram editados e prensados nas próprias residências dos tipógrafos. Tais fatos não eram exclusivos de Ribeirão Preto, pois além de os jornais surgirem de forma manual, estes também eram impulsionados pelas realizações urbanas propagadas no interior paulista. Nesta dinâmica, passaram a manifestar as teorias liberais que se disseminavam entre os letreados do país, os quais utilizavam os impressos como meio de divulgar suas ideias e, ao mesmo tempo, como espaço de excelência para cativar o público leitor a aderir aos seus projetos. Conforme salienta Raquel Discini: “Os jornais consolidavam-se como espelhos do grupo social em pauta”.¹⁰ Portanto, a imprensa almejava disseminar, por intermédio das letras e da intervenção no espaço público as ideias dos grupos de homens que detinham o poder da palavra escrita.

Utilizando o termo geográfico, em 15 de fevereiro de 1897, Juvenal de Sá Macedo lançou *O Jornal do Oeste*, que foi o primeiro impresso da localidade a usar caricaturas gravadas nas próprias litografias. Porém, o jornal teve pouca duração, pois o serviço era cansativo e dispendioso para os padrões de impressão existentes na cidade na época. Não obstante, em 01 de junho de 1898, Macedo funda o *Diario da Manhã*, na Rua Amador Bueno nº 17. Em 1906, o comando foi passado para Osório Corrêa, que no ano de 1909, o vende a Sosthenes Gomes.¹¹

O *Diario da Manhã* foi o primeiro jornal local a extrapolar a região de Ribeirão Preto. Com auxílio das locomotivas, ele pode chegar às diversas localidades, tais como Barretos, Bebedouro, Pitangueiras, Orlândia, São José do Rio Pardo, Casa Branca e Mococa. Nos primeiros anos de existência do matutino, seu editorial pregava a defesa do interesse pátrio e do progresso local.¹² Com alto capital e influência política, foi pioneiro na modernização de suas máquinas, selecionava os jornalistas, comentaristas, tipógrafos e redatores que preparavam as matérias, as crônicas, as reportagens, as entrevistas, os comentários, as análises e as propagandas, os quais passavam pela mão do diretor que selecionava o que e como deveriam ser publicados, separando as matérias em “quentes”, quando os fatos eram urgentes, e “frias”, quando o assunto poderia esperar para ser noticiado.

¹⁰ CAMPOS, R. D. Homens Letrados e imprensa da Araquarence. In: FERREIRA, A. C.; MAHL, M. L. (Org.). *Letras e Identidades: São Paulo no século XX, Capital e interior*. São Paulo: Annablume, 2008, p.138; Cf. CAMPOS, R. D. *Mulheres e crianças na imprensa paulista, 1920-1940: educação e história*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.171-208.

¹¹ CIONE, R. *História de Ribeirão Preto...* Op. Cit., p.200.

¹² Segundo o impresso, seus exemplares chegavam a diversas localidades. Entretanto, tal afirmação pode ser verdade ou, simplesmente uma forma de vender mais exemplares na cidade de Ribeirão Preto. *Diario da Manha*. Ribeirão Preto 25 de maio de 1939; Cf. SANTOS, P. T. *Ribeirão Preto histórico e para a história*. Ribeirão Preto: s/ed., 1948.



Ilustração 02: *Diario da Manhã* e os políticos da localidade (Fonte – DM, 1939; CIONE, R. 1987).¹³

A maioria dos jornais da cidade não ficava muito tempo nas mãos de um único proprietário, em diversos momentos, os órgãos eram repassados a outras pessoas. Alguns chegaram a readquirir seus antigos impressos no intuito de retornar com nova força.

A fim de modernizar e agilizar a publicação diária de jornais, em 6 de dezembro de 1939 o *Diario da Manhã* inaugurou as primeiras máquinas de linotipos da localidade. Com este investimento, o impresso não apenas ampliava suas publicações, como também exibia à sociedade ribeirão-pretana e aos demais periódicos o seu poder econômico.

¹³ **Ilustração 02:** *Diario da Manhã* e os políticos da localidade. **a)** Capa central do *Diario da Manhã*. Fonte APHRP. In: *Diario da Manhã*. Ribeirão Preto, 06 de dezembro de 1939; **b)** Costáble Romano. In: CIONE, R. *História de Ribeirão Preto...* Op. Cit., p.203.



Ilustração 03: Inauguração da linotipo do jornal *Diario da Manhã* (CIONE, R. 1992).¹⁴

Entretanto, este mesmo matutino, no final da década de 1920, já liderava o número de assinantes e de venda de exemplares diários e, nos primeiros anos de 1930, o jornalista Costábile Romano - que na ocasião era o diretor-gerente - realizou profundas alterações nas oficinas. Convenceu Sosthenes Gomes a adquirir uma máquina de prensa rotativa ligada a um motor a vapor modelo *Eleozet*, francesa, que imprimia duas páginas por vez e 200 folhas por hora. Neste período, a tiragem diária era de aproximadamente de 1000 a 1500 exemplares de seis folhas. Para se conseguir isto, a impressão se iniciava geralmente após as 24 horas e os exemplares eram postos em circulação a partir das 5 horas.¹⁵

Antes da inauguração das máquinas de linotipos do *Diario da Manhã*, a imprensa local basicamente utilizava o trabalho de composição manual de tipos de madeira que formava

¹⁴ **Ilustração 03:** Inauguração da linotipo do jornal *Diario da Manhã*, com o ceremonial. À direita vestido de terno escuro se vê Franchini Netto, e à esquerda, de terno branco, o jornalista Costábile Romano. In: CIONE, R. *História de Ribeirão Preto...* Op. Cit., p.205; Na ocasião, José Maria Lisboa Junior presidente da API – Associação Paulista de Imprensa compareceu juntamente com diversos jornalistas de São Paulo e da região da Alta Mogiana. Além do *Diario da Manhã* publicar uma folha especial em comemoração à inauguração das maquinas de compor, foi realizado um ato solene ao qual compareceram diversas autoridades locais incluindo o padre Leopoldino Fernandes, que realizou uma missa abençoando o local de trabalho. Também estiveram presente Franchini Netto, representando o interventor do Estado de São Paulo Adhemar de Barros. Na ocasião o diretor Costábile Romano nomeou uma das maquinas de linotipos de “Adhemar de Barros”. A segunda de “Juvenal de Sá” o patrono do matutino. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 07 de dezembro de 1939.

¹⁵ *Processo Crime de Extorsão*. Ribeirão Preto, 29 de novembro de 1933. Caixa 275A., do 1º Ofício Cível, p.51-52. Fundo: APHRP - Arquivo Público Histórico de Ribeirão Preto; Na redação, a primeira etapa para produzir a notícia era selecionar as informações trazidas pelos repórteres. Após a seleção, o texto era digitado na linotipo por um operador que utilizava um teclado semelhante ao de uma máquina de escrever. Ao digitar no teclado da linotipo, era formado o texto, linha após linha, com letras fundidas em chumbo.

letras, as colunas e todo o corpo do texto. Para realizar a impressão, alguns jornais, tais como *A Cidade*, *A Tarde* e *o Diario de Noticias* utilizavam a prensa rotativa. Outros, de menor poder econômico, tinham que se valer das prensas manuais. Para realizar o trabalho de composição eram contratados e disputados os melhores tipógrafos, que realizavam trabalhos técnicos manuais imprescindíveis. Segundo o modelo adotado pelo *Diario da Manhã*, os jornais locais foram trocando as velhas prensas manuais pelas modernas linotipos e prensas rotativas. Com as novas máquinas, o número de exemplares publicados por dia aumentou significativamente, ampliando-se assim o público leitor.¹⁶

Na ânsia de divulgar todas as informações que ocorriam em Ribeirão Preto, alguns redatores foram obstinados ao propor a liberdade da notícia. Outros, porém, permaneceram vinculados aos antigos políticos locais. Contudo, um novo tipo de leitor se desenhava na cidade, garimpeiro de novas ideias: o intelectual, o imigrante, a educadora, o religioso, o comerciante e tantas outras figuras urbanas que assim como os jornais locais, iam se diversificando.

2.2 – O fortalecimento da imprensa/empresa

Incorporando o ritmo da cidade, os jornais iam inovando os clichês e os *fac-símiles*. Ao mesmo tempo, aumentava-se o número de pessoas que desejavam escrever, fossem em jornais e/ou revistas. Escrever na imprensa passava a significar uma distinção para os moradores da cidade.

A publicação do primeiro volume não era sinal de que o jornal seria mantido, pois repentinamente aparecia e subitamente desaparecia uma infinidade de impressos. Prova disso foi o rápido surgimento do *Jornal de Notícias*, fundado por Armando Novaes, em 1902, com a proposta de ser um diário matutino, que chegou a ter uma sede na Rua Duque de Caxias, nº 94, com uma prensa rotativa. Entretanto, para manter-se a impressão tipográfica, não bastava a iniciativa ter bons equipamentos. Antes, era necessário cativar o público leitor, criando-se assim, um círculo de cumplicidade entre redatores e leitores.

Seguindo o ritmo da cidade, os jornais começaram a se apropriar das composições que caracterizavam as identidades urbanas, em especial, os fatos consagrados, as sátiras e os

¹⁶ No dia 01 de julho de 1990, o *Diario da Manhã* se despede da população de Ribeirão Preto rodando o último exemplar; a redação e as oficinas foram fechadas; em seguida, o maquinário foi transportado para o Parque Recreativo dos Gráficos da cidade. Cf. CIONE, R. *História de Ribeirão Preto...* Op Cit., p.204-208.

personagens históricos. Era comum relacionar o nome do impresso a um fato de fácil compreensão e memorização. Observando a temática de diversão, arte e ciência, surge, em 1903, o jornal *O Sorriso*, dirigido por Antônio Guimarães, ex-sócio de Manuel França, este, proprietário do *O Ribeirão Preto*. No entanto, mesmo utilizando um nome de fácil compreensão, o jornal não apenas foi fadado ao fracasso - como o antigo impresso - como também foi o primeiro a causar polêmica por motivo de crime, pois assassinaram seu fundador.¹⁷

Em 1904, João Moura fez uma terceira tentativa para reativar as linhas editoriais de Manuel França e Antônio Guimarães. Para tanto, fundou nesse ano a segunda versão do jornal *O Ribeirão Preto*. Porém, Guimarães escreveu diversas críticas aos políticos locais, as quais não foram perdoadas: João Moura foi assassinado a pauladas quando retornava para sua residência, no dia 20 de maio de 1905.¹⁸ O historiador Janes Jorge, em sua dissertação de mestrado *O Crime de Cravinhos*, mostra que o semanário paulistano *Arara* noticiou o caso em 27 de maio de 1905 e que Moura tinha sido avisado quanto ao perigo de falar sobre pessoas influentes da localidade:

O assassinio do jornalista João Moura, em Ribeirão Preto, não emocionou, lá para que digamos, a opinião pública nem as autoridades da Capital do Estado.

Passou quase despercebido esse ato que, pelas circunstâncias de requintada selvageria de que se revestiu, não tem uma única atenuante em favor dos mandatários, se é que um mandatário pode achar uma desculpa de sua covardia.

Analizando os feitos desses régulos caricatos, que são as autoridades policiais do interior do Estado, o infeliz jornalista lavrou sua sentença de morte. Ele fora avisado do risco que corria, exacerbando o temperamento bilioso dos tiranetes, almas bondosas tinham-no prevenido de que não era prudente a crítica, pela ineficácia de corrigir-se o criticado. Demais, o jornalista devia saber quais os processos em uso por esse sertão a dentro; quando se trata de criminosos, que andam a monte, há sempre uma bala pronta para os liquidar, numa espera traíçoeira, numa tocaia providencial.

Para os outros criminosos, para aqueles que encorrem nas iras dos potentados, há o linchamento. Umas vezes, vão arranca-los as cadeias pela calada da noite; outras vezes, agarram-nos em pleno dia, regam-nos de querosene e assam-nos na praça pública.

Aqui e acolá, porque a variedade o exige, contentam-se em mandar esperar a vítima à esquina de uma rua por quatro valentes caceteiros que o reduzem a uma massa informe. E tal foi o processo por que se desfizeram, em Ribeirão Preto, do jornalista João Moura.¹⁹

¹⁷ GUIÃO, J. R. *O Município e a cidade de Ribeirão Preto (1822-1922)*. Ribeirão Preto: Livro comemorativo do 1º Centenário da Independência Nacional, 1923, p.60.

¹⁸ CIONE, R. *História de Ribeirão Preto...* Op Cit., p.199.

¹⁹ Arara. São Paulo, 27 de maio de 1905. In: JORGE, J. *O crime de Cravinhos: oligarquia e sociedade em São Paulo 1920-1924*. Dissertação de Mestrado em História Social, São Paulo: FFLCH - USP, 1998, p.38-39.

Ainda que a cidade estivesse vivenciando as transformações propagadas pela urbanização, as relações sociais se davam pela lógica do *homem cordial*, que tinha deixado o universo rural e entrado no espaço citadino. Na localidade, o poder se concentrava nas mãos dos coronéis, tenentes-coronéis e maiores, que representavam no contexto a supremacia econômica e política. Escrever notas que desagradassesem a estes personagens ou a seus aliados políticos era temerário. Fato é que o assassinato de João Moura não causou nenhuma comoção social, e, mais ainda, não foram encontrados os envolvidos no crime. Deste fato, restaram apenas especulações sobre o que motivara a atrocidade, ou seja, a própria imprensa mostrava que o jornalista sentenciara sua morte ao criticar pessoas influentes. Este caso, em que a desavença foi resolvida por meio da força e não da justiça, não foi o único em Ribeirão Preto.²⁰

Portanto, mesmo sendo aquele um momento de inovação, com a idealização do ensino e dos bons modos instituída pelo governo republicano, ainda pairava na cidade o uso da violência e da brutalidade para resolver problemas pessoais. Assim, o aroma adocicado do fruto do café trazia à localidade o seu gosto amargo, quando os jornalistas noticiavam questões indesejáveis a determinados grupos. A este respeito, Maria Helena Capelato enfatiza que a interpretação dos discursos “expressos nos jornais permitem acompanhar o movimento das ideias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social”²¹.

Em um ritmo acelerado, as mudanças ocorridas no cenário urbano começavam a ser percebidas nos anúncios dos jornais, que proclamavam as manifestações de sociabilidade a partir das transformações e das construções dos símbolos de progresso. Em tom jocoso e cheio de notícias políticas, estes iam paulatinamente, formando grupos de leitores. Porém, a falta de leis para regular e proteger o trabalho jornalístico acabou favorecendo a agressão física contra proprietários e redatores que buscavam propagar a informação. Portanto, a violência e o uso da força acompanharam o processo de civilização e urbanização na localidade. O homem urbano acreditava-se moderno ao incorporar os avanços tecnológicos a

²⁰ Outro fato que chocou a cidade foi o “Crime do Espraiado”, do qual uma cafeicultora foi acusada de ser a mandante do assassinato do genro. Cf. MELLO, R. C. *Um “coronel de saias” no interior paulista: a “rainha do café”...* Op. Cit. p.161-162; Cf. JORGE, J. A vida turbulenta na Capital D’ Oeste: Ribeirão Preto, 1880-1920. *História & Perspectivas*. (UFU), Uberlândia, v.1 n29 e 30, 2003, p.129-157.

²¹ CAPELATO, M. H. R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto - Coleção Repensando a História, 1988, p.34.

sua vida; entretanto, as elites controlavam os poderes públicos, ditando o modelo econômico e a política do município.²²

Mesmo com dificuldades, estava sendo propagado no interior o processo de mudanças nas relações sociais realizadas por meio do ensino, do trabalho, da política, dos padrões de vestimentas, etc. Neste intuito, os símbolos regionais deveriam reforçar o sentimento nacional comum e também colaborar na condução dos ideais desejados pelos homens letRADOS. Na tentativa de forjar uma identidade, os paulistas letRADOS recriaram o “*mrito dos bandeirantes*”,²³ no intuito de construir um sentimento que poderia ligar todos os paulistas. Assim, obras foram escritas com o propósito de enaltecer os atos dos bandeirantes. Do mesmo modo, foram abertas em seu nome estradas, escolas, monumentos e praças. Foram criadas memórias que representavam o “*espírito*” do paulista desbravador, gigante, leal, corajoso e independente.

Foi com este anseio de construção simbólica do paulista que os políticos de Ribeirão Preto, juntamente com os homens letRADOS, tentaram forjar um sentimento cívico local. Para representar suas ideias, estes cunharam um ramalhete de café, em alusão ao fruto *Bourbon* e à qualidade da terra roxa, cuja imagem era reproduzida em obras (livros, documentos oficiais) e nos monumentos arquitetônicos da cidade.

²² Fato é que a formação da imprensa brasileira é marcada por conflitos que envolveram interesses pessoais, políticos e principalmente sobre a informação. Portanto: “a pequena imprensa de oposição tem presença, mas não se consolida. Até a proclamação – da República manterá o seu caráter contestador e revolucionário, atuando em quase todas as províncias”. BAHIA, B. J. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ática, 2009, p.68; Neste período começam a proliferar no Brasil, as transformações dos serviços de informação, seja da imprensa, das agências de correios e telégrafos e das agências bancárias. Tais, informações atendiam a uma demanda de avidez pela informação rápida, a qual facilitava as decisões econômicas e também trazia a imagem dos fatos imediatos. Sob esta ótica, Peter Burke enfatiza que: “A proliferação dos serviços de informação nas primeiras cidades modernas foi em parte um efeito da divisão urbana do trabalho e em parte uma reação à crescente demanda por informação, ela mesma uma reação à desorientação gerada por se viver numa das maiores cidades da Europa. Essas cidades começavam a produzir volumes crescentes de informação sobre si mesmas”. BURKE, P. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.69.

²³ QUEIROZ, M. I. P. *Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário*. Revista da USP, n.13, 1992. p.79; Cf. MOTA, C. G. *São Paulo: exercício da memória*. Estudos Avançados, v. 17, n.48. 2003, p.241-263.



Ilustração 04: Ramo de café. Fonte APHRP (BOTELHO JUNIOR, M. 1911; SILVA, C. Desenho de um ramo de café frutificado - Cafeiro (Coffee Arabica). Directoria Geral de Estatística, 1908. Apud SILVA, A.; ROSA, L. R. O.; SILVA, M. C. C; REGISTRO, T. C. Filhos do Café. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010, p.8).

Os símbolos servem para identificar a construção da memória coletiva e também são utilizados para forjar determinadas representações. Estes podem ser construídos tanto pela religião quanto pela política, pois possibilitam com suas imagens representar a ideologia de determinados grupos. Tais representações são também a materialização de algo idealizado. Exemplos destas construções simbólicas foram estudados por José Murilo de Carvalho, na obra *A Formação das Almas*, na qual o autor enfatiza que a construção simbólica é operada no nosso cotidiano e nas mais diversas esferas, por meio dos monumentos, das bandeiras, hinos,

e das mais diversas expressões artísticas.²⁴ Assim, o símbolo serve para legitimar a atuação e as práticas de determinados personagens históricos. Nestas alegorias, aproveitam-se ao máximo os mitos e as lendas, a fim de construir uma imagem social comum à sociedade que o símbolo pretende representar.

Não obstante, o advogado Enéas Ferreira da Silva e Durval Vieira de Souza fundam, em 01 de janeiro de 1905, um jornal com a linguagem que remete ao espaço urbano; nesta data, começou a circular no comércio de Ribeirão Preto, tal como na *Casa José Selles*, a primeira edição do jornal matutino *A Cidade*. Sua sede se localizava à Rua Álvares Cabral, de frente à praça XV de Novembro. Nesta ocasião, o jornal era impresso em máquina tipográfica Heidelberg Minerva, que imprimia uma folha por vez no formato germânia.²⁵

Na primeira edição do matutino, o redator informou em primeira capa a linha editorial e seu compromisso com os leitores e os poderes locais:

Traçar, com sinceridade e firmeza, as linhas de apresentação de um jornal, não é trabalho de pesadas reflexões, mas demanda a precisão no dizer, capaz de afugentar o enfastiamento dos que nos leem.

A Cidade aparece, pois, alentando as melhores esperanças de servir a causa publica; e conforta nos sobremodo, o apoio entusiasta com que foi, geralmente, acolhida, desde logo, a nossa idéia.

Ao lado das classes productoras do município, pugnaremos pelo maior desenvolvimento da Lavoura, do Commercio e da Industria, fazendo valer os seus direitos e as suas justas pretensões, discutindo os problemas que interessam à sua própria vitalidade convencidos de que trabalharemos, assim, pela conquista da nossa grandeza futura.

Procurando estimular o culto das artes e das letras – sublimes manifestações do espírito civilizado, não faremos mais do que resurgir este amortecido, mas poderoso elemento, e de vários aspectos que o nosso meio possue.

Em matéria de crenças religiosas, bateremos pelo respeito a todos os credos moralizadores, guardando, carinhosamente, o tesouro da mais elevada conquista da civilização, obtido pelos nossos maiores n'um baptismo de sangue.

Em política. Ella se empenhará pela verdade da política prática, colaborando com aquelles que, desinteressadamente, no intuito nobilitante de elevar o nosso município, dotando-o de melhoramentos materiaes e Moraes a que tem direito, dirigem os seus destinos e tem de promover a sua sabia administração.

Confiamos, entretanto, no valor dessa população operosa e civilizada, e esperamos que nossos exforços serão coroados do melhor êxito.²⁶

²⁴ Cf. CIRLOT, J. E. *Dicionário de símbolos*. Tradução Rubens Eduardo Ferreira Frias, São Paulo: Centauro, 2005; Cf. CARVALHO, J. M. *A Formação das Almas: o Imaginário da República*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

²⁵ A *Casa José Selles* era a agência de venda de jornais, livros, revistas e artigos escolares. *A Cidade 106 Anos*. In: *A Cidade*. Ribeirão Preto, 30 de janeiro de 2011, p.2; O formato germânia aproveitava uma área de impressão de 36 por 50 centímetros; Cf. MIRANDA, J. P. *Ribeirão Preto de Ontem e de Hoje*. Ribeirão Preto: El Dorado, 1971.

²⁶ *A Cidade*. Ribeirão Preto, 01 de janeiro de 1905.

Para atender ao número crescente de assinantes, o jornal teve que ampliar suas instalações, inaugurando no dia 04 de novembro de 1907 uma nova oficina com espaço adequado para a redação, a qual foi transferida para a Rua General Osório, nº 888. Após cinco anos exercendo a profissão de jornalista, em 23 de janeiro de 1910, Enéas Silva vende o jornal para Rodolpho de Paiva Guimarães que, em 20 de outubro de 1911, o alienou a sigla S/A (Sociedade Anônima). Nesta fase, o periódico ficou sob o comando do coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, o qual, em 1916, transfere a sede jornalística e todo o maquinário para a Rua São Sebastião, local este em que permaneceu realizando suas atividades na imprensa diária de Ribeirão Preto. Contudo, Junqueira, ou Quinzinho, como era conhecido na região, vendeu o jornal em 1º de janeiro de 1923 a Renato Barillari e Francisco Augusto Nunes. Tempos depois, os novos proprietários convidaram o professor Sebastião Fernandes Palma para assumir o cargo de diretor.²⁷

Se, por um lado o *Diario da Manhã* atendia às vontades políticas dos membros ligados a Francisco Schimidt, por outro, *A Cidade* representava os interesses dos grupos políticos liderados pelo fazendeiro Joaquim da Cunha Diniz. Interessante notar que ambos eram ligados ao PRP, entretanto, disputavam internamente o poder de representar o partido na região de Ribeirão Preto. Portanto, nesse período, a política local era marcada pela atuação dos coronéis, os quais controlavam as instituições públicas e privadas. Seja no campo ou na cidade, o poder estava nas mãos destes homens que detinham altíssimo prestígio econômico e político, o que lhes possibilitava comprar e/ou fechar jornais, revistas, almanaque, sempre de acordo com seus interesses. Assim, tais personagens acabaram dominando - quando não, manipulando - a imprensa, que se mantinha sob seus frequentes cuidados.²⁸

Durante a década de 1920, mostrando que sua marca já estava de certo modo consolidada pelos leitores, o jornal *A Cidade* introduziu, no dia 10 de julho de 1925, uma nova diagramação; para tanto, ampliou o formato, que foi “o maior de toda a história do jornal. De 36 x 50 cm, muda para 45 x 62 cm. Outras novidades são uma coluna social e a primeira colunista mulher, Maria Célia, que assina a *Chronica da Moda*”.²⁹ Neste período, a participação feminina começa a ser identificada em diversas frentes da sociedade. Mesmo que de forma lenta, as mulheres passaram a ser percebidas nos balcões dos caixas e/ou na escrita

²⁷ *A Cidade 106 Anos*. Op. Cit., p.3-6.

²⁸ No início dos anos de 1920, Francisco Schimidt muda para a capital paulista; este fato motivou Joaquim da Cunha Diniz Junqueira a vender o jornal *A Cidade*, pois a localidade não tinha adversários políticos compatíveis ao poder de Quinzinho.

²⁹ *A Cidade 106 Anos...* Op. Cit., p.7.

literária e jornalística, que antes eram de exclusividade masculina. Para tanto, suas posições passaram a ser visíveis, fossem pelas crônicas ou, principalmente, pelas receitas culinárias, que invadiram os diversos impressos.

A composição redatorial do jornal *A Cidade* começava por volta das 12 horas e ia até às 21 horas, quando, geralmente, chegava à redação o último telegrama do dia. Realizadas as etapas preliminares, era ligada a máquina rotativa, que iniciava sua operação aproximadamente entre 24 e 1 hora. Eram impressas primeiramente as duas páginas centrais, ou seja, a terceira e a quarta folhas; na segunda etapa, passavam pela rotativa a primeira, a segunda e a sexta laudas. Nesta fase, a máquina rodava em média 800 páginas por hora. O serviço final terminava por volta das 5 horas, quando havia aproximadamente 1200 exemplares finalizados para serem distribuídos.³⁰



Ilustração 05: Empastelamento do jornal *A Cidade* em outubro de 1930 (TORNATORE, N. A *Cidade 100 Anos Fazendo História*. Ribeirão Preto: São Francisco/A Cidade, 2005, p.39).

Entretanto, em 30 de outubro de 1930, após a ascensão de Getúlio Vargas, uma onda popular pró-getulista e contra o PRP invade a oficina da casa das máquinas do jornal *A Cidade*. Os manifestantes ligaram a impressora e lançaram pedras na Marinoni, que ficou completamente destruída; em seguida, retiraram as coleções que ficavam nas prateleiras, colocaram-nas no meio da Rua São Sebastião e atearam fogo em 25 anos de história. Pouco tempo após o empastelamento, o diretor Renato Barillari, com graves problemas de saúde, transfere a administração a seu irmão Mário Barillari. Este continuou repartindo o comando com João Palma Guião, que iniciou os trabalhos em meados de 1930. Todavia, no dia 4 de

³⁰ Processo Crime de Extorsão... Op. Cit. p.52-53.

agosto de 1935, Orestes Lopes de Camargo assume o cargo de gerente comercial do jornal. Em seguida, em 22 de outubro de 1936, Camargo compra definitivamente o impresso por 15 contos de réis.³¹

³¹ “Em 30 de outubro de 1930 chega a notícia da vitória da Revolução Vargas. Estava amanhecendo na garagem da estação ferroviária da Mogiana, na avenida Jerônimo Gonçalves, quando um trem cheio de jovens ribeirão-pretanos (chamados para a luta que não houve) retorna de São Paulo com a notícia. O clima, principalmente entre os familiares dos reservistas, é de euforia. Não demoram os primeiros gritos de ‘Viva a Revolução!’. Em poucos minutos, uma passeata espontânea surge. À frente, uma professora, Evangelina Passig, enrolada em uma bandeira nacional. A manifestação sobe pela rua General Osório e vai até a rua Duque de Caxias, para o casarão do prefeito Camilo de Mattos. Em seguida, a passeata se dirigiu à rua São Sebastião, onde ficava (e está até hoje) a sede do *A Cidade*, que apoiava abertamente o governo deposto”. *A Cidade* 106 Anos... Op. Cit., p.12; *Empastelamento* era uma prática utilizada para silenciar a imprensa opositora ao governo vigente e/ou inviabilizar publicações que incomodavam determinados grupos; Em pleno momento de agitações impulsionadas pela *Revolução de 1930*, em 14 de novembro Fernando de Castella Simões funda o jornal *A Revolução* que era um órgão oficial da *Legião Revolucionaria de Ribeirão Preto*, seus redatores eram João Gonçalves Vianna e Antônio Alves Passig. Na sua primeira edição, Castella Simões salientou que durante o processo revolucionário realizado por Getúlio Vargas os moradores locais não comemoraram a vitória getulista como aconteceu em outras partes do país, pois, os comícios que convocavam as pessoas para prestigiar as palavras de defesa do novo projeto de governo foram todas impossibilitadas de acontecerem, pois, às autoridades locais alegavam aos organizadores que não havia segurança na cidade e alguns partidários do PRP estavam com os ânimos exaltados, deste modo, por desconhecerem o projeto revolucionário, a população não apoiou os encontros. Por outro lado, era forte a exaltação a política do PRP, assim, na cidade o apoio à revolução ficou restrito aos seus partidários, que por sua vez exaltavam 24 de outubro (data da deposição de Washington Luiz) como o momento final da vitória da vontade da nação brasileira de restaurar o ambiente social e político em todo o país. Cabe aqui salientar que após a vitória de Vargas a Câmara e Prefeitura municipal foram dissolvidas e foi governada temporariamente por uma junta militar, em seguida os chefes estaduais e os prefeitos passaram a ser nomeados pelos interventores. . Cf. *A Revolução*. Ribeirão Preto, 14 de novembro de 1930.



Ilustração 06: Os fundadores do jornal *A Cidade* (Fontes – *A Cidade*, de 1938; TORNATORE, N. 2005; DN, 1934).³²

Para quitar a dívida do jornal, Lopes pagou uma parte no valor de 10 contos à vista e o restante foi parcelado em prestações mensais de 500 mil réis. Para honrar o pagamento, o jornalista procurou novos assinantes e colaboradores que compravam um espaço para as propagandas. Além disso, uma novidade instituída imediatamente por Camargo foi à adoção de anúncios por telefone, o que auxiliou o jornal a alcançar a uma vasta região para além da cidade. Após a efetivação da compra do matutino, no mesmo ano da aquisição, o jornalista, redator e proprietário Orestes Lopes iniciou o projeto de modernização no formato do impresso. A modificação foi concretizada em 1º de janeiro de 1937, quando Lopes entra em cena e mostra aos assinantes e colaboradores a nova imagem do *A Cidade*. Para tanto, colocou sua própria foto em primeira capa, felicitando a sociedade ribeirão-pretana pelo novo ano que se iniciava. Ao mesmo tempo, o gesto representava a vontade do proprietário de conduzir o jornal a seu modo.³³

³² **Ilustração 06:** Os fundadores do jornal *A Cidade*. a) Página central do *A Cidade*. In: *A Cidade*, Ribeirão Preto 28 de novembro de 1938; b) Enéas Ferreira da Silva. In: TORNATORE, N. *A Cidade 100 Anos Fazendo História...* Op. Cit., p.10; c) Renato Barillari. In. Ibidem, p.26; d) Orestes Lopes de Camargo. In: *Diario de Noticias*. Ribeirao Preto, 22 de fevereiro de 1934; e) Maria Casagrande Lopes. In: *A Cidade 106 Anos...* Op. Cit., p.26.

³³ Durante um ano, Orestes Lopes de Camargo exerceu o cargo de gerente no jornal *Diario de Notícias*. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 1933 a 1934. Cf. *Processo Crime de Extorsão...* Op. Cit. p.16-17; Na década

Segundo relatos dos memorialistas, surgia um novo momento na história do *A Cidade*, que teria particularidades em relação aos outros impressos locais. Enquanto os demais tiveram um comando formado por empresários, políticos e sócios, Lopes teve ao seu lado a família, que o auxiliava no local de trabalho pela constante atuação de sua esposa, Maria Casagrande Lopes, na recepção do matutino, e pelo auxílio de seus filhos: Jandyra de Camargo, Jurandyr Lopes de Camargo (que faleceu precocemente, com 17 anos) e Juracy Lopes de Camargo, os quais, sempre após os estudos, iam à redação aprender o ofício familiar. Além disso, os jovens ajudavam os pais na entrega das publicações nas residências, no comércio e realizando atendimento ao público.³⁴

Além dos impressos que eram dirigidos a um grande público, no mesmo ano em que foi inaugurado o *Ginásio do Estado*, ou seja, em 1907, foi fundado *A Palavra*, primeiro jornal estudantil de que se tem notícia na cidade. A princípio, o periódico pretendia difundir as atividades do grêmio estudantil *Centro Culto à Ciência*. Em suas páginas abordava-se principalmente o culto à ciência e ao patriotismo, além de serem divulgadas diversas informações sobre a cidade e o cotidiano escolar. Dentre as colunas, destacavam-se os contos românticos, as crônicas, as poesias, criações literárias, etc. *A Palavra* circulou até aproximadamente 1912, mas não teve uma sequência ordenada. Idealmente, os jovens que atuavam nos espaços ligados a letras, oratória e atividades físicas estavam se preparando para serem os futuros dirigentes do país, realizando, assim, o sonho da nascente classe média, que procurava ilustrar-se por meio da realização de cursos de direito, medicina e engenharia. Às moças eram ofertados os cursos de normalista, para seguirem ensinando às crianças.³⁵

de 1920, Orestes Lopes e sua esposa, Maria Casagrande, abriram um pensionato; além de disponibilizar aposentos, para complementar a renda Maria vendia marmitas na pensão, enquanto Lopes realizava o trabalho de guarda-livros (como eram chamados os contadores). Em 1928, Lopes abre um escritório de despachante no centro da cidade. In: TORNATORE, N. *A Cidade 100 Anos...* Op. Cit., p.85-86; Em 28 de março de 1937, no primeiro ano da nova direção, *A Cidade* estampava em primeira página o falecimento do antigo proprietário, Renato Barillari; o fato não apenas comoveu a equipe do jornal como também repercutiu na sociedade, que enviou diversas mensagens de conforto à família do finado e ao matutino.

³⁴ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 05 de junho de 1940; Cf. TORNATORE, N. *A Cidade 100 Anos Fazendo História...* Op. Cit., p.86; No dia 15 de janeiro de 1984, faleceu, aos 82 anos, Maria Casagrande Lopes; Orestes Lopes de Camargo faleceu aos 93 anos de idade, no dia 2 de abril de 1993, após 57 anos de dedicação ao jornal. Não obstante, seus filhos Juracy Lopes de Camargo e Jandyra de Camargo assumiram o negócio familiar. Em 29 de junho de 2002, faleceu o jornalista e editor Juracy Lopes de Camargo. Contudo, no ano de 2006 *A Cidade* oficializou a parceria com o *Grupo Coutinho Nogueira*, proprietários da EPTV, afiliada à *Rede Globo de Tele comunicação*. Três anos após a união dos grupos, morre Jandyra de Camargo Moquenco, em 5 de agosto de 2009. Os herdeiros da família Camargo, juntamente com Antonio Carlos Coutinho Nogueira e José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho, integram o Conselho de Administração do jornal. Entretanto, no dia 15 de maio de 2012 a empresa MIMP - Mídia Impressa ligada à EPTV assume o controle acionário total do jornal, adquirindo mais 50% das ações do impresso. In: *A Cidade*. Ribeirão Preto 15 de maio de 2012.

³⁵ Cf. CUNHA, M. V. *O velho Estadão...* Op. Cit., p.62-104.

Após o final da guerra mundial de 1914-1918, três jovens: Aristides José de Campos, aluno do Ginásio do Estado, Luiz França e Prisco da Cruz Prates fundaram *A Lanterna*. O jornal era um semanário impresso primeiramente pela livraria *Selles*, em seguida pela livraria *Livro Verde* e por fim nas tipografias de Mario Barillari. As notícias variavam de assuntos cotidianos, crônicas, e principalmente, o esporte local, em que se privilegiavam as informações do Comercial Futebol Clube. Assim como aconteceu com diversos periódicos, este teve uma vida efêmera de apenas três meses de existência. Entretanto, por causa da coluna do futebol, este ficou conhecido em algumas localidades.³⁶

Além dos jornais, a imprensa local contava com diversas revistas, em sua maioria, financiadas pelos grandes fazendeiros de café, políticos e comerciantes. Entretanto, mesmo havendo o controle por parte destes grupos, frequentemente surgiam pequenas revistas, como foi o caso d' *A Pátria*, fundada no ano de 1906 e que teve a direção e a iniciativa dos professores Renato Jardim, Albino de Camargo, Benedicto Sampaio, Rabello e Tito Lívio dos Santos. As matérias publicadas mantinham a temática em torno da arte, do civismo, da religião, da política e da filosofia. Posteriormente, o professor Jardim, que na ocasião era lente do Ginásio do Estado em parceria com o Wanderico Pereira, fundou, em 1912, uma revista de crônicas intitulada *A Careca*, direcionada principalmente aos estudantes do Ginásio e à mocidade ribeirão-pretana.³⁷

Beneficiados pelo capital cafeeiro, os empresários brasileiros venderam, principalmente aos países da Europa, a imagem de um Brasil desenvolvido, rico e aberto a todas as pessoas que queriam trabalhar. Um bom exemplo de propaganda (entre 1907 – 1913) era a publicação da revista *Brasil Magazine*, de Martinho Botelho, editada em português, francês, italiano e inglês, e que teve como financiadores a Câmara Municipal de Ribeirão Preto e o poder privado, representado pelos coronéis Joaquim Dinis Junqueira e Francisco Schmidt. A revista ilustrava uma cidade urbanizada, com casarões, uma variedade de comércios, estabelecimentos de ensino, centros de lazer, ruas limpas, praças arborizadas, entre outros espaços citadinos e rurais. Divulgava-se nas páginas desta revista a visão de uma urbe racionalmente planejada. Para tanto, eram privilegiadas as imagens que destacavam os padrões de higiene e beleza.

³⁶ Cf. PRATES, P. C. *Ribeirão Preto de outrora*. 3 edi. Livro comemorativo do centenário da cidade de 1956. Ribeirão Preto 1971, p.61. O memorialista Prisco da Cruz Prates, que auxiliou em diversos jornais da cidade, também escreveu alguns livros sobre a história local, entre eles, “Ribeirão e os Seus Homens Progressistas”, “Relembrando o Passado” e “Ribeirão Preto de outrora”.

³⁷ CIONE, R. *História de Ribeirão Preto...* Op. Cit., p.219; Cf. JARDIM, R. *Reminiscências*. São Paulo: José Olympio, 1946.



Ilustração 07: Revista de propaganda das terras do café, direcionada ao exterior. Fonte APHRP (BOTELHO JUNIOR, M. 1911).³⁸

A intenção do editor da *Brasil Magazine* era propagar a ideia de progresso e ordem no Brasil. Para tanto, ao folhear suas páginas, o leitor deveria ficar surpreso com as imagens estampadas. Para isso, os colaboradores da revista selecionavam as imagens que iriam compor o impresso, pretendendo assim, mostrar as melhores imagens. Neste caso, aquelas que representavam os cenários urbano e rural da localidade. As ilustrações enriqueciam a leitura, fazendo o leitor crer que a cidade não era somente limpa, mas também um local arquitetonicamente planejado. Os financiadores da revista pretendiam, com estas imagens e textos apresentados, mostrar que Ribeirão Preto refletia o contexto europeu e que com a vinda dos imigrantes seus cotidianos seriam de fácil adaptação, pois a urbe trazia semelhanças com algumas cidades da Europa. Para tanto, as fotos escolhidas privilegiavam as grandes obras, tais como o grupo escolar e o ginásio, o cassino, a prefeitura, as fazendas produtoras de café, a

³⁸ **Ilustração 07:** Revista de propaganda das terras do café, direcionada ao exterior. **a)** Capa; **b)** Introdução da revista em francês. Fonte APHRP. In: BOTELHO JUNIOR, M. *Brasil Magazine...* Op. Cit., Ibidem.

igreja, a praça central, o asilo de mendicância, o matadouro público, etc. Portanto, a escolha das imagens seguia a lógica da ostentação de poder e prosperidade da elite ribeirão-pretana.³⁹

Paulatinamente, há o surgimento de inúmeras revistas e almanaque que buscavam, a partir das imagens, representar o cotidiano local. Prova deste anseio foi a impressão do *Almanach Ilustrado* de Ribeirão Preto, editado nas oficinas tipográficas de Deodoro de Sá e Ramos. A sede ficava localizada na Rua do Comércio, nº 72. Depois de finalizada a diagramação, o *Ilustrado* era prensado com o nome fantasia de Sá Manaia & Cia. Em todos os volumes deste almanaque são destacados alguns dados históricos e geográficos da cidade, personagens considerados importantes na economia e política local, destacavam-se ainda diversos anúncios do comércio assim como de produtos com referências à indústria, à agricultura, ao entretenimento, à religião e variedades em geral. Ao mesmo tempo em que os editores abordavam assuntos sobre aquele presente, enfatizavam os fatos do passado, sempre no sentido de glorificar os atos considerados dignos de serem lembrados e exaltados.⁴⁰

No final da década de 1910, a imprensa em Ribeirão Preto vivenciava um momento de euforia ocasionado pelo otimismo econômico. Quem lesse um jornal perceberia os diversos elementos que retratavam os símbolos de luxo, civilidade e consumo de produtos estrategicamente apresentados nos impressos. Nesta dinâmica, surge em 1919, o vespertino *A Tarde*, fundado pelo capitão José Osório Junqueira. Seu primeiro redator foi Aristides Mota, um letrado de grande prestígio nos meios sociais. A equipe do impresso estava formada basicamente por homens da classe média, destacando-se na redação a atuação de professores, advogados e de um número razoável de pessoas que começavam a se dedicar exclusivamente ao trabalho jornalístico. A ideia era a de que, a exemplo do que Campos verificou em São José do Rio Preto, os jornais locais “em consonância com o que ocorria no restante do país, se tornassem espécies de iluministas sertanejos que buscavam “derramar as luzes” do conhecimento e da civilização sobre seus leitores”⁴¹.

³⁹ Cf. BRIGGS, A; BURKE, P. *Uma história social da mídia*: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.17.

⁴⁰ Cf. SÁ, Manaia & Cia. *Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto...* Op. Cit., p.23; Patrocinado pelos fazendeiros produtores de café e Câmara Municipal, encontram-se disponíveis para consulta 2 Almanaque, sendo o primeiro editado por Deodoro de Sá e Ramos, em 1913, e o segundo por Antonio Dias de Mello, em 1927. Um fato interessante a que devemos nos ater é que, mesmo sendo realizados por diferentes editores, ambos os almanaque acabam adotando a mesma temática, sempre ligando o presente ao passado e exaltando a civilização e o progresso da cidade. Cf. MELLO, A. D. *Almanack de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, 1927. [snd].

⁴¹ CAMPOS, R. D. Um intelectual viajante: Floriano de Lemos no sertão paulista (1926-1930). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, nº 60, 2010, p.160.



Ilustração 08: O vespertino do capitão (Fontes – *A Tarde*, 1936; DN, 1933; DN, 1939).⁴²

Um dos redatores que mais tempo comandou o impresso foi Rubem Cione, que esteve na diretoria da redação até 1940. Neste mesmo ano, Junqueira vende definitivamente a marca e a sede para o jornalista Antonio Machado Sant'Anna e para Onésio da Motta Cortez.⁴³

⁴² **Ilustração 08:** O vespertino do capitão. **a)** Página central do *A Tarde*. Fonte APHRP. In: *A Tarde*. Ribeirão Preto, 03 de janeiro de 1936; **b)** José Osório Junqueira. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 18 de outubro de 1933; **c)** Antonio Machado Sant' Anna. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 12 de abril de 1939.

⁴³ Sant'Anna iniciou as atividades jornalísticas em 1924 no jornal *A Cidade*, no ano seguinte foi cronista esportivo do *Diario da Manhã* e fundou o *Diario d'Oeste* com Luiz Gomes em 1929. Em 1930 assumiu a direção do *Diarios Associados*, e entre 1937 a 1938 foi delegado da API – Associação Paulista de Imprensa. Trabalhou em diversos jornais de Ribeirão Preto e da capital paulista e em 1939, foi contratado pelo *Diario de Noticias* como redator. No final de 1955 retorna para o *Diario da Manhã*, onde se aposenta em 1968. Em 1955, Sant'Anna integra o patrimônio do jornal *A Tarde* com a editoria do *Diario da Manhã S/A*. Para tanto, o vespertino parou de circular como periódico, e apenas suas oficinas e maquinários eram utilizados para editar os mais variados trabalhos, tais como convites, livros, anúncios avulsos, etc. Cf. *Diario da Manhã*. Ribeirão Preto, 14 de junho de 1979; O memorialista Dr. Rubem Cione nasceu na cidade de Marcondésia, no estado de São Paulo, em 30 de agosto de 1918. Em 1928, mudou-se com a família para Ribeirão Preto, onde finalizou os estudos no Ginásio do Estado, atuou como professor, advogado, colaborou em diversos jornais da imprensa local e escreveu uma coletânea com cinco volumes sobre a “História de Ribeirão Preto”.

No final da década de 1920, a imprensa local adotou como modelo de diagramação gráfica aquelas praticadas pelos grandes grupos jornalísticos, tais como as do *O Estado de São Paulo*, do *Correio da Manhã*, dentre outros periódicos do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, os jornais interioranos foram modificando a posição das colunas, o formato das fontes e alguns impressos passaram a investir na composição de imagens fotográficas junto do corpo de texto, tentando se aproximar ao máximo da diagramação dos jornais que circulavam nos grandes centros urbanos.

Para realizar todas estas disposições, mudaram não apenas o formato, mas também modificaram sua atuação. De pequenos jornais, os mais fortes se transformaram em grupos empresariais. Esta denominação possibilitou que se ampliasse o capital de giro e que eles se adequassem às necessidades do mercado editorial e gráfico. Assim, conseguiram adquirir equipamentos modernos que modificavam a estética e o número de tiragens. Com isto, era difundida a venda das modernas linotipos e dos diversos modelos de máquinas de escrever - da *Continental*, da *Olivetti*, da *Remington, ou da Royal*, portáteis e/ou de mesa. Estas eram as preferidas dos editores, pois permitiram-lhes produzir mais exemplares e, ao mesmo tempo, reduzir os valores cobrados para cada exemplar. Aos grupos com capital financeiro menor restava adquirir equipamentos de segunda linha e/ou usados. Contudo, mesmo sob condições precárias, todos buscavam conquistar um público leitor voraz pelo consumo de fatos diários, assim como pela conquista dos bens de consumo divulgados nas páginas da imprensa através das propagandas.⁴⁴

⁴⁴ Cf. SODRÉ, N. W. *A história da imprensa no Brasil...* Op. Cit., p.281. A maioria dos jornais brasileiros não conseguiu acompanhar as inovações tecnológicas apresentadas no período. Diversos não tiveram condições de se transformar em empresas jornalísticas; um dos fatores que pesavam na adequação eram os altíssimos preços do maquinário, o qual era, em sua grande parte, importado, e também por causa da industrialização tardia realizada no Brasil. Os produtos nacionais eram produzidos em pequenas quantidades, o que elevava o valor final de mercado. Sobre a imprensa mineira, John Wirth enfatizou que: "A imprensa local foi outro marco do regionalismo mineiro. De maneira geral, um jornal de cidade pequena continha notícias políticas e anúncios comerciais numa edição semanal de menos de 500 cópias. Geralmente pertencia ao chefe político do local, cujo domínio era disputado por um chefe rival com sua própria imprensa. Fica ilustrado que os jornais desempenharam uma função primordial na política local. Como foro para o combate verbal, a imprensa deu às celebridades locais um meio de sustentar a violência em nível menor, sem tiroteios ou assassinatos. A imprensa foi um pilar para a política, comércio e cultura no centro de gravidade do estado, a nível local". WIRTH, J. D. *O fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p.131.



Ilustração 09: Formato do jornal *O Estado de São Paulo* (Fonte - *Estado de São Paulo*, 1920).⁴⁵

O jornal passa a fazer parte do cotidiano das pessoas. Com notícias locais, nacionais e internacionais, passavam a noticiar cada vez mais rotineiramente os acontecimentos diários. Por contar com a retaguarda de um grupo de letreados, tais fatos legitimavam os impressos a

⁴⁵ **Ilustração 09:** Formato do jornal O Estado de São Paulo. O Estado de São Paulo. Fonte AESP - Arquivo Público do Estado de São Paulo. In: *O Estado de São Paulo*, 20 de junho de 1920.

falar de tudo e de todos. Fossem feitos os comentários sobre homens, mulheres ou crianças, os jornais estavam se consolidando.⁴⁶

2.3 - *Diario de Noticias* e o aproveitamento das propagandas publicitárias

No início de 1928, mais precisamente em 1º de junho, José da Silva Lisbôa, em parceria com o comerciante Osório Camargo, fundou o *Diario de Noticias*. Nascido na cidade de Casa Branca, em 11 de maio de 1902, José Lisbôa era o primogênito do casal de portugueses Manoel da Silva Lisbôa e Felicidade da Silva Lisbôa. Iniciou a atividade jornalística em 1921, como gerente do *Diario da Manhã*. Por questões pessoais, desligou-se de Sosthenes Gomes para dirigir seu próprio impresso. Entre 1928 e 1931, a sede e as oficinas ficavam localizadas na Rua Duque de Caxias, nº 106. Inicialmente, a impressão era realizada de forma manual. Para auxiliar na redação, o órgão contava com uma máquina de escrever *Remington*, modelo 12, uma máquina para cortar bordas, outra para tirar provas, cinco cavaletes para pendurar 50 caixas tipográficas e uma máquina de impressão *Wert Augsburg*, modelo 1912. Nesta primeira fase, o *Diario de Noticias* passou por uma crise econômica que, em 10 de janeiro de 1931, levou José da S. Lisbôa a vender a seu pai todos os equipamentos e utensílios do matutino, de modo a arrecadar dinheiro para não fechar o impresso. Assim, o jornal passou a integrar o patrimônio da família.⁴⁷

No ano seguinte, a sede foi transferida para a Rua Saldanha Marinho, nº 205, local em que ficou até 1943. Nesta segunda fase, a família conseguiu investir e conquistar mais anunciantes, possibilitando a adequação da oficina, que passou a imprimir duas páginas por vez e 200 folhas por hora no formato *Standard*. Os tipógrafos dividiam a impressão em duas etapas. A primeira consistia em imprimir, por volta das 21 horas, a primeira e a última página, que eram compostas de artigos e notícias telegrafadas por colaboração. Em seguida, durante a

⁴⁶ COSTA, A. M; SCHWARCZ, L. M. 1890-1914: no tempo das certezas. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p.25.

⁴⁷ O aluguel do estabelecimento custava 450\$000 mil reis por mês. Assim, como acontece em diversos jornais nacionais, não foi possível encontrar os fascículos do *Diario de Noticias* de Ribeirão Preto dos anos de 1928 a 1931. Na historiografia local não há indícios sobre o que aconteceu com tais coleções. Ao depararmos com a executiva de aluguel da casa comercial do *Diario*, algumas questões foram respondidas a partir do documento. A primeira foi que, nesta fase, por falta de colaboradores o matutino enfrentou uma crise econômica que acarretou a realização de impressões esporádicas. Não obstante, além dos processos encontrados em nome da família Lisbôa, conseguimos algumas tiragens dos anos iniciais, não de forma linear, como gostaríamos, mas os mesmos podem auxiliar na visualização do estilo praticado por seus tipógrafos nos anos iniciais do matutino, no momento em que diretores e redatores estavam ávidos para informar os mais diversos fatos da sociedade ribeirão-pretana. Cf. *Executiva por aluguel de casa*. Ribeirão Preto, 07 de agosto de 1931. Caixa 260A. do 1º Ofício Cível, p.2-43. Fundo: APHRP - Arquivo Público Histórico de Ribeirão Preto.

madrugada, eram finalizadas as páginas internas, que geralmente traziam as propagandas, as seções de esporte e de variedades. Finalizadas todas as etapas, os exemplares eram enviados pelos distribuidores em sua maioria crianças, às livrarias e às casas dos assinantes.⁴⁸

José da Silva Lisbôa era casado com a professora Neyde Rocha de Freitas Lisbôa. Na década de 1930, o casal tinha dois filhos, Neyde Regina Freitas Lisbôa e José Ricardo Freitas Lisbôa. Entre 1933 e 1934, Orestes Lopes de Camargo passou a ser gerente administrativo do matutino. Nesta fase, o *Diario de Noticias* apresentava uma média de seis páginas diárias. Em datas comemorativas, o número era ampliado e girava em torno de oito a vinte laudas. Além disso, o jornal se apropriou de algumas novidades apresentadas pelos grandes grupos jornalísticos. Para tanto, iniciou a diagramação utilizando reportagens no lugar de textos longos. Neste momento, as letras reduzidas foram ampliadas; também eram constantes as manchetes, as propagandas e o convite ao leitor para ser um repórter. Bastava ligar para o telefone 707 e registrar reclamações, divulgar assuntos dos bairros, etc.⁴⁹

Além de ter o conhecimento necessário para atuar no jornalismo, Lisbôa conseguiu manter o mesmo redator por um longo período. Assim, os letreados apresentavam suas ideias nas páginas do impresso. Ademais, transparecia claramente nas colunas e nos anúncios do matutino que o público-alvo era as elites locais e as camadas médias.

⁴⁸ Cf. *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 08 de junho de 1928; *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 08 de junho de 1928. Em setembro de 1933 um comerciante local entrou na justiça contra José da Silva Lisbôa e Orestes Lopes de Camargo acusando-os de crime de *extorsão*, o mesmo afirmava que tinha agredido a facadas o filho do delegado de polícia e para não divulgarem a matéria foi cobrada uma quantia de 350\$000 mil reis paga pelo denunciante. Entretanto, os jornalistas afirmaram que o valor não foi *extorsão*, pois, na verdade se tratava de pagar os custos gastos pelas páginas que haviam sido impressas. No desenrolar dos autos foram convocados para depor 06 testemunhas de acusação e 08 de defesa entre eles jornalistas e diretores dos principais periódicos da cidade tais como Costábile Romano representando o jornal *Diario da Manhã* e Renato Barilari pelo *A Cidade*. No final do processo, a acusação não tinha mais alegações e o mesmo foi arquivado durante 10 anos. Em 28 de fevereiro de 1944 a defesa reabre o processo para tanto fundamenta o caso alegando que o mesmo havia sido prescrito em setembro de 1943, e que no final os réus eram inocentes da extorsão, pois o que houve foi má fé do comerciante, para tanto, o promotor acatou os elementos mostrados pela defesa e decretou a inocência dos denunciados assim como a prescrição processual no dia 01 de março de 1944. Cf. *Processo Crime de Extorsão...* Op. Cit., p.14-66.

⁴⁹ Cf. *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 07 de junho de 1928; 27 de novembro de 1930, 15 de dezembro de 1935 e 02 de dezembro de 1937. O *Diario de Noticias* anualmente prestigiava os aniversários da família Lisbôa, portanto, além do irmão Oswaldo da Silva Lisbôa que auxiliava na direção do matutino frequentemente apareciam os nomes de Celencino da Silva Lisbôa, Alarico da Silva Lisbôa, Neyde Rocha de Freitas Lisbôa e sua irmã a professora Zoraide Rocha de Freitas.



Ilustração 10: Fundadores do jornal *Diario de Noticias* (Fonte - DN, 1933, 1939 e 1940).⁵⁰

Foi ainda destacada a atuação do redator Onésio da Motta Cortez, que deu o tom do jornal *Diario de Noticias*. Cortez esteve na direção por aproximadamente doze anos e foi o que por mais tempo atuou na redação. Nascido em Ribeirão Preto, em 24 de abril de 1899, trabalhou na agência dos correios e em seu tempo livre escrevia para o jornal *A Tarde*. Entretanto, com receio de ser atacado por seus textos, escrevia utilizando os pseudônimos Gastão Carneiro e Zeca Camilo. Convocado por Lisbôa, o jovem deixou o vespertino e auxiliou na fundação do *Diario de Noticias*. Neste, também escreveu alguns artigos em

⁵⁰ **Ilustração 10:** Fundadores do jornal *Diario de Noticias*. a) Página central do *Diario de Noticias*. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de janeiro de 1933; b) José da Silva Lisbôa. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de maio de 1939; c) Onésio da Motta Cortez. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 23 de abril de 1939; d) Oswaldo da Silva Lisbôa. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 18 de setembro de 1940.

anonimato, principalmente aqueles que remetiam a questões de política. Diariamente escrevia crônicas, além de comentários e artigos.⁵¹

Dentre os inúmeros temas orquestrados por Cortez, destacavam-se os artigos com os seguintes títulos: *Civilização; O fim do voto secreto; A dama paulista; Povo feliz; Em torno do casamento; Jeca Tatu; Com liberalismo ou sem ele; Bigamia feminina; Do carro de boi ao aeroplano.*⁵²

Na visão da imprensa liberal, era necessário civilizar os habitantes da localidade e para isso o jornal buscava conferir sentidos à identidade paulista. Suas páginas passam a ser o palco ideal para as mudanças sociais e culturais. Ao expor a imagem do *Jeca Tatu*, evidenciava-se o atraso da saúde pública no país, além de trazer referências à representação do trabalhador rural, que estava sujeito ao analfabetismo, à privação de bens de consumo e à falta de noções básicas de higiene pessoal. Assim, os textos de Onésio Cortez mostravam as discussões políticas e sociais realizadas no Brasil nas décadas de 1920 a 1930.⁵³ Vale notar a imagem idealizada que o *Diario da Manhã* ostentava sobre a “Mocidade” ribeirão-pretana:

Quantos velhos existem, quantos homens de cabellos brancos que depois de mais de meio século de vida, ainda comovem a mesma fibra de moço, a mesma energia de jovem cheio de fé, de esperança, olhando para o futuro, como si não o preendessem ao passado as mais gratas recordações.

Moço na sociedade, moço na política é todo aquele que não se oppõe a evolução doutrinaria, que não se torna entrave ao progresso da civilização, ao triumpho da cultura.

A esses moços de alma, a esses moços de carácter, a esses moços de idéias, quer tenham vinte ou sessenta annos, é que se deve entregar os destinos de São Paulo, porque o nosso Estado, na sua ancia enorme de progresso não pode ficar preso á mentalidade rotineira, que se avilhou nos conchavos de sua politicalha que tanto tinha de inconsciente, como possuía de perniciosa.

Com idéias novas, teremos tudo novo, uma esplêndida e majestosa primavera de civismo, de realizações e emprehendimentos.

⁵¹ Cf. CORTEZ, O. M. *O jornalista do Interior*. São Paulo: Soma Ltda, 1982; No *Diario de Noticias* Onésio da Motta Cortez utilizou os pseudônimos aproximadamente até o final do primeiro semestre de 1933. Cf. *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 1928 a 1933.

⁵² O jornal *Diario de Noticias* se colocou contrário à política do PRP que, para eles, era o culpado pelo atraso econômico do País, além de se manter no poder utilizando-se do voto de cabresto e de falsificações e violações eleitorais. Tal contrariedade política se torna perceptível quando foi colocada no cabeçalho da primeira página uma mensagem sobre sua posição partidária, que assim dizia: “Essa folha não tem compromisso ou ligações com qualquer partido ou organização política, dando aos seus colaboradores plena liberdade de acção na exposição de suas doutrinas, desde que os seus artigos sejam escritos em linguagem elevada, de acordo com as exigências da moral”. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 20 de março de 1933.

⁵³ Nos anos de 1930, fica ilustrada a participação das mulheres na sociedade; por sua vez, a imprensa mostrava os debates em torno dos novos espaços de sociabilidade. Um bom exemplo desta temática pode ser visto nas crônicas de Onesio Motta Cortez, em que se começam a expor as *Reivindicações Femininas*. Para tanto, o autor se colocava como defensor da participação das mulheres, fosse no trabalho ou na política; mas, quando o assunto foi o divórcio, este acabou se contradizendo. Em um momento defendeu a legalização e em outro se colocou contrário ao divórcio por alegar que este prejudicaria a união familiar.

Não se acredite, pois que mocidade seja essa meia infância que anda sonhando amores e fazendo versos á luz pallida da lua. Não. Esses, que só vivem de quimeras e illusões, que exige acção e, mais do que acção a ponderação dos actos e a firmeza das attitudes.

São Paulo deve ser entregue a uma juventude que sem esquecer as forças physicas é mais do espírito, do caracter da moral e, sobretudo, das doutrinas reivindicadoras, que procuram traçar novas directrizes para a humanidade, estabelecendo uma escala social, cuja base não sejam somente o dinheiro e os foros de nobreza, que se adquirem no berço – e se perdem nas tabernas, nos prostíbulos.⁵⁴

A citação evidencia a existência de ufanismo e de idealização dos fatos considerados importantes a serem praticados tanto pelos grupos de letrados, que buscavam legitimar os modelos considerados corretos, quanto pelos leitores, que poderiam seguir as normas transmitidas. Além disso, o *Diario de Noticias* acreditava que estava disseminando, por intermédio das informações, a verdadeira civilização.

Os letrados ligados ao matutino buscavam reconstituir, a seu modo, o pensamento do trabalhador urbano evidenciando que estes tinham ritos produtivos, mostrando, sobretudo, um ambiente em que o ensino se fazia necessário tanto para ligar uma máquina quanto para realizar tarefas simples do cotidiano.

Por outro lado, ao exaltar as glórias do passado, o matutino estava selecionando os fatos que, em sua visão, não deveriam ser esquecidos pelos leitores. Estrategicamente selecionado, o tema mocidade definia quais pessoas deveriam realizar os novos projetos políticos no Estado de São Paulo após a revolução de 1932. Na visão do jornal, não bastava enaltecer o progresso operado pelos paulistas no passado, antes, os jovens - com pensamentos de força e garra - deveriam olhar para frente, criar novos ideais e, sobretudo, traçar novas conquistas.

Assim, o artigo realiza uma exaltação das práticas consideradas novas e critica as ações velhas. Deste modo, a noção de novo trazia em si a ideia de progresso, no intuito de consolidar a circulação e a transformação no espaço urbano. Portanto, segundo o pensamento transmitido pelo impresso, era necessário desenvolver novas práticas de sociabilidade e de vivência dentro do Perímetro Urbano, a fim de apagar os velhos estigmas que não eram bons de serem lembrados pelos homens letrados. “Nesse cenário citadino conviviam, portanto, as mais diversas temporalidades: passado, presente e projeções de futuro, amalgamadas todas no sincretismo dos traços de uma sociedade em formação”.⁵⁵

⁵⁴ CORTEZ, O. M. Mocidade. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 13 de junho de 1933.

⁵⁵ Cf. LORENZO, H. C; COSTA, W. P. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, p.121; CAMPOS, R. D. Homens Letrados e imprensa da Araquarence... Op. Cit., p.132.

Segundo os dados demográficos de 1934, Ribeirão Preto tinha 81.565 habitantes. No ano de 1933, o *Diario de Noticias* realizava uma tiragem de aproximadamente 1.200 a 1.300 exemplares ao dia. Um fato que favoreceu tal tiragem foi que no início de 1932, por causa da crise econômica enfrentada pelo matutino no ano anterior, a família Lisbôa passou a investir no negócio como produto empresarial rentável. Para tanto, o jornal passou a ganhar valor de mercado e, ao mesmo tempo, seu nome foi difundido na região da *Alta Mogiana*. Cada assinante ou leitor não comprava apenas as informações, mas consumia também os diversos produtos que eram anunciados nas propagandas e que passaram a ocupar as páginas e o cotidiano das pessoas.⁵⁶

Tais publicações mostram que o *Diario de Noticias* soube aproveitar ao máximo as propagandas publicitárias, as quais contribuíam para a renda líquida do grupo, afinal conforme defende Nelson Werneck Sodré: “A publicidade atende a um conjunto de interesses a que o jornal, ou revista, se incorpora”. Essa estratégia de utilizar os espaços exclusivos para as propagandas favoreceu não apenas o lucro, mas também auxiliou na estética da publicação, facilitando-se a leitura de pontos estratégicos. Conforme demonstrara Heloisa de Faria Cruz em relação aos impressos: “O sucesso de um periódico, sua manutenção como uma publicação competitiva e estável, passa a depender cada vez mais de sua capacidade de atrair recursos via propaganda”.⁵⁷

⁵⁶ *Processo Crime de Extorsão...* Op. Cit., p.17.

⁵⁷ SODRÉ, N. W. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p.XIV; CRUZ, H. F. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: EDUC/FAPESP - Arquivo do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial SP, 2000, p.156;



Ilustração 11: Propagandas da década de 1930 (Fonte - DN, 1933 e 1937).⁵⁸

Em certo momento, os editores acabaram percebendo que não bastava colocar um simples anúncio em suas colunas, antes, era necessário criar um sentido de necessidade do produto anunciado para o leitor. Isto foi executado pelas empresas de propagandas. Contudo, estas não poderiam ser elaboradas por qualquer pessoa, pois, conforme indicam a ilustrações acima, os grupos de propaganda preconizavam que, para se realizar um bom anúncio, eram necessários estudos sobre *layout* gráfico. Assim, precisava-se realizar um *design* artístico para chamar a atenção do público leitor e, sobretudo, consumidor.

Os jornais que detinham maior poder aquisitivo se adequaram ao mercado gráfico e, em consonância com a ampliação do número de assinantes e das propagandas, passaram a imprimir suas tiragens com rapidez. Além disso, não bastava ao impresso oferecer informações locais. Em busca de expandir o público leitor e conquistar novos anunciantes, o *Diario de Noticias*, por exemplo, ampliava o número de colaboradores, os quais auxiliavam

⁵⁸ Ilustração 11: Propagandas da década de 1930; a) Eclectica e a propaganda. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 24 de maio de 1933; b) A cobertura dos anúncios no território nacional. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 27 de junho de 1937.

com informações de outras cidades. Para isto, enviam notícias no final do dia, geralmente por telegrama. Com as propagandas diárias:

A empresa jornalística recompõe suas formas de financiamento, racionaliza custos, introduz inúmeras inovações mecânicas, aprofunda a divisão de trabalho no interior da oficina gráfica e cria demanda por novas especializações profissionais. Descaracterizando-se como empreendimentos individuais, modernizando suas estruturas de financiamento, produção e circulação, articulando-se à também nascente indústria da propaganda, o periodismo empresarial impõe-se e diferencia-se de vez das pequenas folhas tipográficas.⁵⁹



Ilustração 12: As propagandas e suas apropriações no cotidiano (Fonte – DN, 1933, 1934, 1938, 1934 e 1935).⁶⁰

O espaço do jornal foi dividido afinal, em valores de mercado. Suas páginas, fragmentadas em colunas, passavam a compartilhar os espaços com artigos, crônicas e reportagens com variadas propagandas que foram ganhando destaque dentro das edições. Nesta nova diagramação, os leitores, direta e indiretamente, começam a aparecer com mais frequência nas entrelinhas. Portanto, o público passa a ser uma ferramenta valiosa na vida do jornal, pois, além de leitor e crítico, é considerado um “juiz” que avalia as manifestações da corrente jornalística. Assim, os leitores aceitariam ou repudiariam as ideias trazidas pela imprensa, pelo aumento ou pela redução dos contratos de propagandas, assinaturas anuais e, principalmente, pela divulgação positiva ou negativa do impresso para a sociedade.

⁵⁹ CRUZ, H. F. *São Paulo em papel e tinta...* Op. Cit., p.181.

⁶⁰ **Ilustração 12:** As propagandas e suas apropriações no cotidiano. a) Sal de Fructa Eno. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 13 de janeiro de 1933; b) Anúncio da P.R.A.7. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934; c) Cigarros Astoria. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 29 de março de 1938; d) Horário de trens. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 13 de junho de 1934; e) As grandes conquistas. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 16 de junho de 1935.

As propagandas ilustravam o cotidiano das pessoas a fim de vender os mais diversos produtos, por sua vez, nessa linha de tentar promover o uso dos novos produtos, destacavam-se, nas páginas do *Diario de Noticias* os anúncios dos cigarros *Astoria*, que quase sempre mostravam a imagem de mulheres elegantes, bonitas, com ar sedutor, em busca de um público exigente e vasto. Não era por acaso que nas peças publicitárias se anunciavam as conquistas das mulheres modernas. Entre uma infinidade de conquistas, o matutino publicava o direito delas de dirigir automóveis e fumar.

Neste ritmo, a Rádio P.R.A.7 se fazia presente, propagando os novos estilos musicais, transmitindo os horários das locomotivas, das jardineiras, etc.⁶¹ Assim, a vida cotidiana também passava a ser representada nos jornais sob uma variedade de estilos textuais e visuais, possibilitando aos leitores manterem-se informados sobre os mais diversos assuntos da cidade e de outras localidades. Conforme enfatizou Marcia Padilha em relação aos jornais paulistas, a análise exclusiva das propagandas publicitárias não permite saber qual foi à recepção deles e as formas como foram apropriados pelos leitores. Entretanto, esta abordagem:

Nos aproxima dos elementos que lhes foram oferecidos pelo discurso publicitário – entre outros e que compunham o conjunto de representações que, como num caleidoscópio, circulavam no espaço urbano. Espaço por excelência das representações, a publicidade caracterizou-se como o lugar da idealização, mas também, como um campo de embate entre as diversas expectativas e experiências que conviviam no espaço urbano. No emaranhado de fatores que atuavam na ordenação da cidade – os projetos de urbanização, a atuação higienista, os interesses econômicos, as táticas de sobrevivência da população calcadas nas relações face a face e na tradição herdada, a publicidade exerceu seu papel como parte integrante das representações construídas e veiculadas pelas revistas, como intermediação entre a experiência vivida, por um lado, e, por outro, o discurso dominante as aspirações dos habitantes da cidade.⁶²

Utilizando-se das inúmeras propagandas, a imprensa ribeirão-pretana difundia nas páginas dos impressos as mais variadas representações das relações urbanas. Para entender uma propaganda não haveria a necessidade básica de ser um leitor fluente, pois a imagem, por si própria, deveria se autotraduzir, induzindo as mais variadas classes sociais ao consumo. Ao ser propagado, a informação visual deveria influenciar mulheres, homens e crianças sobre a escolha de determinados produtos, serviços, partidos políticos, etc.

⁶¹ P.R.A.7 (Prefixo Radiofônico nº 7).

⁶² PADILHA, M. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001, p.30.

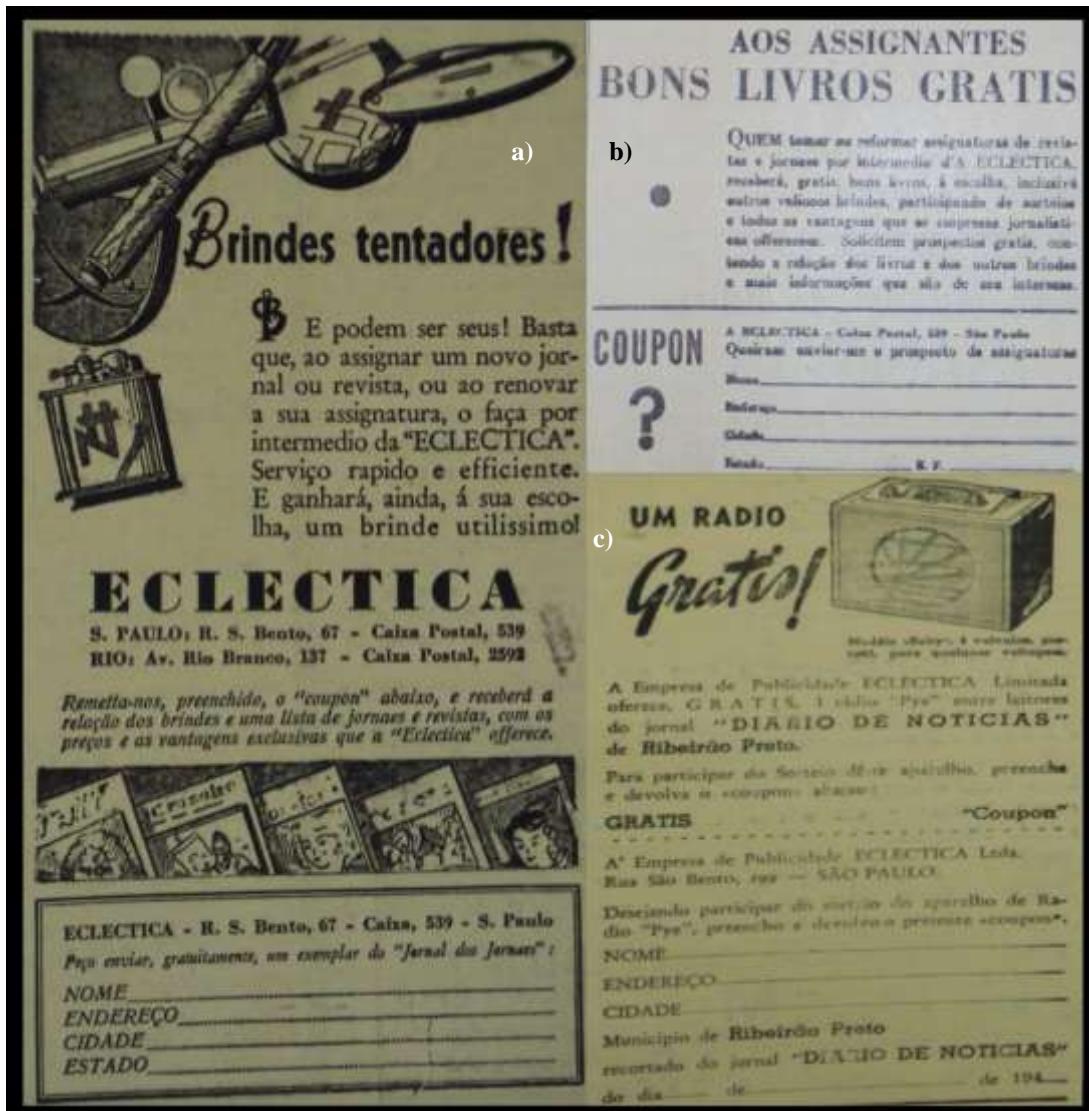


Ilustração 13: Brindes aos assinantes (Fonte - DN, 1937, 1935 e 1940).⁶³

Juntamente com as propagandas, surgem nas páginas do *Diario de Notícias* formas de incitar desejos. Eram oferecidos aos assinantes cupons para participarem dos sorteios de brindes e de redução do valor de folhas avulsas, tudo com a intenção de conquistar consumidores de informações e produtos. Entre os mais diversos brindes oferecidos pelo *Diario* destacavam-se os rádios da GM – General Motors, livros, descontos na mensalidade e nos exemplares avulsos. Desta forma, o impresso buscava chamar a atenção dos leitores a fim de aumentar o número de assinantes.

Não por acaso, os jornais passaram a ditar em suas linhas o cotidiano das pessoas. Dentre as mais variadas notícias, eram difundidos anúncios de horários de chegadas e saídas

⁶³ Ilustração 13: Brindes aos assinantes. a) Brindes tentadores. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 05 de dezembro de 1937; b) Aos assinantes bons livros grátis. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 31 de outubro de 1935; c) Um rádio grátis. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 15 de novembro de 1940.

dos trens, das jardineiras, da abertura das lojas comerciais. Na coluna *Vida Religiosa*, o *Diario de Noticia* cedia um espaço para a Igreja Católica divulgar os horários das missas, as datas de festividade, os dias santos, as novenas, procissões e informações sobre o bispado local, que passava a ocupar diversas colunas, quando não, páginas que destacavam os atos da religiosidade local. As informações propagavam os editais da prefeitura municipal, propagandas sobre a educação, sejam das escolas particulares ou públicas, que utilizavam os espaços dos impressos tanto para divulgar seus estabelecimentos quanto para comunicar as datas de comemorações cívicas. E conclamavam a população não apenas para prestigiar desfiles, mas também, para praticar o patriotismo que levaria ao progresso do país. Nesse sentido, eram divulgados à sociedade os horários de abertura dos colégios, assim como as datas de início e fim do ano escolar. Geralmente eram mostradas as novas contratações, nomeações e exonerações de professores. Havia, portanto, espaço para as mais variadas referências sobre as práticas cotidianas dos habitantes da localidade.⁶⁴

Prova de que o *Diario de Noticias* já tinha, de certo modo, incorporado a concepção de grupo jornalístico foram as conquistas atribuídas às propagandas, que contribuíram para o ganho financeiro do matutino. Assim, no ano de 1935, quando tinha completado oito anos à frente do impresso, José da Silva Lisbôa foi convidado para dirigir a seção comercial do *Diario da Noite* - vespertino do Rio de Janeiro. Em 15 de dezembro, Lisbôa deixou o *Diario* sob direção do seu irmão, Oswaldo da Silva Lisbôa. Mais adiante, em 1938, recebeu uma proposta do grupo da *Eclectica* para assumir o posto de gerente dos representantes comerciais de propagandas. No ano seguinte, dividia todas essas posições com o comando do jornal carioca *The News*, editado em inglês e que seguia os padrões das colunas inglesas e norte-americanas.⁶⁵

Nos anos de 1930, as categorias dos jornalistas começaram a se organizar coletivamente e criaram uma entidade representativa. A partir dai, é fundada em 1933 a API - Associação Paulista de Imprensa. Após sua criação, a associação começou a realizar encontros em diversas regiões do Estado de São Paulo para fundar as entidades de representação nos polos regionais. Em Ribeirão Preto, o *Diario de Noticias*, além de ter participado das concentrações jornalísticas, patrocinou o evento, realizado entre os dias 1º e 2

⁶⁴ Campos mostrou como tais prescrições eram anunciadas pela imprensa aos habitantes da região da Araraquarense. CAMPOS, R. D. *Mulheres e crianças na imprensa paulista...* Op. Cit., p.61.

⁶⁵ Cf. *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 15 de dezembro de 1935; 17 de janeiro de 1936; 11 de maio de 1939 e 24 de dezembro de 1939; Por intermédio dos jornais e revistas editados em idiomas estrangeiros, vários empresários pretendiam realizar intensas propagandas favoráveis às relações comercias e políticas no círculo internacional.

de setembro de 1935. O principal interesse do encontro era reunir a força da imprensa regional em prol dos interesses da classe, dos meios sociais e políticos de São Paulo.⁶⁶



Ilustração 14: Concentração da imprensa em Ribeirão Preto (*Álbum - A.P.I.*, 1935).⁶⁷

Na ocasião, a companhia *Antarctica Paulista* ofereceu aos jornalistas um churrasco em suas dependências. A concentração durou dois dias e recebeu a colaboração de diversos empresários da cidade, que ofereceram hospedagem, veículos para transportar os jornalistas nas visitas aos colégios, faculdades, dependências públicas, fábricas e fazendas. Tempos depois, em 24 de junho de 1939, novamente foi realizado o encontro da API em Ribeirão Preto.⁶⁸

Por ocasião da comemoração do aniversário do DN, seu redator passou a publicar, a partir de 1937, a imagem de um grupo de crianças e jovens que saíam aos quatro cantos da cidade, uns para vender o impresso, outros para entregá-lo aos assinantes. O jornal buscava a cada instante ampliar as tiragens diárias e para isso usava a mão de obra infantil, como era comum na época. A elite intelectual justificava seus fins, dizendo à sociedade que estava

⁶⁶ Cf. *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 29 de agosto a 04 de setembro de 1935. Em 1933 José da Silva Lisbôa foi eleito conselheiro fiscal do núcleo da API, de Ribeirão Preto. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de agosto de 1933.

⁶⁷ **Ilustração 14:** Concentração da imprensa em Ribeirão Preto. In: *Álbum - A.P.I...* Op. Cit.; Não há informações no Álbum sobre se as mulheres apresentadas eram jornalistas e/ou esposas dos cavalheiros; entretanto, o mais importante nesta imagem não é a questão matrimonial, e sim a representação que ela encerra, ou seja, entre inúmeros homens há apenas três senhoras, as quais são as únicas que não brindam para a foto. Por sua vez, elas demonstram certa discrição e bons modos; além disso, a imagem evidencia que o cenário urbano estava se alterando em diversas dimensões, os espaços que eram ocupados exclusivamente por homens passam a ser frequentados pelos dois gêneros.

⁶⁸ Cf. *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 21 a 27 de junho de 1935.

oferecendo emprego e garantindo às crianças um futuro promissor - àquelas que não tinham condições de adquirir calçado, que eram desfavorecidas economicamente. Enfim, alegava-se que lhes permitia almejar a construção de um sonho por meio de seu esforço diário, conforme discurso típico do período.



Ilustração 15: Grupo de crianças e jovens: vendedores e entregadores do *Diario de Noticias*. (Fonte – DN, 1937).⁶⁹

Os adolescentes também auxiliavam no trabalho da oficina. Cibia-lhes manter os equipamentos limpos para evitar sujeiras na hora da impressão. Num ambiente barulhento e de alta rotatividade das máquinas, os jovens tinham que aprender rapidamente as maneiras corretas de se conduzir diante dos equipamentos pesados e perigosos. Porém, os empregadores se justificavam, dizendo que aos menores era dada a chance de aprender o ofício de linotipador profissional e que, ao mesmo tempo, lhes era permitido sair do anonimato para receber o triunfo do trabalho, com o qual poderiam ajudar a família na aquisição de alimento, de maneira honrada e honesta.

Ao longo do ano de 1930, fica subtendido nas páginas do *Diario* que não bastava ter dinheiro para adquirir novos equipamentos e contratar os mais cobiçados redatores e tipógrafos se, apesar de todos os investimentos realizados, o jornal fosse censurado pelo governo. A censura não apenas manchava a história do impresso, sobretudo levava, em diversos casos, ao fechamento do grupo. Como forma de manter os censores distantes, nesses

⁶⁹ **Ilustração 15:** Grupo de crianças e jovens, vendedores e entregadores, do *Diario de Noticias*. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 25 de maio de 1937.

anos os jornais de Ribeirão Preto começaram a proclamar que eram independentes e que não tinham vínculos partidários.



Ilustração 16: *Diario de Noticias* e o 7 de Setembro (Fonte – DN,⁷⁰ 1939).⁷¹

O DN, além de enfatizar que era uma folha independente, alterou a frase “Tudo por São Paulo”, que era escrita no cabeçalho da última página, por “Nada Contra a Nação – Tudo pela Nação”.⁷¹ Nas datas de comemorações oficiais, diversificavam-se nas páginas sonetos e

⁷⁰ **Ilustração 16:** *Diario de Noticias* e o 7 de Setembro. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 07 de setembro de 1939.

⁷¹ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de agosto de 1933, 03 de maio de 1935 e 18 de julho de 1936; Este decreto, além de fragilizar a liberdade de expressão, normatizava a atuação da imprensa por meio do controle rígido dos censores que, além de apreender os jornais, realizavam o fechamento dos órgãos impressores e de difusão sonora.

poesias de Olavo Bilac que exaltavam o patriotismo e o serviço militar. Contudo, em 1933, além do culto ao civismo o jornal publicou artigos que exibiam o projeto de lei da imprensa. Enfatizou os itens em que ficava proibida a divulgação de referências à perturbação da ordem pública e comentários em defesa do comunismo, anarquismo, bolchevismo e tendências separatistas. Não obstante, após a aprovação do decreto 24.776 de 14 de julho de 1934, que passou a regular a liberdade de imprensa, o *Diario* informou aos leitores que sua matrícula estava submetida aos órgãos competentes. Entretanto, o matutino enfatizou que havia diversos jornais e revistas que agiam descumprindo a lei e que, portanto, viviam na ilegalidade e poderiam ser responsabilizados criminalmente pelo uso indevido da prática jornalística.

Aos poucos, as reportagens mudam de forma e conteúdo e o jornal vai deixando de lado as notícias consideradas agressivas para incluir informações amenas, que tratavam de cultura geral. Ao mesmo tempo, em 1939, no contexto da Segunda Guerra Mundial, fica perceptível a diminuição das propagandas. Por outro lado, começam a aparecer com mais frequência os artigos do tipo: *Povo Feliz*; *Viva o Brasil de Ditador a Presidente*; *O bom gosto*, etc. Fato é que o matutino passou a enaltecer o governo central, talvez com o intuito de ser agraciado quando necessário. Contudo, não foram amenizadas as críticas aos representantes dos poderes locais. Portanto, na visão do *Diario de Noticias* era imprescindível firmar-se como um periódico “imparcial, neutro, justo e, acima de tudo, distante dos interesses mesquinhos do dia-a-dia”.⁷²

Além disso, os jornais começavam a realizar comparações entre si, anunciando erros nas publicações, além de insinuar que determinados concorrentes mantinham vínculos político partidário. Diferentemente dos ataques físicos ocorridos contra oficinas no início da década de 1900, o *Diario de Noticias* passou a exigir a profissionalização de jornalistas. Para isto, o impresso solicitava aos órgãos competentes a fiscalização dos pequenos jornais. O matutino considerava que os *jornaizinhos* clandestinos, amadores e irresponsáveis prejudicavam o trabalho da imprensa profissional. Nestas colocações, o DN afirmava que tais impressos tinham duração efêmera, pois seus diretores faziam de tudo para publicar alguns exemplares com contratação de anúncios e conquista de assinantes para depois desaparecerem, levando assim o lucro da “extorsão” praticada contra os leitores. Não obstante, o diretor do *Diario* expressa que tais impressos não deveriam ser reconhecidos como imprensa, pois, além de sobreviverem em anonimato, enganavam os “bons cidadãos”. A fim de defender os interesses

⁷² *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 03 de janeiro de 1937; a proibição das notícias sensacionalistas sobre crimes foi apresentada em 14 de janeiro de 1938; após esta data, o redator do jornal começou a controlar todas as matérias do matutino; CAMPOS, R. D. *Mulheres e crianças na imprensa paulista...* Op. Cit., p.65.

dos periódicos considerados profissionais, o DN convocou os “verdadeiros” jornais de Ribeirão Preto a não permanecerem omissos diante dos erros, das atrocidades cometidas pelos “pequenos jornais”. Suas críticas eram endereçadas principalmente aos impressos anarquistas e comunistas. Sob a ótica do matutino, tais órgãos existiam apenas para espalhar a desordem e o caos social. Portanto, mesmo se afirmando liberal, o *Diario de Noticias* temia a concorrência dos jornais economicamente menores.⁷³

Entre os anos 1939 e 1940, o *Diario de Noticias* passou a publicar notas que esclareciam aos leitores a necessidade de atualizar o preço de seus volumes avulsos e de sua assinatura anual. Um dos motivos frisados pelo matutino era que, naquele momento, o caixa do jornal estava sofrendo as consequências da baixa de assinantes, da diminuição do número de propagandas, ficando a cada dia limitado pelo aumento do valor do papel para impressão e de seus complementos como tintas, máquinas de escrever, etc. Para legitimar o aumento do preço, o *Diario* publicou diversas notas que mostravam que, não apenas ele, mas a maioria dos impressos da cidade realizava a atualização nos preços. Sob esta questão, a imprensa pontuava que em razão da deflagração da Segunda Guerra Mundial o preço dos produtos importados sofria aumentos esporádicos, dificultando a manutenção dos valores antes utilizados.⁷⁴

⁷³ O *Diário de Notícias* considerava “jornalzinho” os pequenos impressos. Isto se deve ao fato de ser de interesse de mercado combater os concorrentes. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 05 de dezembro de 1937; CAMPOS, R. D. *Mulheres e crianças na imprensa paulista...* Op. Cit., p.66; O *Diario de Notícias* se colocando como jornal profissional entendia que em Ribeirão Preto se enquadravam nesta linha o *Diario da Manhã*, *A Cidade* e *A Tarde*; Para mostrar que os redatores não tinham simpatia com o pensamento comunista e socialista, eram divulgadas diversas notícias que traziam referencias a prisão dos partidários ligados a estes pensamentos. Assim foi noticiada a captura de Luís Carlos Prestes preso no Rio de Janeiro. *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 17 de janeiro e 06 e 07 de março de 1936.

⁷⁴ *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 18 de novembro de 1939.

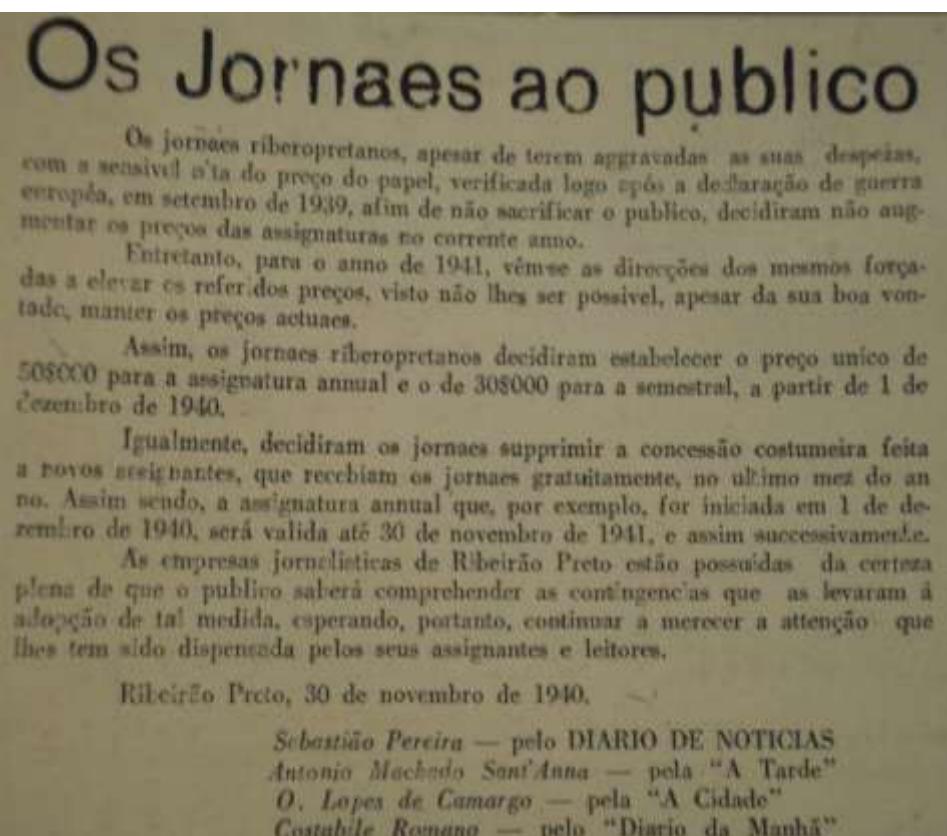


Ilustração 17: Informativo sobre o aumento do custo do papel (Fonte – DN, 1940).⁷⁵

A respeito da mudança de opinião do DN, não foi apenas a família Lisbôa que alterou suas ideias, na verdade, houve um conjunto de alterações internas e externas que levaram a redação a adotar um novo perfil em sua linha editorial. A primeira mudança interna se refere ao fato de que, entre 1935 e 1938, Onésio da Motta Cortez esteve no Rio de Janeiro realizando o curso de bacharelado em Direito pela Faculdade de Niterói. Porém, mesmo distante, enviava semanalmente os textos para serem editados nas colunas. Entretanto, após dois anos de formado, mais especificamente em 21 de maio de 1940, Cortez oficializa sua saída do grupo para adquirir, em parceria com o jornalista Antonio Machado Sant'Anna, o vespertino *A Tarde*. A segunda alteração que refletiu nas linhas do matutino foi Oswaldo da Silva Lisbôa - que na ocasião era o gerente da empresa familiar – e decidiu finalizar os estudos e ingressou no curso de Direito. Para tanto, entre 1937 e 1940 ele teve que residir no Rio de Janeiro para cursar a mesma faculdade que Cortez frequentava. Deste modo, o

⁷⁵ Ilustração 17: Informativo sobre o aumento do custo do papel. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 03 de dezembro de 1940.

comando real do matutino ficou nas mãos de outras pessoas que, por mais que tentassem, não conseguiam realizar o projeto defendido pelos três idealizadores do jornal.⁷⁶

Finalmente, vale refletirmos os motivos que levaram a cidade de Ribeirão Preto, no início do XX, ter uma grande variedade de impressos.

A princípio, as evidências são de que, na passagem dos séculos, a cidade vivia um momento marcado pelo fortalecimento econômico e social das elites letradas, então entusiasmadas pela educação assim como pelos desejos de civilidade e dos princípios de ordem e progresso. A imprensa ribeirão-pretana surge não para suprir a necessidade da informação, mas, sobretudo, para defender os ideais de seus grupos, ou seja, a imprensa do imigrante, das associações sindicais, dos grupos políticos, da Igreja, dos liberais, etc. Cada um com seu público, os jornais disseminavam determinados discursos aos leitores que, por sua vez, atestavam ou repudiavam a ideologia dos impressos. Sob um quadro geral, todos falavam ou narravam para seus pares questões consideradas prementes. Neste sentido, Maria Helena Capelato afirma “que a leitura dos jornais autoriza apurar-se a marcha das ideias transmitidas em determinados períodos, revelando-se assim as complexidades da sociedade”⁷⁷.

A imprensa de Ribeirão Preto, desde o primeiro jornal, proclamava lutar pela informação livre. Todavia, mesmo mostrando um distanciamento partidário, partes destes impressos tinham vínculos diretos e/ou eram de propriedade de políticos. Assim, determinados impressos, utilizaram as páginas dos jornais para desenvolver suas plataformas eleitorais, ganhando simpatizantes, quando não difamando os opositores políticos. Não obstante, a imprensa passa a ter uma forte representatividade social e para tanto buscava forjar opiniões favoráveis a seus princípios. Nos anos 1930, fica subtendido nas páginas do *Diario de Noticias* que, mesmo após a *revolução*, as mudanças políticas se resumiram apenas na alternância dos comandos regionais, estaduais e federal. Entretanto, a base política continuou centralizada nas mãos de poucos brasileiros. Durante a Primeira República, o poder econômico estava sob o comando da aristocracia cafeeira. Após a queda de Washington Luiz, o destino do país ficou nas mãos da nascente classe média urbana, formada basicamente por alguns industriais, bacharéis, comerciantes, pequenos empresários, funcionários públicos, etc. Ou seja, o controle político, econômico e social estava nas mãos dos homens letrados.⁷⁸

⁷⁶ Justa homenagem – Onésio Motta Cortez. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 21 de dezembro de 1938; Oswaldo da Silva Lisbôa. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 17 de dezembro de 1940.

⁷⁷ CAPELATO, M. H. R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto (Coleção Repensando a História), 1988, p.34.

⁷⁸ Cf. FAUSTO, B. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. 12ed. - São Paulo: Cia das Letras, 1994.

Além das modificações ocorridas na política e na economia, a década de 1930 promoveu diversas alterações na vida social e cultural da sociedade brasileira. Como um caleidoscópio com diversas combinações, as pessoas começavam a sentir as mudanças na vida pública e privada. Na rua, na igreja, no trabalho, nas associações, nos clubes, na música, na escola, etc. Era um momento oportuno para as grandes conquistas científicas e os debates sobre as questões morais, as quais nunca antes tinha adquirido tanto espaço. A propósito, a imprensa - como porta-voz de todos os conhecimentos - não esteve ausente, antes, participava ativamente dos mais variados assuntos das relações humanas.



Ilustração 18: Formatos dos jornais locais nos anos de 1930 (Fontes – DM, 1932; A Cidade, 1932; DN, 1938; A Tarde, 1936; A Revolução, 1930; Correio da Tarde, 1934; Diario D' Oeste, 1930).⁷⁹

Portanto, a imprensa teve um papel fundamental na formação das opiniões dos leitores a partir de suas colunas compostas de textos e imagens, nas quais se buscava expressar os projetos político-ideológico de seus grupos. Em Ribeirão Preto, a “grande” imprensa utilizou

⁷⁹ **Ilustração 18:** Formatos dos jornais da imprensa local. a) Página central do *Diário da Manhã*. In: *Diário da Manhã*. Ribeirão Preto, 21 de dezembro de 1932; b) Página central do *A Cidade*. In: *A Cidade*. Ribeirão Preto, 25 de novembro de 1932; c) Página central do *Diário de Notícias*. In: *Diário de Notícias*. Ribeirão Preto, 06 de julho de 1938; d) Página central do *A Tarde*. In: *A Tarde*. Ribeirão Preto, 02 de janeiro de 1936; e) Página central *A Revolução*. In: *A Revolução*. Ribeirão Preto, 14 de novembro de 1930; f) Página central *Correio da Tarde*. In: *Correio da Tarde*. Ribeirão Preto, 03 de outubro de 1934; g) Página central *Diário d' Oeste*. In: *Diário d' Oeste*. Ribeirão Preto, 12 de novembro de 1930; Imagem mostrando alguns jornais de Ribeirão Preto (montagem do autor). Percebe-se neste mural a variedade de impressos realizados na localidade; tal fato, além de evidenciar o desejo pela leitura, demonstra que seria impossível descrever sobre todos os jornais; uns foram fortes financeiramente e conseguiram se manter vivos até os dias atuais - como foi o caso do *A Cidade*. Outros, porém, surgiam com algumas edições e logo enceravam suas atividades. Fato é que a urbe ostentava os requintes de grandeza, e a intelectualidade propagava o ensino diariamente nas linhas da imprensa.

os mais diversos meios para se estabelecer no poder. Deste modo, para compreendermos a atuação dos impressos “é preciso partir do seu interior, de seus próprios protagonistas, nos espaços onde os próprios contextos se constroem”.⁸⁰ Contudo, a escrita da imprensa serve para compreendermos a história do cotidiano e suas singularidades na localidade.

Toda identidade representada nos textos são construções feitas a partir do próprio discurso, por isso, permeável e passível de mover os sentidos. Quando o discurso sai da fala e se transforma na escrita, ele já nasce filiado a uma ideia passível de representações, como se fosse uma teia em que todos os discursos semelhantes se aproximam do centro, afastando-se, nesta ordem, os pensamentos opostos. Assim, a linguagem da imprensa expressa os mais variados pensamentos e desejos da sociedade a qual está e/ou estiveram vinculados.

Por almejarem falar de todos e ensinar sobre tudo, também fica ilustrada nas páginas da imprensa a temática em torno dos homens e das mulheres. No caso específico do *Diario de Noticias*, fica perceptível seu interesse em despertar o consumo nos leitores. Assim, por intermédio das propagandas, artigos e colunas especiais, o matutino difundia as mais diversas representações. Em suas linhas ficavam expressas as sugestões para a *justa medida* dos comportamentos sociais. As constantes prescrições escritas dos letRADOS locais surgiam nas páginas, mirando, sobretudo, um sujeito coletivo, em especial as mulheres. É o que veremos a seguir.

⁸⁰ ESPADA LIMA, H. Parâmetros de um debate In: ESPADA LIMA, H. A micro-história italiana: escolas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.25.

Capítulo III - Mulheres Impressas

3.1 – Educando os olhares na década de 1930

Em uma quinta feira do dia 01 de junho de 1933, o *Diario de Noticias* publicava o artigo *São Paulo e a Mulher*, de autoria da jornalista, professora e política Chiquinha Rodrigues. Neste artigo é apresentado o ambiente urbano da cidade de São Paulo, destacando-se a mulher neste cenário, um de seus mais importantes personagens:

Quanta coisa fizeste em pouco tempo. Casas que demandam o céu, alicieias que buscam insaciáveis as profundezas da terra e chaminés e campos altivados na esplendida epopeia de um povo que sabe querer, na expressão firme de uma raça que, dia a dia, decalca o seu valor, que hora a hora robustece a sua fibra.

S. Paulo, Para onde vaes agora? Qual o teu pensar sobre o caminho a seguir? Repousa o teu futuro, na mulher paulista, velho padrão de gloria do povo bandeirante, desde os velhos tempos.

Pois bem, hoje Ella conquistou novos louros; é mais do que nunca, a filha carinhosa, a esposa terna conselheira, a mãe abnegada, sendo politicada nella se estriba hoje a tranquilidade do teu povo, S. Paulo.

É calma e soridente, e enérgica e combativa é ao mesmo tempo o serão que acalenta e a vontade que exige; é a voz que suplica e a voz que ordena.

Unido, S. Paulo, será a avalanche capaz de levar de vencida todos os empecilhos, disperso o teu povo será apenas uma expressão falha de sua valia.

Quem será capaz de fazer do povo paulista esse milagre?

A mulher daqui. Ella que a sentinella avançada da tua gente, S. Paulo.

Ella é a mãe da própria terra tão zelosa e das tradições que a cercam.

E é neste o elo poderoso e firme que Ella fará de ti o que tu deves ser – grandioso e fidalgo.

Mulher paulista – Sois a flor esplendida da sementeira de sangue; sois a bandeira da nova terra que o 32 purificou a mulher paulista.¹

Independente da retomada da mítica bandeirante e da tão destacada superioridade paulista em relação ao restante da federação, interessa aqui destacar a imagem da mulher enquanto complemento da figura masculina e enquanto esteio do lar e, porque não dizer do Brasil.

Destaca-se ainda, o contexto político relacionado à Revolução Constitucionalista, acontecimento que realmente afetou a vida de muitas paulistas, fossem as residentes na capital ou aquelas que moravam no interior. Elas foram direta e/ou indiretamente envolvidas no conflito: umas trabalhando como costureiras das roupas dos combatentes, outras servindo de

¹ RODRIGUES, C. São Paulo e a mulher. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 01 de junho de 1933. Francisca Pereira Rodrigues, mais conhecida como Chiquinha Rodrigues, era natural de Tatuí, interior do Estado de São Paulo; fundou a *Bandeira Paulista de Alfabetização*, foi eleita deputada estadual nas eleições suplementares de 1936, em 1945 assumiu a prefeitura de sua cidade natal.

enfermeiras, e outras ainda, arrecadando mantimentos. Após o embate, não foram mais as mesmas, pois todos os desejos da década de 1920 pareciam urgentes, tais como o de votar, conquistar maior emancipação, trabalhar fora e outros. Assim, as personagens femininas começam a ter visibilidade em espaços antes masculinos. Um bom exemplo de sua atuação na esfera pública foi a participação no campo educativo. Do início do governo republicano até 1920, elas atuavam, primordialmente, como professoras dos primeiros anos. Expandia-se também, sua atuação como escritoras, jornalistas, modistas de revistas, dentre outras funções.²

Tornava-se notória neste período a saída das mulheres da esfera domiciliar para atuar na vida pública. Por sua vez, a imprensa colaborava com tais rupturas, abrindo espaço para proliferação de colunas cujo público era do gênero feminino, com assuntos ligados à culinária, colunas sociais, horóscopos, dicas de moda, conselhos de beleza, etc.³

Em Ribeirão Preto, compuseram-se propagandas dirigidas por e para as elites letradas (médicos, advogados, engenheiros, professores, etc.), que buscavam normatizar as práticas da sociedade. As informações sobre o cotidiano local eram discutidas por intermédio da imprensa, que buscava adequar o comportamento das mulheres - ricas, pobres, religiosas e/ou donzelas - na tentativa de organizar o espaço público segundo as concepções comungadas entre iguais.

² Cf. FAUSTO, B. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. 12ed. - São Paulo: Cia das Letras, 1994; Cf. RAGO, L. M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

³ “A socialização do espaço público se concretizou. Homens e mulheres passariam a viver outras práticas. As ruas ganharam novas dimensões. O que antes se apresentava como um espaço geograficamente masculino a partir de agora permitia que as mulheres ganhassem maior visibilidade e pudessem expressar formas de resistência, evidenciada pelos flashes furtivos dos fotógrafos em seus instantâneos, atestando outros ritmos da cidade”. In: POSSAS, L. M. V. *Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista*. Bauru: EDUSC, 2001, p.196; Cf. HALL, C. *Sweet Home*. In: PERROT, M. (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. V.4. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p.53-87.



Ilustração 01: Dicas de bordados para as leitoras (Fonte – DN, 1939 e 1932).⁴

Nas páginas da imprensa local eram propagados determinados ensinamentos dirigidos principalmente ao público feminino. Assim, o *Diario de Noticias* orientava as senhoras e as senhoritas sobre a compra de materiais para bordar e por intermédio de suas colunas, as mulheres podiam aprender os mais variados desenhos e uma infinidade de pontos. Além de ensinar estes bordados, o *Diario* repassava dicas sobre como tricotar e costurar com perfeição os enxovals de noivas, de crianças, as almofadas, os guardanapos, etc.⁵ As dicas de bordados para as leitoras faziam parte dos ensinamentos informais, que miravam as mulheres. Portanto, conforme afinal demonstrou Campos, em relação à imprensa paulista, eram propagadas certas idealizações sobre o universo das mulheres:

Construído e legitimado pelos cronistas daqueles tempos, aparecia quase que diariamente retratado em contos, textos informativos, poemas legeiros ou propagandas, bem como em notícias rápidas e também, destacadamente, em longos artigos escritos pelos homens da região a respeito da “nova mulher” ou “muié”, dependendo do registro.⁶

A imprensa passou a ser portadora de uma variedade de valores relacionados à temática feminina. Ao mesmo tempo, reforçava determinadas representações sobre aquilo que era considerado novo perante práticas tidas como antigas, criando assim um constante diálogo entre o público conservador e aqueles que aceitavam facilmente as transformações sociais e culturais, mostrando e ensinando as mais diversas maneiras de se portar em público. Nos salões de beleza e/ou na convivência em grupos de amigas, as mulheres deveriam melhorar

⁴ **Ilustração 01:** Dicas de bordados para as leitoras. **a)** Um pouco de tricot. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 26 de setembro de 1939; **b)** Senhoras. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 02 de fevereiro de 1932.

⁵ Cf. BUITONI, D. H. S. Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

⁶ Cf. CAMPOS, R. D. *Mulheres e crianças na imprensa paulista...* Op. Cit. p.81.

sua aparência, transformando sua imagem com o vestuário ditado pela moda e, sobretudo, com a participação cada vez mais representativa na sociedade de consumo. Assim, a dona de casa passava a assumir a dupla jornada. Uma, em serviço assalariado e outra praticada nas atividades diárias do lar. Mesmo conquistando espaço público, ainda lhe era cobrada a realização das tarefas tipicamente femininas.⁷

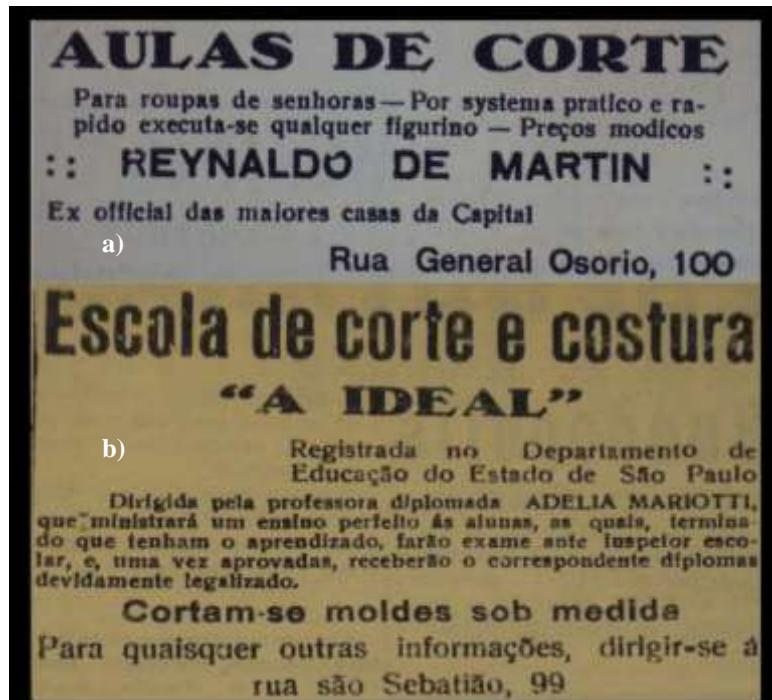


Ilustração 02: Escola de corte e costuras (Fonte – DN, 1932 e 1933).⁸

Interessante destacar que uma das profissões mais recomendadas às mulheres pobres era a de costureira, sendo que a maioria das escolas mantinha a direção feminina. Por outro lado, iniciava-se o processo de difusão de imagens sobre mulheres - rápidas, sedutoras, fascinantes - conforme as publicações que compunham com sua beleza o símbolo do progresso e da civilidade desejadas naquele momento histórico de Ribeirão Preto.

⁷ Sobre a temática feminina, desde a década de 1910 começaram a circular no Brasil algumas revistas destinadas exclusivamente às mulheres, e/ou parte delas fazia referência a suas leitoras; no caso dos jornais, a novidade eram os suplementos que traziam os mais diversos gêneros textuais com artigos, imagens, fofocas, modelos de vestimentas, adequando-se assim o perfil editorial a um público em constante crescimento. BUITONI, D. H. S. Mulher de papel... Op. Cit., p.55-64; É possível encontrar estas referências em períodos anteriores, principalmente quando o foco é a Europa e/ou alguns grandes centros do Brasil.

⁸ **Ilustração 02:** Escola de corte de costuras. **a)** Escola de corte de costura Reynaldo de Martin. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 05 de abril de 1932; **b)** Escola de corte e costura “A Ideal”. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 08 de agosto de 1933.



Ilustração 03: Vestimentas femininas (Fonte – DN, 1932 e 1936).⁹

Nas páginas dos jornais, cenas envolventes de mulheres vestidas à moda europeia e norte-americana predominavam, assim como as curvas do corpo em S, definindo a silhueta feminina. Rostos levemente realçados por cores e brilhos, chapéus enfeitados, cabelos esteticamente trabalhados. Os exemplares dos jornais mostram que as mulheres começavam a participar de passeios nas praças, bailes, reuniões femininas, teatros e cinemas.¹⁰

A moda feminina acaba se aglutinando à ideia do “novo”, modificando-se juntamente com o refinamento dos modos e da vida social bem como pela idealização propagada e difundida por determinados grupos. Passava a ser especialmente, um símbolo de classe e essencial para a diferenciação da pessoa. Passava a ser tomada como um aspecto que distinguia os indivíduos uns dos outros. Por meio dos gestos, das posturas, da higiene e das roupas, a moda definia quem alcançara o estágio de educação/civilização.

⁹ **Ilustração 03:** Vestimentas femininas. **a)** Modelo de vestimenta feminina. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 08 de setembro de 1932; **b)** Ferro de passar roupa In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 14 de outubro de 1936; **c)** Modelo de vestimenta feminina. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 21 de agosto de 1932.

¹⁰ FRANÇA, J. L.; APARÍCIO, L. R. *Novos Hábitos...* Op. Cit., p.342.

No final das décadas de 1920, especialmente nos anos 1930, ganha força o traçado de vestimentas que mostravam leveza. Ao mesmo tempo, as saias - que anteriormente iam até o tornozelo - começaram a ser reduzidas, transformando-se em saias curtas com comprimento próximo aos joelhos. Para destacar a beleza feminina, os cabelos seguiam a linha reta das vestimentas. Eram realizados cortes e ondulações nos cabelos, os quais realçavam o brilho e as curvas das mulheres. Deste modo, a roupas eram feitas para se ajustar ao corpo, permitindo definirem-se ombros e quadris, especialmente das moças altas e magras. Para mulheres e homens que não eram esbeltos, era difundido o uso das cintas para redução de barriga e modelagem corporal. Esta peça íntima prometia emagrecimento saudável, sendo indicado seu uso diário, de modo que o “estômago dilatado” e o “ventre caído” fossem corrigidos, retornando ao devido lugar. Por fim, ela prometia bem-estar físico e estético aos usuários.¹¹



Ilustração 04: Cinta de modelagem corporal (Fonte – DN, 1934).¹²

¹¹ Cf. VIGARELLO, G. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje*. Tradução Léo Schlafman, Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

¹² **Ilustração 04:** Cinta de modelagem corporal. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 24 de abril de 1934.

Não apenas a moda feminina era alterada, também surgiam novos espaços de sociabilidade. A historiadora Maria Ângela D'Incao escreve que as mulheres, principalmente das elites, passaram:

a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada.¹³

Surgiam ocupações destinadas à mão de obra das mulheres como balconistas, telefonistas, enfermeiras, operárias da nascente indústria e, principalmente, como professoras primárias, função que, segundo notas do matutino, era capaz de facilmente lhes seduzir, pois o magistério era tratado como um prolongamento da esfera maternal. Nestas linhas, eram indicados às mulheres os serviços de assistência social ligados à maternidade e à infância. Por outro lado, apesar dos artigos que defendiam a participação feminina na vida pública, não faltavam notas que alertavam as leitoras para que não se esquecessem do dever do lar e do compromisso com marido e aos filhos.¹⁴ Sobre as atividades femininas Margareth Rago mostra que:

Nas cidades elas trabalhavam também no interior das casas – como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras, governantas - em escolas, escritórios, lojas, hospitais, asilos ou, ainda, circulavam pelas ruas como doceiras, vendedoras de cigarros e charutos, floristas e prostitutas. Entre as jovens que provinham das camadas médias e altas, muitas se tornavam professoras, engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais, como a famosa feminista Bertha Lutz. Aos poucos, as mulheres iam ocupando todos os espaços de trabalho possíveis.¹⁵

¹³ D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 228.

¹⁴ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 25 de março de 1936.

¹⁵ RAGO, M. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil...* Op. Cit., p.603.



Ilustração 05: Propaganda da máquina de escrever Royal (Fonte – DN, 1940 e 1932).¹⁶

De modo geral, o *Diario de Noticias* divulgava uma variedade de propagandas endereçadas especialmente às mulheres, como aquelas que solicitavam a prestação de serviços de empregadas domésticas, parteiras, amas de leite e para o comércio, entre outras atividades

¹⁶ Ilustração 05: Propaganda da máquina de escrever Royal. a) Escola de Datilografia A. E. C. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de outubro de 1940; b) Machina de escrever marca Royal. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 03 de dezembro de 1932.

femininas. Mas, as propagandas inovadoras sobre oportunidades de empregos eram aquelas que chamavam a atenção dos leitores para a realização dos cursos profissionalizantes, os quais prometiam às leitoras habilitá-las para assumir novas funções no mercado de trabalho.



Ilustração 06: Ex-prefeito João Rodrigues Guião e família. Fonte APHRP (Rainero Maggiori, 1920/1930).¹⁷

Entre os artigos e as crônicas, estavam dispostas nas páginas do *Diario de Notícias* as propagandas das escolas profissionalizantes, especialmente de datilografia, as quais chamavam a atenção pela estética visual e formato das letras. Nelas buscava-se convencer as leitoras sobre a necessidade de aprender a utilizar as máquinas de escrever dos mais variados modelos. Além de o matutino apresentar tais escolas, divulgava a venda das máquinas, que prometiam satisfazer os chefes por serem duráveis e silenciosas. As propagandas prometiam ainda que elas auxiliariam as operadoras por serem de fácil manejo e realizarem excelentes trabalhos. Para a função de datilografa, o alvo do mercado de trabalho eram as mulheres, como fica evidenciado na *propaganda da máquina de escrever Royal* e na foto do *ex-prefeito João Rodrigues Guião*, com sua esposa, filhas e genros. Além do mais, posar ao lado de uma máquina de escrever era mostra de que o chefe familiar tinha condições econômicas de

¹⁷ **Ilustração 06:** Ex-prefeito João Rodrigues Guião e família. Sentado na segunda cadeira da direita para a esquerda João Baptista da Cruz Rodrigues Guião ao seu lado sua esposa Umbelina Vieira de Andrade Palma Guião dessa união nasceu 09 filhos: Alcides Palma Guião, Acácio Palma Guião, Euclides Palma Guião, João Palma Guião, Francisca Palma Guião, Manoel Palma Guião, Edith Palma Guião, Iná Palma Guião e Alcindo Palma Guião. (Todos estão com os respectivos nomes de nascimento). Foto da década de 1920/1930, fotografada por Rainero Maggiori; Entre as obras deste memorialista, destaca-se: Cf. GUIÃO, J. R. (Org.). *O município e a cidade de Ribeirão Preto na comemoração do 1º. centenário da independência nacional (1822-1922)*. Ribeirão Preto: [s.n.], 1923. O livro é uma obra comemorativa do centenário da Independência do Brasil (1822-1922) e evidencia as transformações realizadas na cidade, principalmente nas primeiras décadas do século XX.

adquirir produtos aclamados como sinônimo de civilidade. Não obstante, o impresso, além de incentivar a educação das mulheres, divulgava a necessidade de elas realizarem os cursos profissionalizantes a fim de se adequarem ao mercado de trabalho. Neste caso, fica perceptível que o ensino de datilografia tinha como alvo o público feminino. Pesavam nesta seleção suas supostas habilidades inatas com os trabalhos manuais. Além disso, o ofício exigia paciência, delicadeza e atenção, atributos reconhecidos especialmente como femininos. A ilustração da propaganda da máquina de escrever Royal, além de mostrá-la como um símbolo moderno, a mulher representada ostenta sinais do conservadorismo, principalmente pela posição da cabeça inclinada e pelo vestido que cobre o pescoço. Contudo, também eram publicadas notas que salientavam a atuação das mulheres na área da saúde. Assim se pode concluir que, em relação à educação feminina, no espaço público eram indicadas posturas e vestimentas adequadas às boas maneiras e aos padrões considerados toleráveis, não obstante os cursos eram oferecidos segundo as concepções modernizadoras da época.

Na medida em que elas conquistavam novos postos de trabalhos, também passaram a ocupar funções múltiplas: acordar de manhã, se preparar para ir ao trabalho, à escola, ao teatro, passear pelas calçadas das praças públicas, encomendar a vestimenta nas costureiras, frequentar as aulas particulares de música, participar das reuniões de grupos de amigas e das associações de trabalho, etc.¹⁸



Ilustração 07: Participação feminina em novos espaços de sociabilidade. Fonte APHRP (Fotógrafo não localizado, 1936/1940).¹⁹

¹⁸ Cf. PERROT, M. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998; A autora mostra como foi construída a participação das mulheres no universo público e, ao mesmo tempo, analisa os lugares próprios em que elas se encontravam, isto, a partir de entre os séculos XVIII e XX. Portanto, a entrada das mulheres no cenário urbano, além de ser uma conquista feminina, é uma construção histórica.

¹⁹ **Ilustração 07:** Participação feminina em novos espaços de sociabilidade. **a)** Vista do salão da Choperia Pinguim, localizada no Edifício Diederichsen. **b)** Zoom em um grupo de mulheres reunidas no salão da Choperia Pinguim. Foto de 1936/1940, fotógrafo não localizado, snd.

Além da participação feminina no mercado de trabalho, era visível a entrada de mulheres nos locais de lazer, fossem eles os clubes, as sorveterias, as cafeterias, os restaurantes ou bares. Conforme mostra a ilustração, aparentemente a sociedade passava a aceitar a entrada das mulheres nos domínios masculinos.

Neste cenário também era destacada nas páginas do *Diario de Noticias* a luta pela igualdade jurídica, pela educação formal, pelos direitos trabalhistas, pela legalização do voto feminino e pelo divórcio. Em 24 de fevereiro de 1932, com o código eleitoral provisório (Decreto 21076) foi autorizado o direito ao voto. Entretanto, este decreto permitia somente a algumas exercerem o sufrágio, tais como as casadas mediante autorização do marido, as viúvas e as solteiras que comprovassem renda. No segundo semestre de 1934, o impresso publicou diversos artigos referentes ao tema que evidenciavam o empenho da FBPF* - *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*, na luta pela conquista do direito ao voto.

Para auxiliar na divulgação do movimento em locais distante dos grandes centros, a FBPF contava com a colaboração de mulheres estrategicamente escolhidas na cidade. Ainda no impresso, difundiam-se notas que citavam as conquistas femininas como *vitória de Eva*, com representações femininas no Legislativo, no Judiciário e na esfera administrativa. Assim, a redação do DN afirmava que as mulheres poderiam ser eleitoras e eleitas, mas que deveriam tomar cuidado para que essas conquistas não prejudicassem os deveres do lar, do bem-estar dos que necessitavam de seu carinho, dos cuidados com a família e da assistência aos necessitados. Portanto, o matutino defendia o voto feminino, pontuava que este era um ato de interesse nacional e que as mulheres deveriam cumprir o dever cívico, tornando-se verdadeiras cidadãs. Mas, mesmo com tais direitos, elas tinham a tarefa de respeitar as determinações do saber masculino e defender a família e o Estado.²⁰

Em Ribeirão Preto, durante a década de 1930, não houve participação das mulheres no cenário político. Suas atividades eram destacadas nas áreas da educação como professoras e/ou diretoras de colégios e instituições de assistências sociais dirigidas por religiosas ou leigas, tais como as realizadas nos estabelecimentos “Colégio Santa Úrsula, Nossa Senhora Auxiliadora, Colégio Metodista, entre outras”.²¹ No mais, sua participação passava a ser incentivada como eleitoras. O DN, por exemplo, solicitava a colaboração feminina na escolha

* A FBPF foi criado em 1922 por Bertha Lutz e: “pretendia, entre outras coisas, promover a educação e profissionalização das mulheres”. SOUSA, L. G. P; SOMBRIOS, M. M. O; LOPES, M. M. Para ler Bertha Lutz. In: *Cadernos Pagu* (UNICAMP), Campinas, v. 24, 2005, p.316.

²⁰ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 19 de agosto de 1934; 25 de março de 1936 e 18 de janeiro de 1933.

²¹ Cf. MELLO, R. C. *As flores do Café*: por uma história das mulheres de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011, p.54.

consciente dos representantes políticos. A este respeito, para defender os interesses das mulheres católicas, a LEC (*Liga Eleitoral Católica*) inaugurou, no dia 17 de janeiro de 1933, um posto de qualificação eleitoral destinado às eleitoras da localidade, em prol da defesa do voto feminino e a fim de que elas se posicionassem contrariamente à aprovação do divórcio. Além disso, os grupos religiosos não aceitavam a emancipação irrestrita das mulheres. Para eles, o projeto de separação dos cônjuges deveria ser combatido como a grande chaga nacional. Enfatizava-se também que a aprovação deste projeto provocaria a destruição da “boa família” brasileira e dos costumes moralizantes, levando a sociedade a um período obscuro. Por sua vez, a LEC foi criada em 1932 “por intermédio do Centro Dom Vital, pelos esforços de Alceu Amoroso Lima, padre Leonel Franca e Dom Sebastião Leme”²², e tinha como finalidade orientar e ensinar os católicos a se organizarem politicamente e a formar a consciência política assim como a da necessidade do voto.

A fim de mobilizar um número expressivo de votantes, a LEC convocou a família ribeirão-pretana para prestigiar o comício em defesa da Constituição Federal e da dignidade do povo paulista. Assinaram o manifesto mulheres de forte influência na sociedade local, tais como Annita Procópio Junqueira, Maria das Dores Gomes de Mattos, Elza Pompeu de Camargo, Rita de Andrade Junqueira, Amélia Junqueira, Maria Conceição Procópio Ferraz, Yolanda Meira de Camargo Penteado, Maria de Carvalho Rocha, Anna Junqueira Lobato, Eloíza Maciel Bittencourt, Maria Roselino, Francisca Rodrigues da Silva, Sylvia Lobato Soulié, Laura Lobato Uchôa e Eliza Barracchini. Com tais assinaturas, o impresso mostrava à sociedade que era necessário unir forças pela defesa do projeto católico.²³

Não obstante, com o propósito de saber a opinião dos leitores a respeito do divórcio, o *Diario de Noticias* entrevistou uma mulher, mas manteve o nome desta no anonimato, descrevendo-a como senhorita XPO, de 25 anos. Daí, somos remetidos a um ambiente em que os matrimônios são extremamente valorizados, especialmente pelas mulheres:

Porque motivo as mulheres apesar de sacrificadas na sociedade matrimonial,
são contra o divórcio ao passo que os homens, os beneficiados nessa mesma
sociedade, o defendem?

²² *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 02 de fevereiro de 1933 e 17 de janeiro de 1933; Sobre a LEC ver os trabalhos de Renato Augusto Carneiro Junior. CARNEIRO JUNIOR, R. A. A Liga Eleitoral Católica e a Participação da Igreja Católica nas Eleições de 1954 para a Prefeitura de Curitiba. In: *História. Questões e Debates*, Curitiba, v. 55, n 2, 2011, p.138. Disponível em:

<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/26544/17692>> Acessado em: 07 de Agos. 2012; Cf. CARNEIRO JUNIOR, R. A. *Religião e Política: a Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições 1932-1954*. Dissertação de Mestrado em História, UFPR - Universidade Federal do Paraná, 2000.

²³ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 21 de fevereiro de 1932;

Será por um principio religioso ou por uma questão social?
Em seguida respondeu a senhorita?!

Não se trata de questão social ou, religiosa.

O assumpto é profundamente feminino. Não procedemos assim por motivo religioso, pois, se fora isso, deixaremos de ir aos cinemas, aos bailes e a outros divertimentos que não deixam de ser proibidos pela austera moral religiosa. No entanto, como você sabe, vamos aos cinemas, assistimos às fitas impróprias para senhoras e senhoritas e dançamos todos esses bailados modernos que tanto desespero causa aos moralistas.

A questão é feminina e se funda num princípio de egoísmo. Como você sabe, os casamentos estão difíceis. Os homens, cada vez mais estúpidos, não querem casar-se, de modos que o casamento tornou-se dificílimo. A mulher, não pode procurar marido. Ao contrário, tem que esperar que este lhe apareça, que a procure. Para ser exacta, devo dizer que a mulher que se casa terá uma verdadeira sorte que é alguma cousa semelhante ao prêmio da loteria.²⁴

É oportuno analisar o direcionamento, sobretudo, no que diz respeito ao público feminino. A resposta exposta carrega questões pertinentes à cultura familiar, em especial as construídas e desenvolvidas no mundo ocidental.²⁵

Em relação ao divórcio, as respostas dadas pela “entrevistada” podem ser entendidas a luz de seu contexto. Para tanto, existiam artigos no *Diario de Noticias* que o mostrava como a “Chaga social”, e outros enfatizavam: “Sim o divórcio virá!”.²⁶ Sobre este tema, devemos lembrar que nos anos 1930 o casamento era tratado como algo indissolúvel. A este respeito, Gustavo Capanema defendia que:

A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base de nossa organização social e por isso coloca sob a proteção especial do Estado. Ora, é a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói. Ao Estado, pois, compete, na educação que lhe ministra prepará-la conscientemente para esta grave missão.²⁷

A partir daí, também emergem ensinamentos para as *mujeres modernas*, como observado no decálogo abaixo:

I – Amarás a ti mesma e ao teu prazer sobre todas as coisas. (Não há nada no mundo que compense o sacrifício de nos contermos a nós mesmas nos impulsos e nos nossos desejos. Se deu vontade, faz-se. Consequências? Mas devemos ter a coragem de arrostá-las e a habilidade de vence-las).

II – Não te encomodarás com o que fallarem de ti. (Não se acredite na sinceridade dos que criticam. Os que vivem a se preocupar com a vida dos

²⁴ A questão do divórcio. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 30 de abril de 1933.

²⁵ Cf. CAULFIELD, S. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro 1918-1940*. Campinas: Unicamp, 2000.

²⁶ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de janeiro de 1933 e 23 de fevereiro de 1933.

²⁷ CAPANEMA, G. Conferencia proferida por ocasião do centenário do Colégio Pedro II, 2 de dezembro de 1937. GC/Capanema, Gustavo, 02.12.37, série pi. Apud SCHWARTZMAN, S. et al. (Org.). *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, São Paulo: Edusp, 1984, p.107.

outros descobrindo falhas, são sempre seres inferiores. Criticam, apenas, por maldade. Se amanhã a oportunidade lhes chegar, farão igual ou pior).

III - Cultivarás como melhor puderest a tua mocidade e a tua belleza. (A juventude e a formosura são as duas principais armas da mulher. A sagacidade que lhe é necessária para melhor vencer, vem em terceiro lugar. A mulher feia pode ter a astucia que tiver. Não lhe adiantará de nada. A mulher se impõe, antes e acima de tudo, é pelos seus encantos pessoais, é pela sua atração phisica).

IV – Não darás golpes em vão. (Os golpes errados são horríveis. Coisa nenhuma como elles para atrazar a vida de uma criatura. Os golpes devem ser desferidos com intelligencia, segurança e presteza, mas na hora certa para serem decisivos).

V – Conservarás sempre o teu bom humor. (Não conheço maior inutilidade do que a gente irritar-se com as coisas. Para que? Se não se consegue, com isso, remediar a situação? A mulher não deve nunca aborrecer-se, mas, ao contrario, manter sempre, invariáveis, a sua jovialidade, a sua alegria, a doce serenidade da sua expressão).

VI - Não ligarás aos contratempos da vida. (Para isso é preciso que se tenha uma grande coragem moral e uma grande superioridade espiritual. Quando nos acontece um revés que não se pode concertar, não adeanta, ficarmos parado... Passaremos adiante e faremos jeito de que outro não nos suceda. A vida não é feita somente de coisas que agradam. Devemos ter a inteligência de compreendê-la).

VII – Não casarás. (O casamento foi inventado pelo homem para escravizar a mulher, ao tempo em que o homem tinha direito a tudo e a mulher não tinha direito a nada. Agora que as mulheres não se conformam mais em não fazer o que os homens fazem, mas elles vedam, elles vão perdendo, também, o gosto do matrimonio... O casamento é a pior espécie de prisão perpetua que existe. Não foi Deus que o criou. Foi o homem e por conveniência própria. Basta isso para defini-lo. Quando Deus fez Adão, não lhe deu uma esposa, deu-lhe uma mulher, uma companheira. Eva nunca foi casada).

VIII – Não te apaixonarás. (Mulher que se deixa prender, está perdida. A mulher deve fazer-se apaixonar-se. Deve deixar que os homens se prendam a ella, e não que ella se prenda aos homens. Nisso residirá a sua força. O homem passa logo a interessar-se pelas “outras” mulheres, no dia em que sabe “aquellea” já segura...).

IX – Manterá acima de tudo a tua independência. (A liberdade é tudo na vida. Ninguém deve deixar-se dominar. A mulher não tem somente o direito, ella tem o dever de reagir, sempre que queiram submetter. A mulher deve collocar intangível a sua independência, sustentando-a e defendendo-a á custa de todo o sacrifício e sofrimento).

X – Será sempre optimista. (O pessimismo não constrói. Abate. O pessimismo é próprio dos fracos, dos que confiam em si mesmo. Um dos grandes segredos da Victoria na vida consiste no optimismo. O optimismo é a fé e a esperança conjugadas. Ser optimista é andar para a frente, é ter a vista larga, a intelligencia clara, a confiança certa no triunho e na felicidade).²⁸

²⁸ MONIZ, H. Os dez mandamentos da mulher moderna. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934.

Antes de salientarmos os ensinamentos dirigidos às *mujeres modernas*, mostraremos outro decálogo, que ao contrário do anterior, é direcionado às *mujeres casadas*:

I – Amar o seu marido sobre todas as coisas.

II – Não perguntar nunca onde elle esteve mesmo porque, uma resposta mentirosa é fácil de arranjar...

III – Não ser amável demasiadamente, pode se tornar importuno...

IV – Conservar sempre a phisionomia alegre para desarmar as tempestades que possam estar em formação...

V – Conservar entre ambos uma linha divisória que não permitta uma intimidade excessivel. Tanto o homem como a mulher, precisa ter um lado do caráter desconhecido para entreter o fogo sagrado do mysterio.

VI – Não relaxar nunca na toilette, não se mostrar como é na realidade, lançar mão dos artifícios, mesmo quando estiver doente, mesmo, de cama, conservar o rouge, as fitas, as roupas elegantes e a boa água da Colonia...

VII – Não dizer palavras fortes e ásperas, mesmo com raiva. Quando a cólera for excessiva, feche-se no quarto de seus nervos, depois appareça com a phisionomia tranquilla. Diante dos filhos, do marido, dos criados, a alegria, custe o que custar!

VIII – Evitar falar e agir frequentemente com energia. A força moral só se obtém quando não se abusa della...

IX – Procurar ser branda, dócil, dedicada affavel e, principalmente meiga. O Homem, apezar das suas fanfarronices, deixa-se levar sempre pelo coração. A mulher que quiser lutar com o marido pela razão sahe perdendo. A arma da mulher é o carinho directo ou indirecto. As vezes, o segundo dá melhor resultado....

X – Há homens que se prendem a mulher pela graça, pelo espírito, pela alegria e jovialidade, por essa inquietante mutação bem feminina. Outros, admiram a mulher pelas suas qualidades graves, sensatas, pela neutralidade que elles sabem conservar em tudo. Alguns, amam na mulher a sua futilidade, as quinquilharias que usa as lagrimas que chora para obter um vestido ou um chapéo. Muitos outros se prendem á mulher porque esta sabe preparar um prato do seu agrado, apresenta um menú dos seus sonhos, faz doces como elle gosta...

Esses são os taes que morrem pela bocca. E nessa lista de bem querer, a mulher deve adaptar-se a sua preferência. Se esses mandamentos forem observados, a felicidade conjugal ficará estabelecida.²⁹

Ambos os decálogos ensinam, prescrevem e dizem às mulheres: “Seja assim...”, ou livres no mundo público e/ou donas de casa, mas “Sejam assim...”. Todavia, tanto nos mandamentos das *mujeres modernas* quanto no das *mujeres casadas* fica ilustrada a construção de um manual para a vida feminina. Além disso, estes pretendiam ensinar as maneiras de como realizar as atividades cotidianas tanto do universo público quanto do espaço privado.

No decálogo das *mujeres modernas*, evidencia-se que elas deveriam saber utilizar os atributos necessários para agradar às mais diversas pessoas, cabendo-lhes aprender a manter a

²⁹ Decálogo para a mulher casada. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de agosto de 1939.

elegância, a delicadeza, entre outros adjetivos julgados necessários para sua participação no mundo do trabalho. No mais, o impresso transmitia uma educação baseada nas boas maneiras, as quais as mulheres deveriam observar para as possíveis adequações em seu cotidiano. Além disso, era necessário aprender a se expressar de forma clara e objetiva, buscar uma boa postura em público, utilizar os adereços adequados a cada ambiente. Em constante autocontrole elas deveriam saber escolher as vestimentas para cada momento, seja para uma ocasião social, no trabalho, na igreja, no lazer, etc. Para cada espaço era indicada uma vestimenta e uma postura apropriada.

No decálogo das *mulheres casadas*, a discussão está em torno da vida privada, ou seja, do ensino das rotinas diárias do “lar feliz”. Nesta esfera, o *Diario de Noticias* reafirmava às mulheres a necessidade de manter uma vida ativa no lar, de serem “boas esposas” e mães, preceitos estes necessários para aquelas que almejavam formar uma família. Para tanto, caberia às donas de casa/trabalhadoras saber lidar com as tarefas diárias. Mas, elas não poderiam se esquecer de suas rotinas dentro do lar, seja enquanto educadoras dos filhos, no preparo dos alimentos, limpando, lavando e passando as roupas do marido e filhos no espaço familiar. Por fim, seja no ensino formal, realizado nas escolas e/ou pela educação informal manifestada especialmente por meio da imprensa, a família recebia uma atenção especial. Para isso, ambas as esferas repassavam às mulheres os cuidados que deveriam ser dedicados a suas emoções e sensibilidades, práticas estas que poderiam ser oferecidas pelas atividades artísticas e manuais. A este respeito, Cynthia Greive Veiga esclarece “que as mulheres também deveriam ter uma educação estética, como condição de uma formação integral e útil à família e ao lar”.³⁰

O *Diario de Noticias* vivia assim uma dualidade na idealização feminina, ora pregava a liberdade às leitoras, ora reforçava que a atuação delas deveria acontecer especialmente na esfera do lar. Se no decálogo das mulheres modernas as leitoras tinham certa autonomia, no das mulheres casadas recomendava-se como fundamental que as companheiras amassesem os maridos e permitissem a liberdade deles. Para tanto, ainda deveriam conservar uma boa aparência, evitar palavras ásperas, buscar sempre ser gentis e meigas. Ensinava desta forma, que não eram apenas as qualidades culinárias que iriam segurar o matrimônio e sim a

³⁰ Segundo, Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, as mulheres deveriam manter o *lar feliz*, para tanto, teriam que organizar seu tempo nas realizações das tarefas cotidianas do lar, organizando, limpando, etc. Cf. MALUF, M., MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida Privada no Brasil...* Op. Cit., p.406-407; VEIGA, C. G. Educação estética para o povo. In: LOPES, E. M. T. et al. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.408.

observação da lista de preceitos que tornaria feliz a vida conjugal. No mais, o impresso transmitia uma educação baseada na boa etiqueta, a qual as mulheres deveriam observar cotidianamente.

Em conformidade com o manual das mulheres casadas, a imagem abaixo ilustra a construção em torno da ideia que vinculava as mulheres como responsáveis pela paz e aconchego do lar.



Ilustração 08: Cotidiano familiar (Fonte - DN, de 1935).³¹

Nota-se na imagem o retrato do espaço privado. Neste, o pai aparece em destaque. Ele está concentrado na leitura de um jornal, em posição de autoridade. Todo o restante da família gira em torno dele.

Por intermédio da análise do DN, percebe-se que os redatores reforçavam as concepções hegemônicas sobre a educação feminina. Para tanto, ajustavam os valores aceitos socialmente às novas aprendizagens. Mas, fica destacada nas páginas do impresso a valorização da família. Na visão do matutino, ser mãe era estar preparada para cumprir as regras estipuladas e esperadas pela sociedade e pela Igreja, que requeria das mulheres devoção, obediência e dedicação para ensinar a doutrina cristã a sua prole. Logo, os filhos seriam um espelho que refletiria a imagem da mãe. Dar à luz era considerado um ato nobre, pois expressava a forma adequada de vida sexual para aqueles que estavam ligados ao matrimônio. Tratava-se do coroamento da vida das mulheres.

³¹ **Ilustração 08:** Cotidiano familiar. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 17 de outubro de 1935.

3.2 – As propagandas e seus ensinamentos

Conforme já foi mencionado, as propagandas publicitárias, além de contribuírem para a renda dos impressos, deveriam fomentar o desejo dos leitores, que se empenhavam por adquirir determinados produtos. Exemplo disso era a coluna *Palcos e Telas*, do *Diario de Noticias*, que mostrava especialmente sinopses dos filmes apresentados nos cinemas, assim como os espetáculos teatrais locais, regionais e nacionais, além de discutir sobre as artes em geral. Tudo misturado a um sem número de anúncios.



Ilustração 09: Filmes de Hollywood (Fonte – DN, de 1933 e 1937).³²

Os filmes de *Hollywood* ocupavam páginas inteiras do matutino. Na década de 1930, eram constantes os temas que traziam como personagens principais as mulheres, tais como *Quando a mulher quer* - com Billie Dove e Chester Morris; *A valsa do champagne* - com Gladys Swarthout e Fred MacMurray. A este respeito, Jane Soares de Almeida, mostra que:

O cinema atuava nas mentalidades, ditava modas, alterava os costumes e transpunha as fronteiras do mundo provinciano, agindo sorrateiramente nas simbolizações e nas expectativas acerca dos papéis sexuais. Ao desvendar novos espaços femininos, também veiculava comportamentos que os segmentos conservadores da sociedade consideravam nocivos para a boa formação das moças, pois expunha modos de agir e pensar incompatíveis com uma sociedade que se queria o mais moralizada possível. Porém, o seu apelo tornou-se irresistível e as mulheres identificaram-se com as estrelas

³² Ilustração 09: Filmes de Hollywood. a) Quando a mulher quer. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 04 de fevereiro de 1933; b) A valsa do champagne. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 17 de junho de 1937.

tornadas próximas pelo cinematógrafo e deslumbraram-se com as vidas dos heróis e dos grandes amantes das telas.³³

Deste modo, a cinematografia passava a influenciar inúmeras pessoas a partir das ações dos atores, que vestiam e vendiam produtos de consumo, inovando os hábitos de multidões. Com o poder do cinema de alcançar diversas pessoas em curto tempo, as empresas passaram a vincular seus produtos à imagem e/ou ao nome dos artistas. Nesta linha, o creme dental *Kolynos* transmitia às leitoras os passos para ter um sorriso de cinema.



Ilustração 10: Como ter um sorriso de cinema (Fonte - DN, 1940).³⁴

A propaganda enfatizava que não havia “nada mais fascinante e encantador do que um sorriso revelando dentes claros e brilhantes” e que “naturalmente todos nós desejamos dentes realmente limpos e brilhantes para embelzezar nosso sorriso.” Buscava-se formar, então, simpatizantes do “sorriso refrescante *Kolynos*”. As empresas criavam identidade com determinados símbolos do cinema. Assim, as empresas de propaganda veiculavam que determinados produtos que eram utilizados e aprovados pelas celebridades e, com isto, esperava-se aproximar e legitimar o consumo dos produtos anunciados. Com a vinculação de

³³ ALMEIDA, J. S. Mulher e educação... Op. Cit., p.165-166.

³⁴ Ilustração 10: Como ter um sorriso de cinema. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 05 de novembro de 1940.

uma infinidade de promessas à propaganda, passava-se a construir marcas que acabavam entrando no universo de muitas pessoas.³⁵



Ilustração 11: Propaganda da *Quaker Oats* (Fonte – DN, 1932 e 1933).³⁶

A publicidade da *Quaker Oats*, em especial, invadia as páginas dos impressos. Sua propaganda era direcionada principalmente às mães e enfatizavam a boa alimentação infantil. Mostravam que os produtos eram atestados e aprovados por médicos e que os filhos eram fonte de orgulho, tanto do pai quanto da mãe, os quais sempre apareciam com sorrisos encantadores, pois todas as pessoas elogiam seus filhos. O anúncio defendia: “*Quando é necessário ter energia para dois!*”. “Antes da chegada do bebe, o *Quaker Oats* é o alimento perfeito para a futura mãe, porque lhe proporciona a energia e a força mais de que ella necessita durante a gravidez”. E: “Depois de nascer o bebe, durante a amamentação, este admirável alimento é o complemento natural do leite e ajuda a corrigir qualquer deficiência na

³⁵ Como ter um sorriso de cinema. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 05 de novembro de 1940; Cf. *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 31 de março de 1932.

³⁶ Ilustração 11: Propaganda da *Quaker Oats*. a) Quando é necessário ter energia para dois. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 06 de abril de 1932; b) Ninguém nasce athleta, faz-se athleta. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 24 de janeiro de 1932; c) Receita *Quaker Oats*. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 26 de janeiro de 1933.

alimentação materna”, ou: “Mais tarde, quando a creança começa a tomar alimentos sólidos, o mingau de *Quaker Oats* contribue para o desenvolvimento dos ossos e músculos, sangue e nervos, dentes e todo o organismo, formando a base de uma saúde inquebrantável”. Para continuar estimulando o consumo de seus produtos, a *Quaker Oats* afirmava que: “Ninguem nasce atheta, faz-se atheta!” para tanto: “Não há nada mais importante para o rapaz que deseja ocupar um lugar de destaque nos sports do que a alimentação”. “Os cereais de grão inteiro como o *Quaker Oats*, são alimentos naturais e bem equilibrados, que dão rigidez aos ossos e força aos músculos, fornecendo energia em abundância. O *Quaker Oats* contém os elementos nutritivos de que todos os moços necessitam para desenvolver-se e crear força”. Entretanto, não bastava comer o alimento uma única vez: “Para obter o máximo resultado, convém comer *Quaker Oats* todos os dias, de preferência na refeição matinal. Adicionado as sopas, torna-as mais saborosas e nutritivas. Serve também para fazer biscoitos, bolinhos e sobremesas deliciosas”. Deste modo, a marca passava os métodos sobre como tornar a alimentação diária menos repetitiva e mostrava que a refeição matinal poderia ser preparada em 21 minutos, com todos os benefícios mantidos, os quais eram enfatizados pelos anúncios, que afirmavam que as aveias *Quaker* continham todas as fontes nutricionais necessárias para o enriquecimento e a saúde da família.³⁷



Ilustração 12: Instinto maternal (Fonte – DN, 1938 e 1934).³⁸

Por sua vez, as propagandas confirmavam o consenso social sobre a maternidade, o qual preconizava que as mulheres deveriam proteger os bebês, pois este era seu dever natural. Dar à luz era considerado um ato nobre, pois expressava a forma adequada de união entre os casados. De certa forma, era cobrado das personagens femininas que exercessem o papel de

³⁷ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 26 de janeiro de 1933.

³⁸ **Ilustração 12:** Instinto maternal. **a)** É um dever proteger. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 22 de novembro de 1938; **b)** Ter Saude! Que grande felicidade! In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 04 de abril de 1934.

mãe e de educadora dos filhos. Ser mãe simbolizava estar preparada para cumprir as regras estipuladas e esperadas pela sociedade e, principalmente, pela Igreja, que requeria das mulheres devoção, obediência e dedicação para ensinar a doutrina cristã a sua família. Sob este aspecto, os filhos seriam vistos como um espelho que refletiria a imagem da mãe.

Ter Saude! Que grande felicidade!

Todos os nossos filhos são saudáveis, cheios de vida, quase nunca ficam doentes. Todos os dias, eu lhes dou Quaker Oats, um alimento que favorece o desenvolvimento dos ossos e músculos, enriquece o sangue e fortalece os nervos. Contém todos os elementos nutritivos de que a criança necessita para crescer. Meu marido e eu também o usamos, porque nos dá energias em abundância e nos conserva com saúde. É por esse motivo que tanto recomendamos Quaker Oats.³⁹

As propagandas apelavam para os sentimentos dos leitores - especialmente das mulheres - ao afirmarem que a linha de alimentos da *Quaker Oats* traria benefícios inumeráveis à família e pretendiam ampliar, de forma rápida, a venda dos cereais. Para tanto, o apelo estava focado principalmente na infância. Afirmava-se que a *Quaker* favorecia o crescimento, estimulava o desenvolvimento de ossos e músculos e enriquecia sangue e nervos das crianças.

Contrariamente às famílias que tinham condições de adquirir uma variedade de produtos anunciados na imprensa, havia aqueles que necessitavam de auxílio econômico e social. Para suprir esta carência, eram instaladas na cidade casas de proteção aos necessitados. Com este intuito, o IPA (Instituto de Proteção e Assistência à Infância) oferecia tratamentos médicos e fornecia alimento a diversas crianças matriculadas em suas dependências. Segundo Sérgio César Fonseca, o IPA iniciou suas atividades em 1917, e seu “principal fundador foi o médico Antonio Gouvêa”. Sua característica era cumprir “o papel de prestador de cuidados médicos e higiênicos às mães e às crianças pobres”.⁴⁰

O IPA ribeirão-pretano contava com um grupo de diretoras originárias das famílias cujos membros estavam integrados ao circuito do poder político e institucional local, formado pelo trinômio Diretório do Partido Republicano Paulista-Câmara Municipal-Prefeitura. A presidente do Instituto, Anita Procópio Junqueira, era casada com o presidente da Câmara Municipal entre 1920 e 1926, Francisco da Cunha Junqueira, mais tarde deputado estadual em São Paulo. Ao lado de Maria Conceição Junqueira Ferraz, Sylvia Stauffer e Benedita Gomide Morgan, além de comporem a diretoria, Anita Junqueira e suas colegas formavam um grupo de apoiadoras com vínculos familiares, políticos e de classe, aos quais recorriam para ativar uma rede de

³⁹ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 04 de abril de 1934.

⁴⁰ FONSECA, S. C. *A interiorização da assistência à infância durante a primeira república*: de São Paulo a Ribeirão Preto. Educação em Revista (UFMG), vol.28, n.1, 2012, p.83.

apoios ao IPAI, em Ribeirão Preto, algo comum ao estabelecimento de alianças entre o público e o privado, sob o fim de praticar a assistência à infância.⁴¹



Ilustração 13: Assistência à Infância (1935). Fonte APHRP (Álbum, A.P.I, 1935).⁴²

Com auxílio do trabalho de profissionais e de voluntários, o IPA complementava a educação infantil por meio de apoio assistencial. Mas, distante do universo das leitoras assíduas dos jornais, algum dia teriam as mães dessas crianças assistidas ouvidas falar e adquirido a aveia *Quaker Oats*?

Por outro lado a imagem acima, também revela o trabalho social das mulheres no estabelecimento de assistencialismo à infância, neste caso as enfermeiras. Tais profissionais colaboravam para propiciar a saúde e o desenvolvimento materno e infantil das crianças carentes que ali estavam matriculadas.⁴³

⁴¹ FONSECA, S. C. A interiorização da assistência à infância... Op. Cit., p.100.

⁴² **Ilustração 13:** Assistência à Infância. Prédio do Instituto de Proteção e Assistência à Infância - vista da fachada e escadarias de entrada, com equipe técnica junto a grande número de senhoras com crianças no colo e a crianças pequenas que recebiam assistência médica, farmacêutica e alimentar. Ao centro, os médicos Dr. Roberto Taranto, Isaac Theodoro Lima e Joel Carneiro, ladeados por duas enfermeiras. In: Álbum - A.P.I. Lembrança da Concentração Jornalística de Ribeirão Preto... Op. Cit. Foto de 1935, fotografada por J. Gullaci.

⁴³ Cf. CAMPOS, R. D. Mulheres e crianças na imprensa paulista... Op. Cit. p.100.



Ilustração 14: Energia e disposição feminina (Fontes – DN, 1940 e 1939).⁴⁴

Para realizar as atividades físicas anunciadas pela imprensa, era necessário estimular o corpo a se adaptar a diversos exercícios, os quais se tornavam exigentes de rapidez e força, seja no ciclismo, na natação, no voleibol, no tênis, no golfe, entre outros esportes que passaram a contar com a participação não apenas dos homens, mas também das mulheres. Em relação às atividades físicas, o pesquisador José Gonçalves Gondra menciona: “A questão do corpo, do movimento, dos exercícios ou da ginástica é uma preocupação que ocupa lugar privilegiado na agenda médica”.⁴⁵ Observa-se nas imagens acima o que era necessário para a reposição de energia. As propagandas eram diretas, ao dizer: “Todos precisam deste alimento nervino” - o qual era composto de vitaminas B1, e: “Sem Thiamim é quase impossível gozar de perfeita saúde”. Para as pessoas que necessitavam repor o complexo B, a *Quaker Oats* integrou em seus alimentos as vitaminas hidrossolúveis. Para ser lido de uma maneira com que todos entendessem, o anúncio mencionava didaticamente que o alimento era composto de *Thiamim*, era rico em vitaminas e que: “Para o bem de sua família, inclua, na sua dieta

⁴⁴ Ilustração 14: Energia e disposição feminina. a) Nervino Quaker Oats. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 24 de novembro de 1940; b) Disposto para o exercício. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 27 de junho de 1939.

⁴⁵ GONDRA, J. G. Medicina, higiene e educação escola. In: LOPES, E. M. T. et al. (Org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.534.

quotidiana, esse precioso alimento, que pode ser usado de diversas maneiras”.⁴⁶ Além dos cuidados alimentares, era transmitido aos leitores que cuidassem dos órgãos internos e que não bastava realizar os exercícios quando a saúde não estava em perfeitas condições. Sob este foco, determinadas propagandas tratavam de doenças dos rins e pulmões e, segundo elas, dever-se-ia estar sempre bem:

Disposto para o exercício! É fácil aconselhar: faça exercícios! E é, não há de negar, um bom conselho, pois o exercício físico traz imensas vantagens à saúde. Mas como há de dedicar-se a tais exercícios quem tem os rins funcionando mal, com formações de areias e cálculos. É preciso, antes de tudo e com a máxima urgência, tratar da limpeza e desinfecção dos rins, fazendo uso do providencial HELMITOL da Bayer.⁴⁷



Ilustração 15: Mulheres na direção (Fonte – DN, 1936).⁴⁸

A vida cotidiana mudava. Sinal disso foi que as mulheres começavam a trocar o banco de passageiro pelo de condutora de automóveis. Com imagens de mulheres dirigindo, principalmente nas representações do cinema, a imprensa passava a difundir propagandas com mulheres na direção. Deste modo, o *Diario de Noticias*, além de incentivar o ensino da direção de automóvel, oferecia determinados produtos dos quais elas eram as protagonistas, tanto na apresentação quanto na escolha, fossem estes veículos, óleos, kits para carros, enfim, uma variedade de produtos. Mas, como forma de feminilidade, alguns requisitos eram indispensáveis às motoristas, tais como: “sobrancelhas delineadas, batom vermelho, um bom carro à disposição”,⁴⁹ com isto elas tinham uma aparente sensação de independência para

⁴⁶ *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 27 de junho de 1939.

⁴⁷ *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 27 de junho de 1939.

⁴⁸ **Ilustração 15:** Mulheres na direção. Produtos Texaco. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 17 de maio de 1936.

⁴⁹ CAMPOS, R. D. *Mulheres e crianças na imprensa paulista...* Op. Cit. p.118.

levar sua vida. Para conquistar as condutoras, os anúncios da *Texaco* publicavam que seus produtos iriam satisfazer às necessidades dos veículos e que permitiam ainda uma economia aos proprietários, por manter superioridade no rendimento e na qualidade.

As cenas descritas nas ilustrações de números 14 e 15 mostram que o comportamento, tanto dos homens quanto das mulheres, começava a mudar. Entretanto, persistiam algumas condições exclusivamente para as mulheres, principalmente no que se referia à formação de uma família.



Ilustração 16: Vida privada (Fonte – DN, 1934).⁵⁰

Conforme indicou Roger Chartier sobre as *Formas da Privatização*:

O espaço governado pela civilidade é o da existência coletiva, da sociabilidade distintiva da corte e dos salões, ou do ritual social em sua íntegra cujas normas obrigatórias devem aplicar-se a todos os indivíduos, seja qual for sua condição. A intimidade, ao contrário, exige locais isolados, espaços apartados onde encontrar solidão, recolhimento, silêncio. O jardim, o quarto (porém mais ainda a alcova e a rude), o gabinete, a biblioteca oferecem tais refúgios, que, juntos, escondem o que já não deve ou não pode ser mostrado (os cuidados com o corpo, as funções naturais, os gestos do amor) e abrigam práticas associadas mais que antes ao isolamento: assim a prece ou a leitura.⁵¹

⁵⁰ **Ilustração 16:** Vida privada. Novidade do lar. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 14 de março de 1934.

⁵¹ CHARTIER, R. Formas da Privatização - Introdução. In: ARIÊS, P; CHARTIER, R. História da vida privada: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Cia. das Letras, 1991, p.165.

Na trilha das transformações sociais, o lar começava a sofrer os impactos das mudanças da vida pública, a grande família composta de diversos membros que conviviam e compartilhavam o mesmo ambiente foi cedendo o espaço de uso comum para o espaço privado e de refúgio da intimidade. Em consonância com os filmes e com as imagens apresentadas pela imprensa, passam a serem adquiridos móveis planejados para diversos cantos da residência: cozinha, copa, sala de visitas, aposentos do casal, dos filhos e agregados. Mas era especialmente nas alcovas que os casais tinham certa privacidade. Neste espaço, além das trocas de segredos e da individualidade, ambos criavam e recriavam certa autonomia do corpo. Sobre o espaço privado, Jane Soares de Almeida pontua que:

A imprensa serviu para dar expansão aos sufocados sentimentos femininos e, no meio literário, surgiu como uma oportunidade de revelação daquilo que se passava no espaço privado. Os jornais e as revistas femininas, que constituíam a forma mais elaborada dos primeiros, permitiram a emergência de um universo político e literário que detinha o poder de ampliar o universo e decifrar o cotidiano das mulheres, o que em sempre foi assinalado nas narrativas oficiais.⁵²

Portanto, a imprensa e, fazendo parte dela, o *Diario de Noticias* contribuía para a educação das mulheres ao tratar da vida privada, utilizando as comparações realizadas com a vida das artistas e/ou ao passar as dicas femininas para manter um lar feliz. Com estas indicações, o matutino as ensinava a cultivar as supostas qualidades femininas em seu universo. Para isso, os produtos que estavam surgindo no mercado teriam a função de ajudá-las, mas caberia a elas buscar os melhores meios para adaptar tais novidades a sua realidade.

Difundiam-se também nas páginas do DN as propagandas dos fabricantes de chuveiros e aquecedores elétricos, os quais enfatizavam que seus aparelhos trariam o fim do uso das canecas, evitando que a água esfriasse em momentos inóportunos e, assim, toda a família realizaria um banho rápido, seguro e econômico. Do mesmo modo que eram anunciados estes aparelhos, também eram oferecidos aos leitores os fogões elétricos, que trariam às donas de casa: “Mais asseio, Mais sabor, Melhor alimentação”:

O fogão electrico G.E. garante á sua cosinha um estado permanente de asseio e segurança, pois livra-a dos inconvenientes da fumaça, das fagulhas e do próprio fogo. Permitindo cosinar os alimentos em pouca água, o fogão G.E. evita que se perca muito do sabor delles que fica geralmente na água em que são cosinhados. Tambem as proteínas que se envolam no vapor, são retiradas nos alimentos cosinhados no fogão G.E. que assim tem maior valor alimentício.⁵³

⁵² ALMEIDA, J. S. *Mulher e educação...* Op. Cit., p.117.

⁵³ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 14 de março de 1934.

Esmaltado em porcelana, o fogão elétrico da G.E. assegurava propagação do calor de forma contínua e uniforme diretamente nos alimentos; além disso, a montadora enfatizava que este modelo, diferente dos fogões à lenha, era seguro, rápido e prático.



Ilustração 17: Refrigerador G.E. (Fonte – DN, 1935).⁵⁴

Neste período, alargou-se também a difusão da venda de geladeiras e refrigeradores; nos anúncios eram proclamados os benefícios da utilização destes eletrodomésticos, que passaram a ser o sonho de consumo de diversas famílias para preservar os alimentos por mais tempo:

⁵⁴ Ilustração 17: Refrigerador GE. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 22 de outubro de 1935.

Guarde-os o tempo que quizer sem receio!

Pense na economia que pôde realizar adquirindo alimentos em maiores quantidades. Pense na conveniência de guarda-los, pelo tempo que quizer, sem o menor perigo! “Mascote” é uma garantia permanente para a sua família. “Mascote” conservará os seus alimentos num ambiente sempre inferior a 10 graus centígrados, temperatura que impede a proliferação de bactérias. “Mascote” – produto da General Electric – é o refrigerador mais econômico da época.⁵⁵

Nota-se que a propaganda dos refrigeradores apelava para diversas questões cotidianas ligadas à economia dos clientes, pela praticidade de conservar os alimentos frescos, saborosos e saudáveis. Além de manter uma temperatura baixa e preservar os nutrientes e vitaminas, os refrigeradores eram admirados pela beleza e por evitar a proliferação de bactérias, o que conferia mais confiança à rotina das donas de casa. Em 1930, o fornecimento de energia elétrica era feito basicamente por pequenas usinas de propriedade da iniciativa privada. Em Ribeirão Preto, o comando estava outorgado à *Empreza Força e Luz* que utilizava-se do espaço da imprensa para propagar a demanda de utilização de energia elétrica. Para tanto, a empresa patrocinava anúncios publicitários que sugeriam a utilização de energia.⁵⁶ Para realizar as antigas atividades domésticas, seria necessário uma nova educação feminina. A este respeito, Jane Almeida esclarece:

A emergência dessa nova mulher, necessariamente, deveria vir acompanhada de uma educação adequada que a preparasse para os cuidados com o lar e lhe possibilitasse uma inserção no campo profissional. Apesar disso, não foram poucos os que opuseram-se ferozmente à ideia de mulheres instruídas e profissionalizadas, principalmente os pertencentes ao catolicismo ultraconservador, que via na ascensão feminina à instrução uma ameaça.⁵⁷

Fora do lar, se de um lado existiam novas possibilidades de inserção feminina, especialmente com a criação de vagas no mercado de trabalho, parte da sociedade buscava dificultar sua participação. Com menos pré-requisitos, eram oferecidos cursos especialmente às mulheres pobres para realização de tarefas que não exigiam grande escolaridade. Nestes eram ensinadas as profissões de babás, cozinheiras, lavadeiras, passadeiras, entre outras atividades ligadas ao lar.

⁵⁵ *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 22 de outubro de 1935.

⁵⁶ Sobre a Empreza Força e Luz o historiador Rodrigo Ribeiro Paziani evidencia que: “De modo semelhante, as investidas do poder público para iluminar a cidade – iniciadas por volta de 1880, quando a Câmara foi instalada num pequeno prédio à rua Duque de Caxias – concretizaram-se em 1899 com a formação da Empresa de Força e luz de Ribeirão Preto, concedida pela edilidade (composta, entre outros, pelos coronéis Francisco Schmidt e Francisco Maximiano Junqueira) à família Silva Prado (Martinho da Silva Prado, filhos e genros), que passou a fornecer energia elétrica para moradores do centro, estabelecimentos comerciais e algumas indústrias.” In: PAZIANI, R. R. Construindo a Petit Paris... Op. Cit., p.41.

⁵⁷ ALMEIDA, J. S. *Mulher e educação...* Op. Cit., p.138.

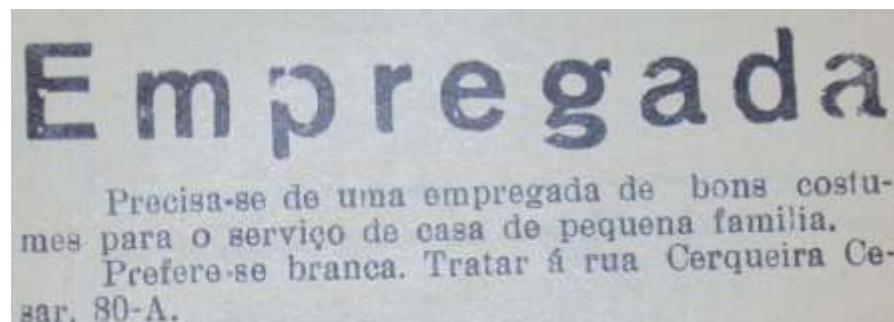


Ilustração 18: Classificado de emprego (Fonte – DN, 1937).⁵⁸

Conforme foi demonstrado até aqui, as propagandas publicitárias anunciavam uma variedade de produtos domésticos, tais como máquina de lavar roupa, ferro de passar, fogões elétricos, geladeiras, congeladores, liquidificadores, voltados, sobretudo, para a vida da dona-de-casa. Entretanto, a utilização destes eletrodomésticos não apenas era feita por suas proprietárias, em boa medida, elas recorriam à contratação de empregadas domésticas para realizar as tarefas diárias do lar. Na Ribeirão Preto daqueles tempos, domésticas preferencialmente brancas, conforme observado no anúncio coroavam a *Petit Paris*.⁵⁹

3.3 - Beleza feminina na sociedade ribeirão-pretana

Ao passo que a sociedade ia se apropriando das novidades promovidas no cenário urbano, era desenhado um novo padrão de beleza feminina, baseado especialmente nas atrizes dos filmes de Hollywood. Entre elas, destacavam-se Greta Garbo, Jean Harlow e Marlene Dietrich - admiradas por moças, senhoritas e senhoras. Com as atrizes como referência, as mulheres tentavam transformar a aparência segundo suas possibilidades, fosse pelo uso de saltos altos ou por se comunicarem flexibilizando o tom da voz.⁶⁰

O padrão vigente passa a ser representado não apenas pela aparência física ou pela vestimenta, mas começa a envolver uma variedade de objetos com valor comercial. Assim, com a confecção de produtos em série, o conceito do estilo se torna aparentemente transitório, podendo alcançar centenas de pessoas de forma veloz e inusitada. Isto se deve ao fato de que este ideal deveria ser proposto para consumo e reprodução em massa. E o cinema, os jornais e as revistas eram os meios que melhor ilustravam e propagavam determinados sentimentos sobre o belo, buscando, através destes, expandir o mercado feminino.⁶¹

⁵⁸ Ilustração 18: Classificado de emprego. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 24 de junho de 1937.

⁵⁹ A grande maioria das pessoas que adquiriam os aparelhos elétricos pertencia às classes média e alta.

⁶⁰ Cf. CAMPOS, R. D. *Mulheres e crianças na imprensa paulista...* Op. Cit., p.115.

⁶¹ CF. ECO, U. (Org.). *História da beleza*. Tradução Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2004, p.363-377.

Além das dicas em relação à saúde das mulheres, a coluna *Para você, leitora amiga* ensinava às leitoras do *Diario* as maneiras corretas de manter a pele limpa para receber a maquiagem ou se garantir hidratada e com aparência natural. Para realçar o olhar, o uso do *blush* tornava-se indispensável, por modelar e colorir o rosto; além do mais, o impresso salientava que, ao se delinear o rosto, era evidenciada a beleza do sorriso, a bochecha ficava com sinal de leveza, etc.⁶²



Ilustração 19: Beleza que não necessita artifícios (Fonte – DN, 1933).⁶³

⁶² Para manter o realce do rosto, além de indicar o uso do *blush* as consultoras de beleza salientavam a necessidade de as leitoras manterem os pincéis sempre limpos após a aplicação da maquiagem.

⁶³ **Ilustração 19:** Beleza que não necessita artifícios. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 26 de janeiro de 1933.



Ilustração 20: Produtos de beleza feminina (Fonte – DN, 1939).⁶⁴

A *Quaker Oats* mostrava às leitoras dos jornais que, com uma alimentação balanceada, elas não necessitariam de artifícios para manter a beleza, pois os ingredientes de seus alimentos cuidavam de evidenciar a aparência natural. Ademais, informava-se que as leitoras não poderiam se contentar apenas com a alimentação das aveias *Quaker* e aconselhavam o uso de maquiagens, cremes, sabonetes e esmaltes, no intuito de enaltecer os traços femininos. Entretanto, além dos cuidados com o corpo, era apontada a atenção às vestimentas. Salientava-se que não era de bom tom para as leitoras usarem vestidos rasgados, sujos e amassados. Se assim procedessem, seria sinal de falta de zelo e de asseio. Geralmente, após as dicas sobre a utilização dos acessórios e de maquiagens, eram anunciados produtos que prometiam manter as vestimentas com aparência de novas, entre eles, os “tira-manchas”, que eliminavam os borrões indesejados. Deste modo, o imprenso buscava ensinar o asseio às leitoras e salientava que este deveria ser praticado diariamente.

⁶⁴ Ilustração 20: Produtos de beleza feminina. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de junho de 1939.

Ao descrever as formas de se tornar elegante, o *Diario de Noticias* usava anúncios que enfatizavam como as mulheres conseguiriam se utilizar dos artifícios para manter sua aparência. Ao mesmo tempo, com o ritmo de vida cada vez mais acelerado, os cosméticos prometiam oferecer um momento de tranquilidade e bem-estar às que buscavam ser notadas e garantir a sensação revigorante do corpo e da mente a partir de seu consumo.



Cabelos ondulados, sobrancelhas depiladas, rosto realçado com maquiagem indicavam as novas tendências para a beleza. Propagava-se a ideia de que todas as mulheres deveriam dedicar os máximos cuidados ao corpo, tanto a dona de casa, a trabalhadora, a estudante e até as religiosas, que deveriam saber escolher roupas adequadas para se apresentar na igreja. Para realizar o corte de cabelos das mulheres de Ribeirão Preto, frequentemente eram anunciados propagandas do *Instituto de Belleza Moura*, que ficava localizado na área central da cidade e dispunha dos profissionais mais procurados à época conforme anúncio. Ainda na coluna *Para você, leitora amiga* o *Diario de Noticias* ensinava como manter a beleza. Neste espaço, as colaboradoras traziam referências do corpo ideal - que deveria ser magro, esbelto - e ainda davam dicas que iam desde a alimentação composta de legumes e vegetais, aos exercícios físicos como caminhadas, ginásticas, abdominais, etc. Caso as leitoras não adotassem tais dicas, poderiam ficar com corpo de matronas, conforme enfatizava o matutino. Assim, a

⁶⁵ **Ilustração 21:** Instituto de Beleza Moura. **a)** Instituto de Beleza Moura. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 28 de fevereiro de 1934; **b)** Instituto de Beleza Moura. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 17 de outubro de 1935.

imprensa passa a orientar a *estética* feminina, buscando mostrar em suas colunas as tendências da moda local, nacional e internacional.⁶⁶



Ilustração 22: Manicure (Fonte – DN, 1938 e 1933).⁶⁷

O trabalho das manicures é um ofício antigo, assim como o uso da pintura das unhas, mas durante muito tempo este recurso de beleza estava restrito às mulheres das elites. Com a ascensão das atrizes de *Hollywood*, que exibiam frequentemente as unhas delineadas e pintadas, foi aquecida a produção e a venda de esmaltes em tonalidades variadas. Assim, o trato das mãos e dos pés passou a ser uma exigência para determinados serviços, representando o asseio e a elegância feminina.⁶⁸

Em compasso com as transformações cotidianas no cenário urbano, a imprensa transmitia notícias e imagens que constituíam discursos normativos, cuja pretensão era definir o comportamento social por intermédio de elogios das posturas consideradas corretas ou por críticas dos modos tidos como impróprios. Tal prática funcionava como um nívelador que

⁶⁶ Cf. VIGARELLO, G. *História da beleza...* Op. Cit., p.155; Cf. Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 28 de fevereiro de 1934; Cf. Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 06 de julho de 1939.

⁶⁷ Ilustração 22: Manicure. a) Mãos bem tratadas. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 02 de outubro de 1938; b) Manicure. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 10 de novembro de 1933.

⁶⁸ Georges Vigarello mostra que, ao longo da história, além de serem construídas as definições e representações sobre a beleza, algumas práticas passavam a fortalecer os rituais desenvolvidos para o que era considerado belo em cada época; para tanto, o autor mostra, por exemplo, que as mãos passavam a simbolizar um dos diversos recursos estéticos. In: VIGARELLO, G. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar*, do Renascimento aos dias de hoje. Tradução Léo Schlafman, Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p.37.

visava construir um público com ações e concepções comuns. Assim, quando os jornais aludiam a publicações que mostravam a beleza dos ornamentos femininos, pretendiam educar as mulheres para operar as transformações por eles repassadas, que iriam distingui-las daquelas que não os adotavam. Não obstante, a imprensa mostrava que havia mulheres que formulavam ritos singulares. A estas, os impressos dedicavam conselhos recomendando o bom senso e a polidez nas atitudes sociais. Mesmo com o *boom* na venda de acessórios femininos, havia cuidado com o uso de determinadas vestimentas e, principalmente, restrição a certos produtos ligados à estética, tais como os batons e as maquiagens. Rotineiramente, era difundida a utilização destes produtos, porém a coluna feminina do *Diario de Noticias* defendia seu uso racional, alertando as leitoras de que o exagero no formato e nas cores poderia trazer mal-estar às usuárias. No mais, o matutino informava o perigo de serem ridicularizadas ou tratadas como *coquetes*, no caso de não saberem compor uma boa maquiagem.⁶⁹

Pelas páginas impressas, torna-se visível, ainda a competição pela escolha de uma representante da beleza local. Para tanto, a imprensa, juntamente com o comércio, passa a patrocinar os concursos de beleza. Nestes concursos, as mulheres eram julgadas segundo critérios subjetivos. A este respeito Georges Vigarello defende:

O concurso existe, como o esporte, com suas disputas locais, suas seleções sucessivas, suas disputas terminais, mostrando a aceleração da rede nacional, a das comunicações, dos transportes, da informação: sonho formalmente democrático em que cada uma lutaria com armas iguais para ser designada a melhor. Isso enseja a extensão do espetáculo da sociedade do século XX pela imprensa e suas redes.⁷⁰

⁶⁹ PROST, A. (Org.) *História da vida privada: da Primeira Guerra aos nossos dias*. Tradução Denise Bottmann, São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p.98.

⁷⁰ VIGARELLO, G. *História da beleza...* Op. Cit., p.155.



Ilustração 23: Concursos de rainhas (Fonte – DN, 1932, 1935 e 1937).⁷¹

Conforme crescia a idealização de um padrão de beleza em Ribeirão Preto, a imprensa e a rádio P.R.A.7 auxiliavam difundindo e patrocinando os concursos de "Rainha do Interior"; "Rainha Commerciaria" e "Rainha do Carnaval". Em todos estes concursos eram levadas em conta as qualidades femininas, tais como a leveza do corpo e dos traços do rosto, que denotavam delicadeza, simpatia, carisma e inteligência. Em 1935, o jornal *Diário de Notícias* realizou um longo concurso que durou quase um semestre para eleger a rainha dos comerciantes. Com 9.962 votos, foi eleita Haydée Orsi, do Bazar Botafogo. Assim, estavam se consolidando na cidade os atributos que denotavam o uso da civilidade, dos bons modos e da estética visual, todos definidos segundo a visão das elites letradas.⁷² O mesmo processo foi observado por Campos na região Noroeste Paulista.

⁷¹ Ilustração 23: Concursos de rainhas. a) Rainha do interior. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 12 de março de 1932; b) Rainha commerciaria. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 01 de outubro de 1935; c) Rainha do carnaval. In: *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 03 de janeiro de 1937.

⁷² *Diario de Notícias*. Ribeirão Preto, 01 de outubro de 1935.



Ilustração 24: Fino ornamento da cidade (Fonte – DN, 1938).⁷³

Além dos concursos realizados pelos comerciantes, havia também os das rainhas dos estudantes, em que os alunos elegiam sua representante. Para formalizar o ritual, a jovem era coroada durante o baile de formatura. Entre inúmeras concorrentes, em 1938, a senhorita Elisa Calache, além de vencer o concurso, foi eleita o “Fino Ornamento da Cidade”. Formada no curso de Ciências Econômicas pela faculdade de “Sciencias Economicas de Ribeirão Preto”, ela representava as mudanças idealizadas pelas mulheres da década de 1930. Não por acaso, Elisa é tida como um ornamento. A situação social das mulheres não tinha mudado tanto assim.⁷⁴

Na coluna *Para você, leitora amiga*, era ensinada a tática para manter a beleza em todas as ocasiões: para ir às festas, reuniões, trabalho, etc. Para tanto, afirmava-se: “Antes de sahir, inspecione sua belleza”. Transmitia-se que era vital a atenção na conferência de todos os detalhes que incluíam não apenas a toalete, como também o rosto, o cabelo, etc. A lista continha 18 itens que ensinavam às mulheres ribeirão-pretanas a serem admiradas e elogiadas.

1º - Observe si o rouge está perfeitamente espalhado no rosto, sem manchas ou exagero.

⁷³ **Ilustração 24:** Fino ornamento da cidade. Elisa Calache. In: Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 10 de fevereiro de 1938.

⁷⁴ No ano de 1932 a denominação de Escola de Commercio Rui Barbosa, foi alterada para a designação de Faculdade de Ciências Econômicas de Ribeirão Preto.

- 2º - Applique nos lábios papel absorvente ou o lenço, para evitar que o batom manche os dentes.
- 3º - Tenha cuidado para que a pintura das sobrancelhas e dos cílios não fique exagerada.
- 4º - Verifique si a pluma de pó de arroz que leva na bolsa está limpa.
- 5º - Veja si a saia não tem pontas, nem a barra está desmarchada.
- 6º - A combinação nunca deve aparecer.
- 7º - A costura da meia deve estar bem certa e sem desvio algum.
- 8º - As luvas, o lenço e demais prendas devem estar perfeitamente limpas.
- 9º - O penteado tem que estar distinto e impeccável, tanto visto de frente como de perfil ou de traz.
- 10º - O salto do sapato deve estar em condições apresentáveis.
- 11º - Evite que o esmalte das unhas esteja sahindo, pois, si tal acontecesse a mão ficaria mais feia.
- 12º - A golla do vestido não deve mostrar nem de leve traços de caspas ou fios de cabello.
- 13º - Os grampinhos dos cabellos devem estar bem presos e de uma forma invisível.
- 14º - Não deve faltar nenhum botão no traje.
- 15º - A blusa deve estar de acordo com o tom da saia.
- 16º - O perfume deve ser discreto e suave.
- 17º - O tom da maquiagem deve estar em harmonia com o tom da epiderme e de acordo com a hora do dia.
- 18º - Si verificar todos os detalhes mencionados, você estará em condições de afrontar a critica mais severa.⁷⁵

Nos conselhos descritos acima, observa-se as minúcias da autovigilância. A lista enfatiza a concepção das escolhas entre o interior e o exterior dos indivíduos. Nesta ordem, buscava estimular principalmente as leitoras a aprimorar a autodisciplina sobre a maneira de agir, fossem no âmbito público ou na esfera privada. Por trás das letras, eram idealizadas as contenções das pulsões, dos desejos e dos gestos das pessoas. Também ficam visíveis nos 18 pontos as características das práticas que eram reprovadas por este mesmo coletivo. A constituição da aparência era guiada pela manutenção do controle da vigilância, em que se fundamentava uma disciplina pessoal, ou seja, uma educação para saber realizar e escolher os princípios regulados e construídos na convivência social.⁷⁶

Ainda sob esta temática, o matutino mostrava as maneiras corretas das mulheres serem elegantes. As leitoras deveriam seguir as dicas de Chanel, que:

No seu afan de favorecer as mulheres elegantes, não desdenha em deixar a agulha e tomar a pena para synthetizar em algumas linhas suas ideias a respeito da verdadeira beleza feminina.

⁷⁵ Antes de sahir... Inspecione sua Belleza. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 06 de junho de 1939.

⁷⁶ Cf. REVEL, J. Os usos da civilidade. In: ARIÉS, P; CHARTIER, R. (Org.). *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. 3v, Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; Cf. SCHMITT, J.-C. A moral dos gestos. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo*. Trad. Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

É assim que se deve ao seu conhecimento profundo do assunto, os seguintes aphorismos de inegualavel valor pratico:

Nunca se deve desdenhar um tratamento de belleza antes de ter verificado plenamente que sua aplicação não teve efficiencia. Não são poucas as mulheres que por motivo estão condennadas a ser eternamente feias.

Antes de resolver a fazer um vestido, devese estar segura de que elle está em harmonia com seu typo.

Não se deve esquecer nunca esta regra geral de elegância: o que fica bem para uma mulher alta, nunca assenta bem numa que é baixa.

Jamais deve mudar de penteado, antes de se estar segura de que o novo a favorece, mais que o antigo.

Uma maquiagem mal feita pode estragar completamente um lindo vestido de festa. Se o rosto não esta cuidado, não há prenda feminina que se torne elegante.⁷⁷

Mudanças e continuidades ecoam na sociedade. Prova disso são as buscas das mulheres por participar dos mais diversos espaços de sociabilidade. Entretanto, sua entrada nestes espaços estava condicionada à orientação dos saberes masculinos. No esporte, por exemplo, na maioria das modalidades os homens se apresentavam com camisa regata e short curto. Já as mulheres, quase que majoritariamente, quando eram aceitas nas competições deveriam utilizar calças largas e camisa polo. Nesta ordem, sua participação passava a ser notória em vários lugares, porém delas eram exigidas a prudência e a discrição. Contudo, este recato não as impedia de utilizar as tendências da moda, fossem pelo uso dos cabelos curtos, do batom nos lábios, entre outros recursos que as distinguiam dos homens e que criavam uma feminilidade no esporte. Deste modo, as mulheres se utilizavam de seus artifícios para ser notadas e aceitas em integração nos mais diversos campos. Para tanto, as articulistas do *Diario de Noticias* recomendavam o segredo da *chave da beleza feminina*.

⁷⁷ Para ser elegante: Conselhos de Chanel. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 18 de agosto de 1939; As regras de conduta são uma construção histórica e definida pelo coletivo, que normatiza tais posturas, seja no meio público ou privado, determinando-se o que é aceitável em cada lugar. Assim, pelos costumes transmitidos pela sociedade as pessoas estabelecem a vigilância nas práticas cotidianas. Cf. COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

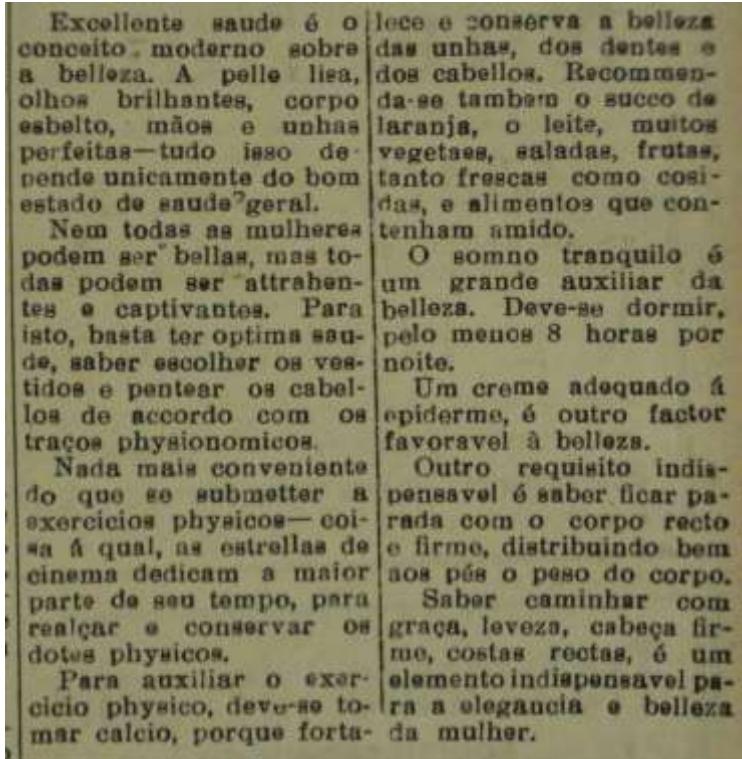


Ilustração 25: A chave da beleza (Fonte – DN, 1939).⁷⁸

O matutino enfatizava que nem todas conseguiram ser belas, entretanto todas poderiam ser atraentes, desde que seguissem a *chave da beleza*, praticando exercícios físicos diários. O DN “recorria ainda à relação intrínseca entre beleza e saúde, tão alardeada pelo discurso médico daqueles tempos”.⁷⁹ Ao realizar atividades físicas, estas estariam não apenas melhorando o condicionamento, mas também auxiliando no autocontrole emocional. Para tanto, deveriam ter uma alimentação moderada, composta de frutas, vegetais e leite, além de um descanso noturno de oito horas, e era necessário utilizar os cremes adequados para o corpo, manter a postura ereta e realizar caminhadas diárias. Com estas dicas, as mulheres trilhariam a beleza física, que passava a ser ostentada e admirada. A este respeito o *Diario de Noticias* indaga as leitoras:

A beleza é um factor de exito para as mulheres?

A causa do phenomeno, poderá ser estanho reside no trabalho. Sim, com o ganho da sua actividade, não dependem da generosidade de parente, e o empregam como bem entendem.

Ninguem negará que o publico é grato tratar com caixeras, com vendedoras, com informantes de gentil presença. Os patrões preferem que sua secretarias, suas ajudantes, suas empregadas e demais collaboradoras tenham encantos juvenis, reaes e apparentes.

⁷⁸ **Ilustração 25:** A chave da beleza. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 25 de agosto de 1939.

⁷⁹ Cf. CAMPOS, R. D. *Mulheres e crianças na imprensa paulista...* Op. Cit., p.95.

Por isso como censurar tão humana e logica pretensão, mesmo sem desconhecer a injustiça, ás vezes, com que preceisa trabalhar sendo feia?

É inegavel que a mulher tem instinctiva tendencia para a <coqueterie> e que aquella não se reduz por muito aspera que seja a luta pela vida, sobretudo nas condições actuaes.

Acrescenta-se a isto a conveniencia de aformosear-se ante razoes conhecidas, e principalmente havendo dinheiro obtido com o proprio trabalho, e assim fica perfeitamente esclarecida a metamorphose operada no aspecto das mulheres em geral.

As eternas excepções

Mas constituirá sempre a belleza uma vantagem para a mulher actual?

sem que seja preciso referencia aos ciumes das esposas de alguns homens de negocio que commummente os obrigam a rodear se de empregadas de aspecto nada gracioso, como os que as <charges> dão noticias, há outros que podem ser notados.

Antes de tudo, a auxiliar do commercio, cujos attractivos são muitas vezes a causa do sucesso dos negocios do patrão, que faz sempre questão da sua boa apparencia e fina apresentação.

E as advogadas que exercem sua actividade no jury? Não despertam muito mais interesse, quando bonitas, do que um fogoso e brilhante tribuno?

Não resta duvida que a mulher não escolhe sua profissão de acordo com o aspecto physico que possue. E não poderia fazel-o.

Mas a duvida não se nota num ponto – a belleza é um factor de exito para a mulher, principalmente para as actrizes, artistas e as que trabalham em lugares de certo destaque e responsabilidade.⁸⁰

Em face da participação das mulheres no mercado de trabalho, estas passavam a conquistar certa independência financeira dentro do lar e, com esta renda, podiam comprar ou, desejar uma variedade de produtos direcionados ao lar, ao embelezamento pessoal, ou algum objeto para os filhos, etc. Para a colunista do *Diario de Noticias*, a beleza era um atributo positivo que ajudava as mulheres em determinadas profissões, mas, além da elegância, a articulista enfatizava que suas leitoras deveriam ter encanto e simpatia no atendimento ao público. Fossem as artistas de cinema, fossem as secretarias, sua beleza atuava de forma preponderante na contratação. Assim, os atributos considerados naturais serviam para conduzir diversas mulheres ao sucesso. Por outro lado, aquelas que não possuíam a beleza como ferramenta tinham que se utilizar de alguns sortilégios, tais como a simpatia e o conhecimento necessário para realizar determinada função. Como o corpo feminino passava a ser valorizado, com discrição estimulava-se a sensualidade, certos recursos, como decotes nas costas e recortes nas saias que evidenciavam as pernas, passavam a ser utilizados, porém deveriam marcar a elegância, a suavidade e a discrição. Assim, a imprensa pretendia

⁸⁰ A beleza é um factor de exito para as mulheres? In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 07 de setembro de 1939.

influenciar a vida dos leitores, especialmente das mulheres, por meio de dicas das posturas consideradas corretas a serem praticadas no cotidiano.⁸¹

⁸¹ A este respeito, Margareth Rago mostra que a entrada das mulheres no mercado de trabalho colaborou para a renda doméstica familiar. RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade... Op. Cit., p.581.

Considerações Finais

No início do século XX, percebemos a vivência de uma modernidade caipira em Ribeirão Preto. Transformações arquitetônicas, econômicas e política sinalizavam que estavam sendo propagadas mudanças na vida cotidiana de homens e mulheres de todas as classes sociais. Não obstante, na década de 1930 foram vivenciadas ainda transformações radicais nas relações culturais entre as pessoas. Destas, são passíveis de análises as alterações no universo público e privado, que foram representadas nas páginas da imprensa, sobretudo aquelas apresentadas pelo *Diario de Noticias*.

No universo cotidiano das personagens femininas evidenciadas nas páginas impressas do jornal ribeirão-pretano, foi possível perceber que os ideais comungados pelos homens letrados da primeira metade do século XX orientavam a educação das mulheres em relação a uma variedade de temas, fossem questões sobre higiene pessoal, cuidados com o corpo, vestimenta, saúde, tarefas do lar etc. Nestes ensinamentos, havia a intenção de direcioná-las a realizarem atividades tidas como ordeiras e civilizadas, compreendidas como necessárias numa sociedade em franca ebulação. Assim, criavam-se modelos a serem seguidos em que se amalgamavam símbolos tradicionais e modernos.

Além do mais, nas páginas do *Diario de Noticias* é possível verificar o inexorável processo de ocupação feminina do espaço público, principalmente no que diz respeito ao mercado de trabalho. Daquele caleidoscópio de rápidas mudanças sociais, surgiam inéditas funções sociais desempenhadas por elas: professoras, balconistas, cabeleireiras, manicures, datilógrafas, enfermeiras, costureiras, telefonistas, etc.

Por intermédio das fontes encontradas ao longo desses nove anos de pesquisa – visto que a presente dissertação é o resultado de um processo que se iniciou ainda na graduação - realizada nos mais diversos acervos públicos e particulares, direcionei meu olhar para jornais, álbuns e almanaques sempre procurando fazê-los falar sobre as mulheres de antigamente. Acabei por me deparar com vestígios do passado que, transformados em fontes, me aproximaram de fragmentos da realidade de outrora.

Procurei, portanto, realizar a análise “crítica” das fontes, ao mesmo tempo em que tentava, por meio delas, reconstruir parte da história cultural da cidade de Ribeirão Preto. As personagens femininas ilustradas na imprensa local (ricas, pobres, solteiras, mães, estudantes, trabalhadoras, religiosas e outras) produziram e se apropriaram de novos e antigos hábitos, estes também recriados pela própria imprensa, uns normatizadores, outros opostos aos esperados pela “boa sociedade”.

Palco de debate, esta mesma imprensa assumia o papel de mediadora, incentivadora e, às vezes, guardiã do universo feminino, tanto na esfera pública quanto privada. Esta imprensa - a saber, o *Diario de Noticias* - vivia uma infinidade de contradições em suas representações em torno do papel das mulheres na sociedade. Em algumas ocasiões, o matutino incentivou a participação feminina na vida pública. Em outros momentos, afirmou a necessidade delas preservarem-se no espaço privado do lar.

Por fim, busquei reconstruir as práticas educativas apresentadas no *Diario de Noticias*, com vistas à normatização dos costumes dos leitores em geral e das mulheres em particular. Objetivou-se, também, discutir a potencialidade dos jornais como veículos educativos em relação a um determinado padrão de feminilidade. Dessa forma, por intermédio da leitura das fontes produzidas pelos letrados do interior paulista, procurei perceber as temáticas mais recorrentes em torno do universo feminino, bem como as questões consideradas relevantes pelos homens públicos daqueles tempos em torno da educação das mulheres.

Acredito ter demonstrado que os discursos produzidos pela imprensa revelam determinados espaços de atuação das personagens femininas, inseridas num espaço até então dominado exclusivamente pela atuação masculina.

Fontes

Introdução

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 20 de março de 1933.

Capítulo I

Álbum - A.P.I. Lembrança da Concentração Jornalística de Ribeirão Preto. Foto de 01 a 02 de setembro de 1935, fotografada por J. Gullaci.

SÁ, Manaia & Cia. **Almanach Illustrado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Tipologia do Almanaque, 1913.

APHRP. Fundo: Intendência/Câmara Municipal; Grupo: Finanças/administração; Subgrupo: fragmentos de relatórios de prefeito (1890 e 1904). In: PAZIANI, R. R. **Construindo a Petit Paris**: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). Tese de Doutorado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 2004.

APHRP. *Relatório – apresentado em sessão de 15 de janeiro de 1920 pelo Dr. Joaquim Macedo Bittencourt – Prefeito Municipal*. p.73-74. Fundo: Prefeitura/Câmara Municipal; Grupo: Administração; Subgrupo: relatório do Dr. Joaquim Macedo Bittencourt (1920). In: PAZIANI, R. R. **Construindo a Petit Paris**: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). Tese de Doutorado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 2004.

BOTELHO JUNIOR, M. **Brazil Magazine**: Revista Ilustrada d'Arte e Actualidades. Rio de Janeiro: s.ed., v.57, 1911.

Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Tipografia a Vapor do Diário da Manhã, 1902.

Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Tipografia Livro Verde, 1921.

Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: s.n., 1889.

Código de Posturas da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Câmara Municipal, 1932, s.n.d.

Correio Paulistano. 02 de dezembro de 1945.

Diário da Manhã. Ribeirão Preto, 02 de março de 1909.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 07 de fevereiro de 1936.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 10 de janeiro de 1937.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 10 de janeiro de 1937.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 10 de janeiro de 1937.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 16 de maio de 1936.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 28 de outubro de 1940.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 29 de agosto de 1935.

Diário Oficial. Ribeirão Preto, 16 de junho de 1993.

GUIÃO, João Rodrigues. *Flôr de Café*: o romance de Ribeirão Preto. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1944.

LAGES, J. A. Ribeirão, provação e esbulho nos confins do rio Pardo. In: *Gazeta*. Ribeirão Preto junho de 1997.

Lei Provincial n° 34. Ribeirão Preto, 07 de abril de 1879.

Lei Provincial nº 99. In: *Diário Oficial*. Ribeirão Preto, 16 de junho de 1993.

Linha da Cia. Mogiana, no ano de 1945. Disponível em:

<http://blogdogiesbrecht.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html> Acessado em: 22 de Agos. 2012.

MELLO, Antonio Dias. *Almanack de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, 1927. [snd].

Capítulo II

A Cidade 106 Anos. In: *A Cidade*. Ribeirão Preto, 30 de janeiro de 2011.

A Cidade. Ribeirão Preto 15 de maio de 2012.

A Cidade. Ribeirão Preto 28 de novembro de 1938.

A Cidade. Ribeirão Preto, 01 de janeiro de 1905.

A Cidade. Ribeirão Preto, 25 de novembro de 1932.

A Revolução. Ribeirão Preto, 14 de novembro de 1930.

A Tarde. Ribeirão Preto, 02 de janeiro de 1936.

A Tarde. Ribeirão Preto, 03 de janeiro de 1936.

APHRP - *Executiva por Aluguel de Casa*. Ribeirão Preto, 07 de agosto de 1931. Caixa 260A. do 1º Ofício Cível, p.2-43.

APHRP - *Processo Crime de Extorsão*. Ribeirão Preto, 29 de novembro de 1933. Caixa 275A. do 1º Ofício Cível, p.51-52.

Arara. São Paulo, 27 de maio de 1905.

Correio da Tarde. Ribeirão Preto, 03 de outubro de 1934.

CORTEZ, Onésio da Motta. Mocidade. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 13 de junho de 1933.

Decreto Municipal N20. Ribeirão Preto, 16 de outubro de 1956.

Diario d' Oeste. Ribeirão Preto, 12 de novembro de 1930.

Diario da Manhã. Ribeirão Preto, 01 de julho de 1990.

Diario da Manhã. Ribeirão Preto, 06 de dezembro de 1939.

Diario da Manhã. Ribeirão Preto, 14 de junho de 1979.

Diario da Manhã. Ribeirão Preto, 21 de dezembro de 1932.

Diario da Manha. Ribeirão Preto, 25 de maio de 1939.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 02 de dezembro de 1937.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 03 de dezembro de 1940.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 03 de janeiro de 1937.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 03 de maio de 1935.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 05 de dezembro de 1937.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 05 de junho de 1940.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 06 de julho de 1938.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 06 de março de 1936.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 07 de dezembro de 1939.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 07 de junho de 1928.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 07 de março de 1936.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 07 de setembro de 1939.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 08 de junho de 1928.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 09 de julho de 1937.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 11 de janeiro de 1933.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 11 de maio de 1939.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 12 de abril de 1939.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 13 de janeiro de 1933.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 13 de junho de 1934.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 15 de dezembro de 1935.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 15 de novembro de 1940.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 16 de junho de 1935.

Diario de Notícias. Ribeirão Preto, 17 de dezembro de 1940.

- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 17 de janeiro de 1936.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 18 de julho de 1936.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 18 de novembro de 1939.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 18 de outubro de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 18 de setembro de 1940.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 20 de março de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 21 a 27 de junho de 1935.
- Diario de Noticias*. Ribeirao Preto, 22 de fevereiro de 1934.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 23 de abril de 1939.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 24 de dezembro de 1939.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 24 de maio de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 25 de maio de 1937.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 27 de junho de 1937.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 27 de novembro de 1930.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 29 de agosto a 04 de setembro de 1935.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 29 de março de 1938.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 31 de dezembro de 1936.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 31 de outubro de 1935.
- Justa homenagem – Onésio Motta Cortez. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 21 de dezembro de 1938.
- MELLO, Antonio Dias. *Almanack de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, 1927. [snd].
- O Estado de São Paulo*. 20 de junho de 1920.
- O Reporter*. Ribeirão Preto, 09 de fevereiro de 1899.
- O Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, 21 de Abril de 1898.

Capítulo III

- BOTELHO JUNIOR, Martinho. *Brazil Magazine*: Revista Ilustrada d'Arte e Actualidades. Rio de Janeiro: s.ed., v.57, 1911.
- Decálogo para a mulher casada. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de agosto de 1939.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 01 de outubro de 1935.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 02 de fevereiro de 1932.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 02 de fevereiro de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 02 de outubro de 1938.

- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 03 de dezembro de 1932.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 03 de janeiro de 1937.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 04 de abril de 1934.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 04 de fevereiro de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 05 de abril de 1932.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 05 de novembro de 1940.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 06 de abril de 1932.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 06 de julho de 1939.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 07 de setembro de 1938.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 07 de setembro de 1939.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 08 de agosto de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 08 de setembro de 1932.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 10 de fevereiro de 1938.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 10 de novembro de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de janeiro de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de junho de 1939.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 11 de outubro de 1940.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 12 de março de 1932.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 14 de março de 1934.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 14 de outubro de 1936.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 17 de janeiro de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 17 de junho de 1937.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 17 de maio de 1936.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 17 de outubro de 1935.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 18 de janeiro de 1933.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 19 de agosto de 1934.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 20 de junho de 1940.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 21 de agosto de 1932.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 21 de fevereiro de 1932.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 22 de novembro de 1938.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 22 de outubro de 1935.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 24 de abril de 1934.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 24 de janeiro de 1932.
- Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 24 de junho de 1937.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 24 de novembro de 1940.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 25 de agosto de 1939.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 25 de março de 1936.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 26 de janeiro de 1933.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 26 de setembro de 1939.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 27 de junho de 1939.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 28 de fevereiro de 1934.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 30 de abril de 1933.

Diario de Noticias. Ribeirão Preto, 31 de março de 1932.

MONIZ, H. Os dez mandamentos da mulher moderna. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 04 de agosto de 1934.

Para ser elegante: Conselhos de Chanel. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 18 de agosto de 1939.

RODRIGUES, Chiquinha. São Paulo e a mulher. In: *Diario de Noticias*. Ribeirão Preto, 01 de junho de 1933.

Bibliografia

- ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e Educação*: a paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis. (Orgs.). *Na Estrada do Anhanguera*: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.
- BAHIA, Benedito Juarez. *História, Jornal e Técnica*: história da imprensa brasileira. 5 ed. Rio de Janeiro: Ática, 2009.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou Ofício do Historiador*. Tradução André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BORGES, Maria Elizia. *A pintura na “capital do café”*: sua história e evolução no período da Primeira República. Franca: UNESP/Franca, 1999.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 4^a ed. Tradução Fernando Tomaz, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRIOSCHI, Lucila Reis; et al. *Entrantes no sertão do Rio Pardo*: o povoamento da Freguesia de Batatais século XVIII e XIX. São Paulo: CERU, 1991.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel*: a representação da mulher na imprensa brasileira. São Paulo: Summus, 2009.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAGNO, Carmen. *Ribeirão Preto*: Memória fotográfica. Ribeirão Preto: Editor Colégio LTDA, 1985.
- CÂMARA MUNICIPAL. *Memória*: as Legislaturas Municipais 1874 - 2004. Ribeirão Preto SP: Villimpress Complexo Gráfico, 2004.
- CAMPOS, Raquel Discini de. *A Princesa do Sertão na Modernidade Republicana*: urbanidade e educação na Rio Preto dos anos 1920. São Paulo: Annablume; São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Cultura, 2004.
- _____. Homens Letrados e imprensa da Araquarence. In: FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente (Org.). *Letras e Identidades*: São Paulo no século XX, Capital e interior. São Paulo: Annablume, 2008, p.131-149.

- _____. *Mulheres e crianças na imprensa paulista, 1920-1940*: educação e história. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- _____. *No rastro de velhos jornais*: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica para a escrita da história da educação. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. v. 11, 2012, p. 45-70.
- _____. Um intelectual viajante: Floriano de Lemos no sertão paulista (1926-1930). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n60, 2010, p.157-173.
- CAPANEMA, G. Conferencia proferida por ocasião do centenário do Cólegio Pedro II, 2 de dezembro de 1937. GC/Capanema, Gustavo, 02.12.37, série pi. Apud SCHWARTZMAN, Simon. et al. (Org.). *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, São Paulo: Edusp, 1984.
- CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo*: imprensa paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. A Liga Eleitoral Católica e a Participação da Igreja Católica nas Eleições de 1954 para a Prefeitura de Curitiba. In: *História. Questões e Debates*, Curitiba, v. 55, n 2, 2011, p.137-161. Disponível em:
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/26544/17692> Acessado em: 07 de Agos. 2012.
- _____. *Religião e Política*: a Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições 1932-1954. Dissertação de Mestrado em História, UFPR - Universidade Federal do Paraná, 2000.
- CARVALHO, Carlos Henrique de. *República e Imprensa*: as influências do Positivismo na concepção de Educação do professor Honório Guimarães Uberabinha 1905/1922. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2004.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*: o Imaginário da Republica. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro 1918-1940*. Campinas: Unicamp, 2000.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- _____. A operação histórica. In: LE GOFF, J. NORA, P. *História*: novos problemas. 2 ed. Tradução Theo Santiago, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979, p.17-48.

- CHARTIER, Roger. Introdução: por Uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. *História cultural*: entre práticas e culturais. Tradução Maria Manuela Galhardo, 2ed. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 2002, p.13-28.
- _____. Formas da Privatização - Introdução. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. *História da vida privada*: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Cia. das Letras, 1991, p.165-167.
- CHIARETTI, Nilton. *História do telefone em Ribeirão Preto* (1898-1998). CETERP/Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto: Laguna, 1998.
- CIONE, Rubem. *História de Ribeirão Preto*. I Volume, Ribeirão Preto: IMAG – Gráfica e Editora, 1987.
- _____. *História de Ribeirão Preto*. II Volume, Ribeirão Preto: Legis Summa, 1992.
- _____. *História de Ribeirão Preto*. III Volume, 2 ed. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1993.
- _____. *História de Ribeirão Preto*. IV Volume, Matão: Imago, 1987.
- _____. *História de Ribeirão Preto*. V Volume, Ribeirão Preto: Legis Summa, 1997.
- _____. *Revivescências na História de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1992.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Tradução Rubens Eduardo Ferreira Frias, São Paulo: Centauro, 2005.
- Constituição de 16 de julho de 1934. In: ALMEIDA, Fernando Henrique Mendes de (Org.). *Constituições do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 1954, p.311-312.
- CORTEZ, Onésio da Motta. *O jornalista do interior*. São Paulo: Soma Ltda, 1982.
- COSTA, Ângela Marques; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914*: no tempo das certezas. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta*: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: EDUC/FAPESP - Arquivo do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial SP, 2000.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. *O velho Estadão*. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002, p.223-240.
- DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica. In: _____. *O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottmann, São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p.70-97.
- DEAN, Warren. *Rio Claro*: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

- DOIN, José Evaldo de Mello. *Capitalismo Bucaneiro*: dúvida externa, materialidade e cultura na saga do café (1889-1930). V. 1. Tese de Livre Docência em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP/Franca, 2001.
- DOIN, José Evaldo de Mello; PEREIRA, Robson Mendonça (Orgs.). *A Belle Époque Caipira*: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930). Franca: UNESP-FHDSS, Xerox do Brasil/CEMUNC, 2005.
- ECO, Umberto (Org.). *História da beleza*. Tradução Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2004.
- EGAS, Eugênio de Andrade. *Os municípios paulistas*. 2v. São Paulo: Secção de Obras do Estado de São Paulo, 1925.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*: formação do Estado e Civilização. v.2, Tradução Ruy Jungmann, Revisão, apresentação e notas: Renato Janire Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- ESPADA LIMA, Henrique. Parâmetros de um debate In: _____. *A micro-história italiana*: escolas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.21-137.
- FARIA, Rodrigo Santos de. *Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930)*: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003.
- Fascículo, N29. In: *Revide*. N145. Ribeirão Preto SP: São Francisco Gráfica e Editora, [snd].
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*: Historiografia e História. 12ed. - São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- FERNANDES, Thaty Mariana. *Atividades musicais urbanas em Ribeirão Preto*: nas primeiras décadas do século XX. Dissertação de mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 2008.
- FONSECA, Sérgio César. A interiorização da assistência à infância durante a primeira república: de São Paulo a Ribeirão Preto. *Educação em Revista* (UFMG), vol.28, n.1, 2012, p.79-108.
- FRANÇA, Jorge Luiz de. *Meretrizes na Belle Époque do Café*: cabaré e sociedade (1890-1920). Monografia em História - Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2006.
- _____. *Na trilha do feminismo*: imprensa feminista na Ribeirão Preto de 1918-1914. Monografia apresenta ao curso de Especialização em História, Cultura e Sociedade - Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2008.

- FRANÇA, Jorge Luiz de; APARÍCIO, Letícia Ricci. Novos Hábitos: espaços sociais e moda feminina na *Belle Époque*. In: **DIALOGUS**. Ribeirão Preto, v.1, n.3, 2007, p.329-352.
- GERODETTI, João Emilio; CORTEJO, Carlos. **Lembranças de São Paulo**: o interior paulista nos cartões-postais e álbum de lembranças. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2003.
- GIORGIANI, Tiago Silva. **Pelos caminhos das palavras**: uma breve interpretação da Rádio P.R.A.7. a partir das suas representações. Monografia em História - Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2005.
- GONCALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Orgs.). **Novos Temas em História da Educação brasileira**: Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas-SP/Uberlândia-MG: Autores Associados/EDUFU, 2002, p.197-225.
- GONCALVES NETO, Wenceslau; CARVALHO, Carlos Henrique; ARAUJO, José Carlos Souza. Discutindo a História da Educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Orgs.). **Novos Temas em História da Educação brasileira**: Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas-SP/Uberlândia-MG: Autores Associados/EDUFU, 2002, p.67-89.
- GONDRA, José Gonçalves. Medicina, higiene e educação escola. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. et al. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.519-550.
- GUIÃO, João Rodrigues. (Org.). **O município e a cidade de Ribeirão Preto na comemoração do 1º. centenário da independência nacional**: 1822-1922. Ribeirão Preto, 1923. [s.n.]
- HALL, Catherine. Sweet Home. In: PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. V.4. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p.53-87.
- HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café**: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- JAYME, Lúcia Rezende. **A educação pública na Petit Paris paulista (Ribeirão Preto, 1890-1920)**. Dissertação de mestrado em Educação Escolar. Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2011.
- JACOB, Cristiane Bassi. Jornalismo escrito em Ribeirão Preto: empresas familiares e planejamento sucessório. In: **Matteria Primma**. Ribeirão Preto: Ed. Faculdades COC, 2008. v.2, n.2, p.121-144.
- JARDIM, Renato. **Reminiscências**. São Paulo: José Olympio, 1946.

- JORGE, Janes. A vida turbulenta na Capital D' Oeste: Ribeirão Preto, 1880-1920. *Historia & Perspectivas*. (UFU), Uberlândia, v.1 n29 e 30, 2003, p.129-157.
- JORGE, Janes. *O crime de Cravinhos: oligarquia e sociedade em São Paulo 1920-1924*. Dissertação de Mestrado em História Social, São Paulo: FFLCH - USP, 1998.
- JORGE, Sônia. *Rádio, modernidade e sociedade em Ribeirão Preto, 1924-1937*. Dissertação de Mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP/Franca, 2008.
- KOSSY, Boris. *Fotografia e História*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- _____. *Realidades e ficções na trama da fotografia*. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- LAGES, José Antônio Correa. O povoamento da mesopotâmia Pardo-Mojiguaçu por correntes migratórias mineiras: o caso de Ribeirão Preto (1834-1883). Dissertação de Mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 1995.
- _____. *Ribeirão Preto*: da Figueira à Barra do Retiro - o povoamento da região pelos entrantes mineiros da primeira metade do século XIX. Ribeirão Preto: VGA Editora e gráfica, 1996.
- LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. Tradução Glória Maria de Mello Carvalho, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e Memória*. 5 ed. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2003, p.525-541.
- LEVI, Darrell E. *A família Prado*. Tradução, José Eduardo Mendonça. São Paulo: cultura 70, 1977.
- LEWIS, Mumford. *A Cidade na História*: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução Neil R. da Silva, 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 1º Tomo, 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1950.
- LOPES, Daniel Henrique. *As Experiências Femininas na AIB, 1932-1938*: Revendo o Passado. Gênero e Representações. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília 2007.
- LOPES, Cristiane Fernandes. *Quod Deus Conjugxit Homo Non Separet*: um estudo de gênero, família e trabalho através das ações de divórcio e desquite no tribunal de justiça de campinas (1890-1938). Dissertação de Mestrado em História Econômica, USP - Universidade de São Paulo, 2002.

- LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- LOVE, Joseph. *A Locomotiva*: São Paulo na Federação Brasileira 1889-1937. Tradução Vera Alice Cardoso da Silva, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; et al (Orgs.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p.111-163.
- LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. 3. v. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p.367-421.
- Maria Helena Rolim Capelato. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto - Coleção Repensando a História, 1988.
- MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias*: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. 2 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1974.
- MELLO, Rafael Cardoso de. *As flores do Café*: por uma história das mulheres de Ribeirão Peto. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.
- _____. *Um “coronel de saias” no interior paulista*: a “rainha do café” em Ribeirão Preto (1896-1920). Dissertação de Mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 2009.
- MILLIET, Sérgio. *O roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: HUCITEC/INL – Fundação Pró-Memória, 1982.
- MIRANDA, José Pedro de. *Ribeirão Preto de Ontem e de Hoje*. Ribeirão Preto: El Dorado, 1971.
- MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC/POLIS, 1984.
- MOTA, Carlos Guilherme. *São Paulo*: exercício da memória. Estudos Avançados, v.17, n.48. 2003, p.241-263.
- NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. *Educação em revista*: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo, Escrituras, 1997, p.11-32.
- PADILHA, Márcia. *A Cidade como espetáculo*: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

- PARISI, Will. 125 anos de Jornalismo: Ramiro Pimentel, um homem e um marco para Ribeirão Preto. In: *Lucta*. Ribeirão Preto: Litterati Editora Ltda, São Francisco Gráfica e Editora, Outubro, 2009.
- PERINELLI NETO, Humberto; DOIN, José Evaldo de Mello; PACANO, Fábio Augusto. A. Incursões pela *Belle Époque Caipira*: proposta de uma prática de História da cidade e do Urbanismo. In: *Dialogus*: Revista do Departamento de História e Geografia. Ribeirão Preto: Centro Universitário Barão de Mauá. 2006, v.1, n.2. p.213-237.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- _____. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- PINTO, Luciana Suarez G. *Ribeirão Preto a Dinâmica da Economia Cafeeira de 1870 a 1930*. Dissertação de Mestrado em Economia – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara, 2000.
- POSSAS, Lidia Maria Vianna. Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-1938). In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p.257-277.
- _____. *Mulheres, trens e trilhos*: modernidade no sertão paulista. Bauru: EDUSC, 2001.
- PRADO JUNIOR, Martinho. *In memoriam*. São Paulo: snd., 1943.
- PRATES, Prisco da Cruz. *Relembrando o passado*. 2. ed. Ribeirão Preto: União/Academia ribeirão-pretana de Letras, II Volume, 1979.
- _____. *Ribeirão e os seus Homens Progressistas*. Ribeirão Preto: Copiadora Off-Set Rossi, 1981.
- _____. *Ribeirão Preto de outrora*. 3 edi. Livro comemorativo do centenário da cidade, 1956. Ribeirão Preto 1971.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Tradução Guilherme de Freitas Teixeira, Belo Horizonte: Autêntica 2008.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Ufanismo paulista*: vicissitudes de um imaginário. Revista da USP, n.13, 1992. p.79-87.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002, p.578-606.

- REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. (Org.). **História da vida privada: da renascença ao século das luzes**. 3v, Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SÁ, Frederico Mendes; SOUZA, Marco César de. **Memórias de Ribeirão Preto**: rumo ao novo milênio. Ribeirão Preto: Clips Editora S/C, 1999-2000.
- SAES, Flávio Azevedo Marques. **A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira, 1850-1930**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. **As ferrovias de São Paulo, 1870-1940**: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo. São Paulo: HUCITEC/INL - MEC, 1981.
- _____. **Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto**. V. II. São Paulo: Casa Gráfica José Braulio e Comp, 1921.
- SANT'ANA, Andréa Marcia. **Imprensa, Educação e Sociedade no Interior Paulista: Ribeirão Preto (1948-1959)**. Dissertação de mestrado em Educação Escolar. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2010.
- SANTIAGO, Gil; REZENDE, André Luís. **PRA-7**: a primeira rádio do interior do país. Ribeirão Preto: São Francisco, 2005.
- SANTOS, Plínio Travassos dos. **Ribeirão Preto histórico e para a história**. Ribeirão Preto: s.ed., 1948.
- SCHMITT, Jean-Claude. A moral dos gestos. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (Org.). **Políticas do corpo**. Tradução Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.21-38.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP 1992, p.63-95.
- SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). **História da vida Privada no Brasil**. 3. vol. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p.7-48.
- SILVA, Castro. Desenho de um ramo de café frutificado - Cafeeiro (Coffee Arabica). Directoria Geral de Estatística, 1908. Apud SILVA, Adriana; ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira; SILVA, Michelle Cartolano de Castro; REGISTRO, Tânia Cristina. **Filhos do Café**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.275-296.

- SOUZA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIÓ, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret. Para ler Bertha Lutz. In: *Cadernos Pagu* (UNICAMP), Campinas, v. 24, 2005, p.315-325.
- SOUZA, Rosa. Fátima. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário)*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. *Templos de Civilização*. São Paulo. Editora da UNESP. 1998.
- TORNATORE, Nicola. *A Cidade 100 Anos Fazendo História*. Ribeirão Preto: São Francisco/A Cidade, 2005.
- TUON, Liamar Izilda. *O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1890-1920)*. Dissertação de Mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 1997.
- VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da história*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.127-162.
- _____. *Os protagonistas anônimos da história*: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. et al. (Org.). *500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte*: Autêntica, 2007, p.399-422.
- _____. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.
- VIGARELLO, Georges. *História da beleza*: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Tradução Léo Schlafman, Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- WALKER, Thomas W; BARBOSA, Agnaldo de Sousa. *Dos coronéis a metrópole*: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX. Tradução Mariana Carla Magri, Ribeirão Preto, SP: Palavra Mágica, 2000.
- WIRTH, John. D. *O fiel da balança*: Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ZAMBONI, Maria Célia. *A Mogiana e o Café*: contribuições para a história da Estrada de Ferro Mogiana. Dissertação de mestrado em História - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP/Franca, 1993.

